

REVISTA DO ENSINO



ANO XIII - 1964

Publicação da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul

99

Outono

Letra e Música: Rafaela R. Furtado

Andante

The sheet music consists of eight staves of musical notation for voice and piano. The lyrics are written below each staff. The music is in common time (indicated by '4') and the key signature is A major (indicated by a single sharp sign). The vocal part is in soprano range.

0 ve - rão termi -
- nu. Calmo o Outono já che -
- gon. Velhas folhas amar -
Lento celas começam a vir
Ir. Vem grande assim muita
deixa - - - - - friam
la no chão onde
arabam de se - - - - -

AOS NOSSOS LEITORES

É difícil explicar uma situação quando ela é complexa. Muitas vezes desviamos dos nossos leitores das dificuldades que enfrentávamos para fazer circular a nossa Revista do Ensino. Da mesma rechazamos compreensão e opinião.

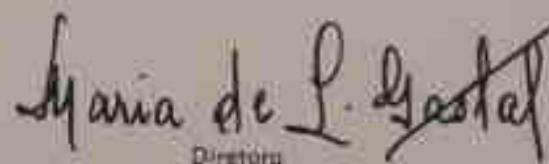
Durante um ano não foi possível colocá-la nas mãos de nossos leitores. Entretanto, nenhum dia deixamos de lutar para que tal não acontecesse. Mas, há incógnitas em que as circunstâncias contrariam tão superiores às nossas possibilidades. Daí a ausência da RE durante todos estes meses.

Agora a Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul tem de firmar contrato com a Editora Monumento S. A., da Capital Paulista, conhecida firma responsável pela publicação da apreciada revista "Casa e Jardim". Através desse contrato, irá o Editora Monumento S. A., a partir deste número, imprimir, vender e distribuir a Revista do Ensino.

A parte redacional da nossa Revista não sofrerá modificações em sua orientação técnico-pedagógica. A equipe de redatores permanece a mesma e a Revista do Ensino continua pertencendo à Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

Assim sendo, apenas o setor comercial sofrerá modificações que, temos certeza, serão para assegurar a continuidade desta publicação.

No confiança de que nosso leitor encontrará nos livros aquela recepção de sempre, aqui deixamos este esclarecimento.


Maria de L. Gestal
Diretora

IRINEU EVANGELISTA DE SOUZA

(VISCONDE DE MAUÁ)

Nasceu na freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio Grande, hoje Jaguare, Rio Grande do Sul, a 28 de dezembro de 1813.

Filho de família humilde e sem projeção social, perdeu o pai aos 5 anos, tendo sido levado aos 11 por um tio do Rio de Janeiro.

Como não tivesse recursos para estudar, foi trabalhar na loja de um comerciante português que, ao fim de 4 anos, em virtude de os negócios não prosperarem e querendo retirar-se, preocupou-se em colocar o jovem Irineu na casa de um rico comerciante inglês estabelecido no Brasil, Ricardo Carneiro.

Em virtude de sua bondade, competência e honestidade, Irineu já era socio-

gerente da firma aos 23 anos. Quando o dono se retirou para a Inglaterra, deixou-o como responsável.

Em 1840, viu à Europa, onde em contato com seu antigo patrão, trouxe novas idéias para o progresso do Brasil.

Autodidata, de espírito aberto ao progresso, dentre outras iniciativas importantes organizou em 1851 o Banco do Brasil, instalou em vários pontos do país vias férreas, construiu navios em estaleiros nacionais, abasteceu o Rio de Janeiro de água e iluminação a gás, iniciou a navegação do Rio Negro.

Pelos extraordinários serviços prestados ao Brasil, em 1845 havia recebido o título de Barão e depois Visconde de Mauá.

Foi deputado, temido se destacado por suas atitudes corretas e inteligentes.

Dono de grande fortuna, conhecida sempre à disposição do país em momentos de crise, como quando no término da guerra do Paraguai.

Apesar disto, faltou-lhe apoio, quando, anos depois, sua firma, através de manobras de inimigos, foi levada à falência.

Já com setenta anos começou a trabalhar como simples corretor, saldando todas as dívidas que ficaram.

Retirando-se para Petrópolis, faleceu vítima de pneumonia agravada no decorso de uma diabetes, dia 22 de outubro de 1889, vinte e três dias antes da queda do regime monárquico.

Nota do SESTRE

O Serviço de Supervisão Técnica da Revista do Ensino se reserva o direito de não aceitar ou rejeitar as colaborações enviadas, como assim o de apor notas esclarecedoras aquelas que, em algum aspecto, possam colidir com a orientação da Secretaria de Educação e Cultura.

Nota da Administração

A Administração da Revista do Ensino espera de seus assinantes o favor de reclamarem, no prazo máximo de trinta dias, contra as eventuais faltas de recebimento dos exemplares a que têm direito.

PARA TOMAR OU RENOVAR ASSINATURA DA REVISTA DO ENSINO LEIA COM ATENÇÃO ESTAS INSTRUÇÕES

Para tornar mais simples e eficiente o trabalho de inscrições e renovações de assinaturas, pedimos aos nossos assinantes que observem exatamente as instruções que seguem:

- I — Onde diz "renovação-inscrição", risque o que não é o seu caso.
- II — Ao enviar cheque bancário, remeta-o junto com a ficha de inscrição.
- III — Observe que não trabalhamos com reembolso postal.
- IV — Quando mudar de endereço, avise-nos imediatamente, indicando, também, o antigo endereço.
- V — Não esqueça de registrar de maneira legível o seu endereço, sempre que nos escrever.
- VI — Os cheques bancários devem ser enviados a um dos seguintes endereços:

"REVISTA DO ENSINO"

Em Porto Alegre — Av. Borges de Medeiros, n.º 1224 — 13.º andar

Em São Paulo — Rua Conselheiro Crispimiano,
n.º 58 — 7.º andar.

No Rio de Janeiro — Avenida Rio Branco n.º 16
— Edif. Av. Central — 7.º andar — Sel. II

Em Brasília - SCS - Q. 17 - Lotes 26/27 - 7.º andar - conj. 708

PARA TOMAR OU RENOVAR ASSINATURA DA REVISTA DO ENSINO

Destaque o quadro que segue, preenchendo-o conforme as instruções acima.

Autorizo a remoção inscrição de minha assinatura da Revista do Ensino, a contar do n.º _____

Para esse fim, envio em Cheque Bancário a quantia de Cr\$ _____

Porte simples

(Data)

1 uno (10 mil) Cr\$ 6000,00

expedida em _____

Nome: _____

Enderço (Bem legível) _____

Rua: _____

Bairro: _____

Cidade: _____

Estado: _____

CUIDADO COM OS BALSOS AGENTES! EXHA A CARTEIRA DE IDENTIDADE FORNECIDA POR ESTA REVISTA. A "REVISTA DO ENSINO" NÃO SE RESPONSABILIZA POR ASSINATURAS FEITAS COM PESSOAS NÃO CREDENCIADAS.



CONSULTA O PROFESSOR

REVISTA DO ENSINO, neste número, agradece a colaboração prestada pelos professores, que, respondendo às perguntas formuladas em sua "enquête", trazendo suas sugestões e solicitando novas seções que venham preencher suas necessidades no campo do ensino, oportunizam-nos a realização de um planejamento mais eficiente, que virá responder com maior ênfase às exigências do magistério primário brasileiro.

De acordo com os resultados obtidos, a grande maioria dos professores concorda com a orientação seguida até aqui pela Revista, estando satisfeita com o nível dos artigos apresentados e exigindo que sejam mantidas todas as sessões, onde encontraram, até agora, a resposta para muitos dos problemas surgidos em suas classes. Ainda, dando-nos uma orientação mais segura quanto a suas necessidades, apontaram aquelas sessões de maior interesse e que deverão, por isso mesmo, estar em primeiro plano, em nossa Revista do Ensino.

Devemos agora esclarecer que serão realizados pela nossa equipe os trabalhos sugeridos sobre assuntos específicos, conforme o número de solicitações e sua adequação com o planejamento geral da Revista.

Podemos já adiantar que, atendendo ao maior número de sugestões, estão agora em preparo trabalhos sobre Psicologia da criança, ciências e matemática, técnicas de trabalho em grupo, planos para excursões, Educação Rural e suplementos de geografia, com mapas e sua interpretação. Ainda, devido ao grande número de solicitações, serão ampliadas nos próximos números, as seções de Música e Educação Pré-primária.

De um modo geral, ficam êstes os resultados obtidos em nossa "enquête", que vieram trazer uma grande contribuição à nossa Revista, possibilitando sua maior aproximação aos interesses do magistério.

Abaixo transcrevemos a relação dos professores contemplados no sorteio, que dentro em breve receberão seus envelopes de material didático, já expedidos.

- | | |
|---|--|
| 1 — Adélia de Campos Carregal — GB | 26 — Maria Antonista Vizir Romanó — Cabo Verde — MG |
| 2 — Aldí Vargas Nolasco — RS | 27 — Maria Auxiliadora Souza Vianna Almeida — Guaporé — MG |
| 3 — Alice Pinto Silva — Barra Mansa — RJ | 28 — Maria da Conceição Lopes Seus — Restinga — RS |
| 4 — Ana Augusta Nina Dinelly — Parintins — AM | 29 — Maria Helena Teixeira dos Santos — Campinas — SP |
| 5 — Anna Alice Brandão de Figueiredo — Faz. Itamar | 30 — Maria de Lourdes Matin — São Paulo — SP |
| Cedral — SP | 31 — Maria de Lourdes Patrício Atanes — Santos — SP |
| 6 — Ana Maria Ariofá Ribeiro — Santa Maria — RS | 32 — Mercês de Faris R. Campos — Mercês — MG |
| 7 — Arcênio Sírio Drehmer — Linha Winck — Estréla — RS | 33 — Neusa de Almeida Massadas — Abolição — GB |
| 8 — Auxilia Gessegina Ross Junqueira — Franca — SP | 34 — Nilza Clarinha Bahmeier — Estrela — RS |
| 9 — Celeste Regina Porto Borjas — São Leopoldo — RS | 35 — Norma Corrêa Borges — GB |
| 10 — Daisy Lúcia Guimarães — GB | 36 — Rose Marie de Carvalho Reis — Pelotas — RS |
| 11 — Dulce Marcondes Ribeiro — Presidente Prudente — SP | 37 — Ruth Farias — Itajubá — MG |
| 12 — Ecila Maria Bastos — GB | 38 — Ruthnah Mattos dos Santos — Niterói — RJ |
| 13 — Enaílaine Bocha — Imbituba — PR | 39 — Setsuko Sakata — Bauru — SP |
| 14 — Eneida Laura Burne — Porto Alegre — RS | 40 — Suely de Souza Lenz — Porto Alegre — RS |
| 15 — Ester Tiegue de Macêdo — São Paulo — SP | 41 — Suzana Beatriz Endres — São Leopoldo — RS |
| 16 — Eunice Moreno — São Paulo — SP | 42 — Suzane de Castro Rodrigues — São Paulo — SP |
| 17 — Irmã Assunta Stival — Nossa Prata — RS | 43 — Teresa Cristina Lamus de Figueiredo — Niterói — RJ |
| 18 — Irmã Maria Bernadete Cunha — Sorocaba — SP | 44 — Wilma Martins Machado — Campinas — SP |
| 19 — Irmã Vera Maria — Dionísio Cerqueira — SC | 45 — Ybis Ribeiro de Loyola — São Paulo — SP |
| 20 — Isabel da Fontoura — Salvador — BA | 46 — Yolanda Arbo — Palmeira das Missões — RS |
| 21 — Janice Maria Cunha Matta — Porto Alegre — RS | 47 — Zilma Esteves — Bauru — SP |
| 22 — João Batista Fonseca — Santos — SP | 48 — Ariene Sena Gomes Lopes — Itabuna — BA |
| 23 — José Blansky Filho — Curitiba — PR | 49 — Iolanda Maria Kruger — São Gabriel da Palha — ES |
| 24 — Josephina D. Balocchi — São João do Caiá — PR | 50 — Lilas de Paiva Silva — Registro — SP. * |
| 25 — Lourdes da Silveira Amaral Campos — Santarém — PA | |

"Pepita"



da linha

MONARK brasiliiana

A MELHOR BICICLETA DO MUNDO

BICICLETAS MONARK S. A. - FILIAL
Ramiro Barcelos, 67 - Porto Alegre -



Diretora: Prof.ª Maria de Lourdes Gastal

Assistentes: Prof.ª Gehrcez A. Vieira

Prof.ª Marinha Lopes

Prof.ª Magdalena Lutzenberger

Redatores-Chefe: Prof.ª Flávia Maria Rosa

Secretaria da Redação: Prof.ª Enilda T. Andrade

Redatores: Prof.ª Gilda Garcia Bastos

Prof.ª Paulina M. Vissoky

Prof.ª M.ª Aparecida Grondona

Prof.ª Maria Beatriz Eymael

Prof.ª Ester Malamut

Prof.ª Cláudia Strauss

Prof.ª Valmira Piccinini

Jacob Malachik

Bibliotecária: Prof.ª Dória Soares Lopes

Planejamento e Ilustração:

Prof.ª Marilena M. Fávero

Prof.ª Elsy P. Ferreira

Rosa Lutzenberger

Lygia Odório Márquez

Júlio Costa

Editor Comercial: Ruben Muraure Schmitz

Secretaria de Expediente: Enilda Pinto

Escritório em Brasília:

End. SCS — Q. 17, lote 26/28 — Edifício Caneca,
7.º and. — conjunto, 708

Escritório no Rio de Janeiro:

End. Av. Rio Branco, n.º 156 — Ed.
Av. Central — 7.º andar — Sala 717

Escritório em São Paulo:

End. Rua Cons. Crispiniano, n.º 58 — 7.º andar

ASSINATURAS E PUBLICIDADE

Publicações Latino-Americanas Ltda.

Rua Cons. Crispiniano, 398 — 2.º andar
conjunto 201 — Telefone 33.5722

Repre. em Belo Horizonte:

End. Rua Rio Grande do Sul, 768 — 2.º andar

Supervisão Técnica: Centro de Pesquisas e
Orientação Educacionais da SEC

Impressão: Liv. do Globo S/A

Periodicidade: 10 números anuais,
de março a dezembro

Preços:

Assinatura anual — porte simples: Cr\$ 6.000,00

Número avulso: Cr\$ 700,00

Número atrasado: Cr\$ 700,00

Os direitos autorais estão reservados ao autor.

Desenvolvemos parcerias com revistas similares.

WANT TO RECEIVE NEWSLETTER WITH ALL similar publications.

A remessa do número deve ser feita sempre em nome da "REVISTA DO ENSINO", por Cheque Bancário. Não trabalhamos com Reembolso Postal.

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO:

40.000 EXEMPLARES

Neste número:

CAPA: Célioquino Trabalham na Sequência de Experiências da REVISTA DO ENSINO.

Foto: Jorginho Krause

COMUNICADOS DO CPOE

2 — Atualização dos Conteúdos no Programa Biennário: Países do Mundo
e suas Capitais; Rio Tapajós — Org. por Isabella Kertes

ENTREVISTA

4 — Professora Odila Barros Xavier entrevistada pela Prof.ª Maria Aparecida
Grondona

REPORTAGEM

9 — RE Presentando o Brasil do Sol —
Nota da participação no VI Congresso
Nacional de Professores Primários —
Belém do Pará — Brasil

Prof.ª Maria Aparecida Fávero
e Lygia Odório Márquez

EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

12 — Nossa Sala de Aula: O Cantinho da Ciência — SEC-GB

ENSINO PRIMÁRIO

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

14 — Observatório — Trad. de Mônica Rossi e Marceline Merchant

DIREÇÃO DA APRENDIZAGEM

EDUCAÇÃO GERAL

16 — Unidade de Trabalho: A Estrada BR-2 — Coord. de Líba Tula Knajnik

LINGUAGEM

22 — Negrinho do Pastoreio (poesia) — Dias Pandolfo Ketzer
23 — A Criança e a Composição — Prof.ª Maria Aparecida Grondona
27 — Minhação do Coração (poesia) — Geni Chaves

CIÊNCIAS NATURAIS

26 — Observações e Experiências: Soja — Seu Papel na Vida Brasileira — Prof.ª
Cláudia Strauss

ESTUDOS SOCIAIS

Retrato do Mês: Irmão Evangelista de Souza

28 — Planos de Aula de História — II — Prof.ª Lúcia de Lima

ARTES APlicadas

32 — Trabalhos de Feltro — Prof.ª Maria M. Magdalena Lutzenberger

33 — Decorações com lares — Prof.ª Marilena Márquez Fávero

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

2.ª Capa: Outono — Música e Letra de Rafaela R. Fortado

3.ª Capa: Milho Dourado — Música de Antônio Gondim

Letra de Pierre Loti

34 — Minhação — Letra e Música de Rafaela R. Fortado

34 — Segredo — Música: Jozette S. M. Fávero

Letra: Maria Elias

EDUCAÇÃO FÍSICA

36 — Jogos para Dias de Chuva — Prof.ª Maria Beatriz Eymael

41 — Importância da Voz para o Professor de Educação Física — Prof.ª Olairi
Perugini de Castro

EDUCAÇÃO CÍVICA

35 — Princípios para uma Pedagogia do Cívismo — Dr. Júlio Ribeiro dos Santos

EXERCÍCIOS E DIVERTIMENTOS

54 — Secção apresentada pela Prof.ª Gilda Garcia Bastos

EDUCAÇÃO RURAL

45 — A Educação do Homem do Campo - I — Prof.ª Valmira Piccinini

46 — Integração do Imigrante — A Aprendizagem de uma Língua Estrangeira
— Mercedes Merchant

EDUCAÇÃO ESPECIAL

59 — Princípios Gerais do Ensino Especial para os Mentalmente Excepcionais —
Edy Pinhalino Alves

EDUCAÇÃO PARA O LAR

60 — Secção apresentada pela Prof.ª Valmira Piccinini

CANTINHO DAS NOVIDADES

64 — Secção apresentada pelas Prof.ª Flávia Maria Rosa e Maria Aparecida Grondona

PROBLEMAS DE PAIS E FILHOS

67 — Saúde Mental — Prof.ª Genêrcia Vieira

TESE

55 — As Revistas Pedagógicas e a Atualização do Professor — Equipe da RE

BIBLIOGRAFIA

66 — Livros Recebidos

68 — Literatura Infantil — Laysse C. Piccinini

72 — Bibliografia — Técnicas para seu Preparo — Prof.ª Dória Soares Lopes e
Yedda B. Gomes

COMUNICADO

ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS SOCIAIS ATUALIZAÇÃO DE CONCEITOS CONTIDOS NO PROGRAMA PRIMÁRIO

Organizado por ISABELLA KENNA

Assinando a comissão dirigida a este Centro por professores primários do Estado, assinamos o presente comunicado, que inclui uma relação dos países do mundo e suas capitais e, ainda, esclarecimentos sobre o rio Tocantins.

PAÍSES DO MUNDO E SUAS CAPITAIS

Consultando diversas obras, organizamos uma relação atualizada dos países do mundo e suas capitais.

Considerando as divergências quanto à grafia dos nomes desses países e capitais, procuramos, no presente levantamento, e sempre que possível, usar aquela adotada pelo Conselho Nacional de Geografia no "Atlas de Relações Internacionais".

Outras fontes consultadas para organizar a presente relação foram o Atlas Histórico Escolar e o Atlas Geográfico Escolar, publicados pelo Ministério de Educação e Cultura, e o Almanaque Mundial (1963), organizado sob a direção de Eduardo Cárdenas.

Incluímos, aqui, apenas os países independentes autônomos, por serem, ao que nos parece, os de maior importância para estudo nas classes primárias.

AMÉRICA

PAÍSES	CAPITAIS
Argentina	Buenos Aires
Bolívia	Sede do Governo: La Paz Capital Legal: Sucre
BRASIL	Brasília
Canadá	Ottawa (Otawa)
Chile	Santiago
Colômbia	Bogotá
Costa Rica	São José
Cuba	Havana
Equador	Quito

PAÍSES

Estados Unidos da América	
Guatemala	
Haiti	
Honduras	
Jamaica	
México	
Nicarágua	
Panamá	
Paraguai	
Peru	
Pórtico Rico	
República Dominicana	
Salvador	
Trinidad-Tobago	
Uruguai	
Venezuela	

CAPITAIS

Washington	
Guatemala	
Pórtico Príncipe	
Tegucigalpa	
Kingston	
México	
Manágua	
Panamá	
Assunção	
Lima	
San Juan	
Santo Domingo	
São Salvador	
Pórtico Espanha	
Montevideu	
Caracas	

EUROPA

Albânia	
Alemanha Ocidental	
Alemanha Oriental	
Andorra	
Austrália	
Tirana	
Bonn	
Berlim Oriental	
Andorra, A Velha	
Viena	

PAÍSES

	CAPITAIS
Bélgica	Bruxelas
Bulgária	Sofia
Dinamarca	Copenhaguen (Copenhagen)
Espanha	Madrid
Finlândia	Helsinki
França	Paris
Grã-Bretanha	Londres
Grécia	Atenas
Holanda	Capital: Amsterdam Sede do Governo: Haia
Hungria	Budapest
Irlanda	Dublin
Islândia	Reykjavik
Itália	Roma
Iugoslávia	Belgrado
Liechtenstein	Vaduz
Luxemburgo	Luxemburgo
Mônaco	Mônaco
Noruega	Oslo
Polônia	Varsóvia
Portugal	Lisboa
Rumânia	Bucarest
São Marinho	São Marinho
Suécia	Estocolmo
Suiça	Berna
Tchecoslováquia	Praga
União Soviética	Moscou
Vaticano	Santa Sé

PAÍSES

Tchad	Fort Lamy
Togo	Lomé
Tunísia	Túnis
Rodésia do Sul	Salisbury
Ruanda	Kigali
Uganda	Entebbe
União Sul-Africana	Pretória

Á SIA

Afganistão	Cabul
Arábia Saudita	Mecca e Riad
Barém	Manama
Birmânia	Rangún
Butan	Paro
Cambódia	Pnom-Pen
Ceilão	Colombo
China Comunista	Pekim
China Nacionalista	Taipé
Chipre	Nicósia
Coreia do Norte	Pyong-Yang
Coreia do Sul	Seul
Filipinas	Manilla
India	Nova Delhi
Indonésia	Djacarta
Iran	Teeran
Iraque	Bagdad
Israel	Jerusalém
Japão	Tókio
Jordânia	Amman
Kuwait	Kuwait
Laos	Vientiane
Líbano	Beirut
Mascate e Omã	Mascate
Mongólia	Ulan Bator
Nepal	Katmandu
Paquistão	Rawalpindi
Quatar	Doha
Singapura	Singapura
Síria	Damasco
Tailândia	Bangkok
Tibet	Lhassa
Turquia	Ankara
União Malaia	Kuala Lumpur
Vietnam do Norte	Hanoi
Vietnam do Sul	Saigon
Yemen	Sanaa

O C E Á N I A

Austrália	Canberra
Nova Zelândia	Wellington
Samos Ocidental	Apia

RIO TOCANTINS

Transcrevemos no presente comunicado parte de um trabalho do geógrafo Lucio de Castro Souza, incluído no livro "Geografia do Brasil - Grande Região Norte", publicação do Conselho Nacional de Geografia.

(Continua na pág. 701)

	ÁFRICA
Alto Volta	Uagadugu (Uagadugu)
Argélia	Argel
Burundi	Usumbara
Camerum	Iaundé (Yaundé)
Congo (Ex-Congo-Belga)	Leopoldville
Congo (Ex-Congo-Francês)	Brazzaville
Costa do Marfim	Abidjan
Dahomé (Dahomey)	Pôrto Nôvo
Egito	Cairo
Etiópia	Addis-Abeba
Gabão	Libreville
Ghana	Aera
Guiné	Conakri
Líberia	Monróvia
Líbia	Trípoli e Benghazi
Mali	Bamako
Marrocos	Rabat
Mauritânia	Nuakchott
Niger	Niamney
Nigéria	Lagos
República Centro-Africana	Bangui
República Malgaxe	Tananarive
Senegal	Dakar
Serra Leoa	Freetown
Somália	Mogadiscio
Sudão	Khartum
Tanganica	Dar Es Salaam

A
RE
ENTÃO,
APRESENTA O

Numa sala do 2º Piso — sala 70 — do Instituto de Educação "Gen. Flóres da Cunha" — Porto Alegre, Rio Grande do Sul — funciona um Laboratório de Matemática. E nós sabemos que a matemática, neste laboratório, atualiza-se diariamente. Nossos trabalhos são lançados em experiência, a fim de que se verifique como podem ser realizados e de que maneira estão de acordo com a nossa realidade matemática, quais os objetivos dos que nos propomos atualmente são por nós alcançados?

Assim, quem tem uma vida ligada ao ensino e à educação, quem procura, no contexto do magistério, realizar um trabalho situado e que venha realmente atender ao contexto em que vive a criança com que trabalha, chegará ao Laboratório de Matemática, pessoalmente ou procurando suas publicações. Entrará em contato com uma equipe que se dedica, com empenho, amor e um grande senso de realização, a um trabalho precioso no campo de matemática, buscando a mais alta de renovação que venha respondendo às perguntas matemáticas de nossas crianças, que vêm a participar de sua vida dentro de uma significação real, numa forma unitária, lógica e relacionada. Busca-se então a situação da criança em seu próprio pensamento matemático, dando-lhe moles que possibilitem seu desenvolvimento.

A importância e o relevo de tal trabalho está no caráter de que se reveste e nas iniciativas que toma, fatos que o definem, no conjunto de destaque do ensino riograndense quando o Instituto de Educação "Gen. Flóres da Cunha". Trata-se de atualização do professor primário em face à renovação do ensino de matemática, trabalho de campo, da rede escolar, mantendo o Rio Grande do Sul no plano das questões centrais onde esta renovação surge e se desenvolve.

Por tudo isto, o Laboratório de Matemática, em suas atividades, deve ser dirigido mais amplamente, a fim de que tomemos consciência do estágio que esta matemática atravessa atualmente e de como se acompanha este desenvolvimento, para que se possa vir a que a matemática atual diz que pode ser feito em prol de um tratamento significativo.

LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO "GENERAL FLÓRES DA CUNHA"

NA PALAVRA DE SUA CRIADORA E RESPONSÁVEL

PROFESSORA ODILA BARROS XAVIER

que respondendo às perguntas feitas, numa entrevista informal, retrata a vida deste laboratório em sua função, gênese, objetivos e realização, em um depoimento autêntico e simples, próprio de quem se preocupa verdadeiramente com a realização de alguma coisa sem, às vezes, dar-se conta da contribuição que isto traz. Mas, melhor do que comentar o que foi dito, será reproduzi-lo, de acordo com os itens abordados.

A primeira coisa que procuramos saber, depois de visitar este laboratório, de averiguar a variedade de materiais ali existentes e o clima de trabalho que o envolve, foi como surgiu desta professora que está na base da espiral em que se desenvolve o laboratório, e cujo ideal se faz presente a cada novo caminho trilhado, a ideia da ORGANIZAÇÃO DESTE LABORATÓRIO e, antes disto, a necessidade sentida

de uma RENOVAÇÃO NO CAMPO DA MATEMÁTICA, preparando, ainda, uma equipe de professores capazes de trabalhar realmente com matemática e que, partindo deste laboratório, irão renovar este ensino e continuar sua obra em todos os lugares possíveis.

Esclarecendo-nos, disse a prof. Odila Barros Xavier:

— Desde menina eu gosto muito de trabalhar com matemática e tive a felicidade de ter os melhores professores da época. E qual não foi minha surpresa quando em 1946, mais ou menos, eu vi que estava lendo alguma coisa que eu não entendia em Matemática. E esta surpresa foi que me levou a pensar seriamente numa renovação quanto ao conteúdo matemático para os professores primários. Principalmente as obras de Piaget, onde apareciam seguidamente as expressões "correspondência", "correspondência



Em nossa visita ao Laboratório de Matemática, tivemos oportunidade de conhecer os mais diversos e atualizados materiais didáticos com que se trabalha modernamente. Na foto, a professora Odila Barros Xavier, no centro, que organizou, dirige e marca com sua atuação este ambiente, apresenta-nos parte do material elaborado por ela, na busca de dar maiores meios à criança, no desenvolver de seu pensamento matemático. Ainda presentes as professoras Maria Lygia Botelho dos Santos Chaves, da cadeira de Direção de Aprendizagem em Matemática, Marianina Freia, assistente de dona Odila e a estagiária Regina Rosito.

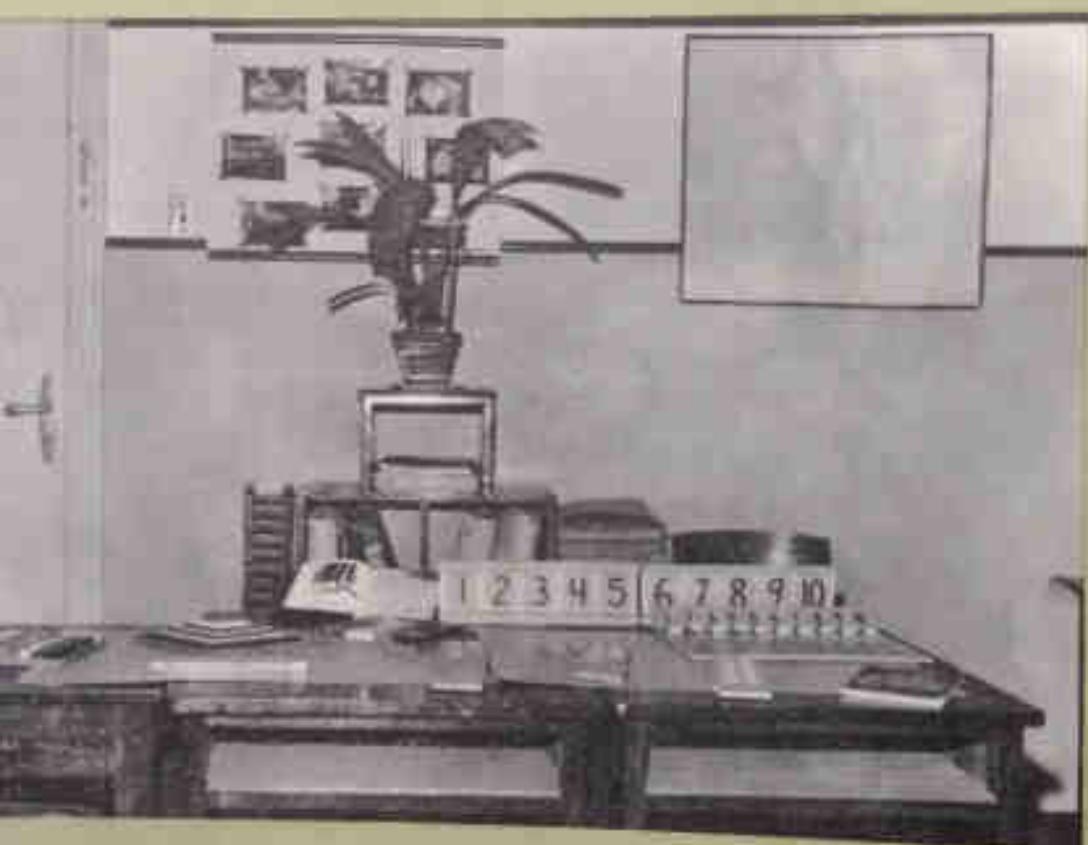
cia binívoca", "conjunto", "estruturas", "paralelismo entre estruturas mentais e estruturas matemáticas". Era um mundo todo novo de Linguagens, que me mostrava um mundo novo e desconhecido também de conceitos. Desde então até o momento, estamos na busca de um conteúdo matemático para os professores primários, porque não se pode dirigir a aprendizagem de qualquer ciência ou de qualquer estudo sem se saber o conteúdo desta própria aprendizagem que se pretende dirigir. Foi o que aconteceu em Matemática. Então começamos a trabalhar com autores norte-americanos e de modo todo especial no conteúdo, com autores europeus. Todos eles eram unânimes, porém, em reconhecer o valor dos materiais. Então surgiu a questão complexa: de um lado a renovação do conteúdo, de outro a necessidade de materiais que as crianças pudes-

sem manipular e fazer auto-descobertas dirigidas. Já tínhamos, então, um elemento híbrido em geral, que era o conteúdo, e também algo para chegar a este conteúdo, que são os materiais. Mas quanto aos materiais tínhamos de pensar muito, ver os valores, a importância, a fundamentação, a técnica, limites e perigos. Então voltamos novamente ao estudo do conteúdo matemático, para selecionar os materiais que havíamos, já, quase que se pode dizer, armazenado. E o laboratório se explica porque é o lugar onde se pretende, em mais do que isto, se trabalha de fato numa auto-descoberta dirigida, para uma elaboração de conceitos, descoberta de princípios, estabelecimento de relações e toda uma lista quase interminável que o estudo de matemática proporciona. Desde 1947 estava em busca deste conteúdo para auxiliar os professores, e o laboratório foi um poderoso

auxiliar que encontrei.

A renovação da matemática sempre me preocupou. Eu lecionava Metodologia da Matemática e já em 1949, com a turma que tínhamos no curso de Administradores Escolares, procurávamos dar, pôr à disposição das professoras — alunas, artigos traduzidos, sendo que o que tenho primeiro, no sentido cronológico, foi "Auto-descoberta no ensino da matemática", de Ralph Coch. Depois desse seguiram-se muitos outros artigos, que traduzimos para que as alunas do curso de Administração Escolar, primeiramente, e depois as de Supervisores, podessem ler o que os autores diziam. Tornou-se, então, quase que um "leit-motiv" e passagem da auto-descoberta dirigida, manipulação de materiais para o estabelecimento de relações, para a descoberta de princípios, para as generalizações, que vinha sempre dentro do conteúdo

Neste ângulo do Laboratório temos, sobre as classes, as "barrinhas coloridas" — material de Cuisenaire — junto à bibliografia que traz sua fundamentação. Este é o trabalho que imanta, no momento, a equipe do Laboratório.



É a professora Maria Lygia Borba dos Santos Chaves que orienta todo o trabalho experimental com o material de Cuisenaire, no Instituto de Educação e seus anexos. Aqui a vemos com a estagiária Regina Rosito, que em sua classe de 1.º ano do Anexo de Bela Vista, caminha com seus alunos, em Matemática, através deste material. Também no Anexo da Av. José Bonifácio trabalha-se com Cuisenaire, obtendo-se resultados surpreendentes.

O material de Catarina Stern, que aqui vemos em exposição, mereceu já do Laboratório de morados estudos e pesquisas sobre seu aproveitamento e resultados, dando margem, então, a trabalho de valor definido.



programático dos procedimentos e dos materiais. Isto, podemos dizer, é o estágio pré-laboratório. Porem, com uma destas turmas ele afirmou-se definitivamente de uma forma muito interessante, com aquele interesse próprio de tudo que tem vida. Havia uma turma do Curso de Administradores Escolares em 1951, uma turma viva e inquieta. As alunas eram muitas e eu não encontrava um meio de que todas se integrassem de fato no trabalho. Isto até que descobri que elas gostavam de fazer materiais. Combinamos, então, um trabalho deste tipo e a turma se integrou — as alunas deveriam fazer os materiais, estudar a fundamentação, a técnica e a aplicação.

Assim, o laboratório surgiu com um trabalho feito pelas próprias alunas do curso de Supervisores, o qual foi dado e guardado, inicialmente, num lugar exiguo, até que conseguissemos esta sala. Esta, pode-se dizer, foi a gênese do laboratório de matemática. De lá para cá a busca continua, incessante e renovada — o laboratório foi aumentado a bibliografia crescendo, através, principalmente, dos professores e professores-alunos. Apenas duas pequenas verbas foram recebidas da Superintendência do Ensino Normal e algumas doações da Cooperativa do Instituto de Educação.

E aqui podemos sentir um problema do Laboratório, o mais grave, que é a falta de verba. O Laboratório vive e se desenvolve em condições materiais precárias. Os próprios folhetos, que eram dados aos alunos agora são vendidos, porém por uma quantia que não chega a cobrir a despesa. Mas, apesar disto, o estudo e a pesquisa têm sido uma constante desde o inicio de nossas atividades.

Hoje parece que temos um rumo mais seguro quanto ao conteúdo matemático e que consiste em dois conceitos básicos e imprescindíveis para o professor primário: o conceito de conjunto, dentro da teoria de conjuntos, e o conceito de estruturas matemáticas. Com isto trabalhamos hoje, especialmente através do material de Cuisenaire".

Passando, agora, à Função do Laboratório de Matemática, disse a Prof.ª Odila que "o objetivo máximo de tal instituição é a atualização e o aprimoramento dos professores primários em Matemática, e em Direção de Aprendizagem. Para isso

ele visa proporcionar a todos, os materiais e a bibliografia que lhes possibilitem a realização de auto-descobertas, com a elaboração de conceitos próprios. Ainda, tem a função de incentivar reuniões, seminários e cursos.

A pesquisa é, também, um dos aspectos que mais caracterizam o Laboratório, o seu traço principal. Dentro dele é que tem sido feita a pesquisa, e foi através dela que chegamos à compreensão de que tínhamos que saber a Matemática que os nossos alunos exigiam. Isto aconteceu não é através dele. As vezes, limos dez ou quinze artigos, para recomendar um. Fora disto, temos também trabalhos de pesquisas organizadas quanto a fatos básicos, operações de inteiros, processos de pensamento na resolução de problemas, sobre a resolução de problemas específicamente e outros diversos assuntos de Matemática e de Direção da Aprendizagem, sendo inumeráveis as pesquisas realizadas pelo Laboratório.

Também as bibliografias que organizamos se destacam. Um dos aspectos importantes nesta renovação a que nos propomos, me parece, é fornecer ao professor uma bibliografia rica, onde ele possa pesquisar e estudar para atualizar-se. Assim, qualquer trabalho que o laboratório propõe seja estudado tem, antes de começar o estudo, uma bibliografia organizada cuidadosamente pela nossa equipe. E a bibliografia do Laboratório é riquíssima, tanto que ainda não encontrei igual em qualquer outra das nossas bibliotecas.

O anedotário é outro ponto alto do Laboratório: são pequenos episódios, com data, sexo, local da observação e registro do mesmo. Depois de alguns milhares vamos classificá-los para ver as faixas de relação entre o crescimento do pensamento relacional e a idade cronológica. Este é um dos trabalhos que nos também encantam.

E as Atividades realizadas podem dizer de como se trabalha para a efetividade destas funções. O laboratório circula dentro da Escola, tendo as salas de aula como verdadeiras filiais, que já se transformaram em laboratório também. O material é levado para lá e manipulado pelas crianças, em busca da auto-descoberta. A própria sala do laboratório muitas vezes não apresenta movimento nenhum, porque ele está nas salas de aula, dentro do I.E. ou

toda dêle. Nós já temos mesmo saído para o interior do Rio Grande do Sul carregando grande parte do material e da bibliografia, e trabalhado em Escolas Normais, como é o caso de Santa Maria, Rio Grande, Pelotas e Cruz Alta.

Ainda, dentro do laboratório, há uma coisa que se deve acentuar muito que é o Círculo de Estudos de Matemática. Os professores integrantes deste círculo reunem-se, conforme a oportunidade, semanal, quinzenal ou mensalmente, e entre suas atividades salienta-se a iniciativa de patrocinar cursos diversos. Entre estes, tivemos um sobre Relações de Equivalência, um sobre Teoria das Frações, e uma Iniciação a Teoria de Conjuntos, a cargo do professor Antônio Ribeiro da URGS, o melhor curso deste gênero realizado no Estado, para professores primários, professores de matemática do Ginásio e da Escola Normal alunas-professoras do curso de Supervisores Escolares, alunas normalistas, técnicos do CPOE, professores de Direção de Aprendizagem e mesmo alunos de Colégio."

Dizendo, depois, "que não imagina uma escola trabalhando sem um laboratório de matemática". Prof.ª Odila Barros Xavier fala na **Relação do Laboratório com as Escolas**. E continua, explicando: "Não quero dizer com isto, que seja necessária uma sala especial para tal trabalho. O que vale é o clima, o equipamento. Uma sala de aula pode ser um laboratório de matemática".

Laboratório, como a palavra já diz, é o lugar onde se trabalha, para descobrir, para conceituar, para generalizar e para estabelecer relações. E aqui surgem os materiais à medida que a criança, como o adulto também, precisa do sensível, do tangível, para o trabalho".

Deste item tivemos aberto o caminho para entrar em contato com o **Trabalho do Laboratório**, em seus aspectos e Experiências. Disse-nos então dona Odila que, no momento, o trabalho experimental que empolga a equipe e aquela com o material de Cuisenaire que, partindo do Laboratório do Instituto de Educação, desenvolve-se no Anexo da Avenida José Bonifácio sob a orientação da Professora Maria Lúcia Borba dos Santos Chaves: "comecei aqui, este trabalho, em

1961, com crianças uma da Escola Maternal e duas do Jardim de Infância. Depois realizamos experiências com o curso de supervisores, de normalistas e com a escola primária, que é o que se está fazendo agora e que é de fato um trabalho experimental. Isto, porém, não inclui outros autores, de que já fizemos muitos trabalhos. Assim, por exemplo, com Catarina Stern, principalmente sobre menor múltiplo comum, frações ordinárias, multiplicação e divisão de números inteiros. Estes foram trabalhos experimentais de primária ordem. Mas, como achamos no momento que o de Cuisenaire apresenta uma maior exigência no ponto de vista matemático, de fundamentação, nós estamos sem deixar de todo os outros materiais, dando-lhe uma atenção toda especial, e, até mesmo no estágio, período de experiência de classe de nossas normalistas, trabalhamos com este material. Desde 1956 ele está nos desafiando, quando foi recomendado por um dos maiores matemáticos europeus de nosso tempo — Caleb Gattegno — que, de matemático puro passara a professor de matemática, levado pelo material de Cuisenaire. Isto, para nós, foi de grande importância, como que um atestado do valor do material. Então, tratamos de adquiri-lo, e o conseguimos em 1957. Mas, de posse do material, vimos que era preciso a bibliografia para os professores, porque o grande perigo do material, que eu chamo de limites e perigos, é ser ele utilizado sem o conhecimento da fundamentação, o que faz com que fique na "madeira", ou na "cartolina", e não preencha sua função que é, exatamente, de despender o conteúdo. O material, como um paradoxo, serve para nos libertarmos dele, serve para que a criança prescinda dele. E, se não houver uma fundamentação e uma técnica bem dirigida, a criança ficará presa ao material. Com isto nós estamos impedindo o crescimento de seu pensamento relacional.

Esta possibilidade de supervisão do material em si e de identidade com o mecanismo do pensamento relacional infantil foi o que encontramos em Cuisenaire. A relação, ou como diz Gattegno, o dialogar com o material, sem interferência de outro. Então estudamos uma introdução à teoria de conjuntos, alias estamos ainda com grupos de estu-

dios, e o trabalho se desenvolve muito bem, principalmente a parte dirigida pela prof.ª Maria Lygia.

As razões por que este material preenche as necessidades que se impõem, estão em sua fundamentação matemática ótima, no gosto com que as crianças trabalham com ele e no fato de estar dentro da matemática moderna. Isto eu acho muito importante, porque, afinal, nós não podemos ficar com a matemática de 200 anos atrás. Hoje as exigências da vida são outras, as nossas crianças têm outros problemas e noções matemáticas, o contexto é outro, e nós temos de estar dentro da época. E dentro da época nem se diz mais matemática moderna. O conceito de conjunto e o de estrutura já pertencem à matemática elementar. Nós dizemos apenas para chamar a atenção.

Por tudo o que foi dito, podemos ver que o material de Cuisenaire está dentro da matemática e da Psicologia, porque atende à situação matemática atual da criança e porque gosta de trabalhar com ele e, quando entra em contacto com o material, não quer largá-lo mais. Algo, pois, ele tem. Uma exceléncia especial, vamos dizer, algo de sedutor, para crianças e para adultos também. Tenho observado isso em minha experiência: vi moças, pessoas adultas, professores, fazerem descobertas matemáticas, que nunca pensariam ter feito, através deste material. E isto em 10 ou 15 minutos, num período de júgo livre, desde que iniciamos a trabalhar com elas dando-lhes o material para manipulação espontânea, como fizemos com crianças.

E, o que é mais importante, este seu polo atrativo acha-se conectado com aquilo que se faz valor fundamental deste material e que é a possibilidade oferecida da descoberta do que Piaget chama de "estruturas mentais". A criança não sabe que está trabalhando com conjuntos, mas aquela pessoa que a orienta, que estuda, distingue em suas realizações a intersecção de conjuntos, a reunião de conjunto, a descoberta de propriedade dos conjuntos. A criança não percebe que são propriedades, mas, porque ela está vivendo a matemática moderna, ela está em processo de evolução, nela entrouada. E é vivendo matemática que a criança constrói conceitos matemáticos adequa-

dos e desejáveis, no momento op-tuno.

Mas, além desta pesquisa que fazemos com o material de Cuisenaire, um dos trabalhos que muito nos preocupado é a questão da resolução de problemas; aliás, nós fizemos com um trabalho sobre o assunto muito bem começado por duas ou três turmas de supervisores. Aqui vai um fato interessante: as alunas deste curso os trabalhos começados por uma turma, e não terminados, vão sendo desenvolvidos por outra, no Laboratório. Este, sobre problemas, é um deles. O importante é que haja continuidade.

Este trabalho todo do Laboratório é levado para fora do Instituto através dos alunos dos cursos de supervisores — professores que passam 1 ano ou 1 ano e meio fazendo trabalhos no Laboratório e utilizando a bibliografia. Também através de pessoas que estão aqui, mesmo que não tenham feito o curso, mas que vêm ao Laboratório procurar elementos para ensinar-se. Os folhetos que são redigidos, mimeografados e cedidos aos professores, espalham-se nas Escolas, levando também o espírito do Laboratório. E agora pretendemos DIVULGAR de uma forma mais ampla o que se realiza, através de publicações. O laboratório está numa fase de reestruturação. Queremos imprimir-lhe ainda um caráter mais dinâmico e aumentar-lhe o número de publicações.

Ficou bem nitido, no correr da nossa palestra, a preocupação máxima da responsável pelo Laboratório — a atualização e aprimoramento dos professores primários. E é sobre isto que ela escreve, em seu primeiro trabalho "UM PROBLEMA EM MARCHA", que esperamos publicar brevemente.

Para finalizar, aproveitamos o depoimento da Prof.ª Maria Lygia Borba dos Santos Chaves, da cadeira de Direção de Aprendizagem em Matemática e figura de destaque, também, no setor da pesquisa e renovação neste campo, no nosso Estado.

"O Laboratório de Matemática do Instituto de Educação 'Gen. Flóres da Cunha' tem contribuído de maneira marcante na renovação do ensino de matemática no Rio Grande do Sul. Tem partido daí,

Continua na pág.

RE PERCORRENDO O BRASIL DE SUL A NORTE

FOI PARTICIPAR DO VI CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES PRIMÁRIOS

BELÉM do PARÁ-BRASIL

Profs. MARIA BEATRIZ EYMAEL e
LIGIA OSÓRIO MÁRSICO - Da equipe da RE

Este encontro de professores primários do Brasil, realizou-se no Estado do Pará, na cidade de N.S. de Belém do Grão Pará, fundada em 12 de janeiro de 1616 por Francisco Caldeira de Castelo Branco que partiu com sua frota de São Luís do Maranhão a 25 de dezembro de 1615.

O Pe. Jacinto de Carvalho, na época, fez um breve comentário na "Crônica da Companhia de Jesus do Maranhão", sobre o surgimento da cidade de Belém:

"Entrou (Castelo Branco) pelo rio acima vinte léguas e achando da parte do Sul, a aldeia de Tipu-nambases sobre a baía Pará em uma ponta que a domina, que chamam os Índios Mauri, parecendo-lhe o sítio acomodado para uma cidade parou aqui, levantou um forte de Madeira na mesma ponta que se vê hoje uma fortaleza de taipa, quase arruinada; pôs-lhe por nome o PRESEPIO — POR TER SAÍDO DO MARANHÃO A ESTE DESCOBRIIMENTO EM DIA DE NATAL 25 DE DEZEMBRO DE 1615, e daqui veio chamar-se a cidade, que hoje se vê grandiosa nascida de tão humilde princípio, BELÉM DO GRÃO PARÁ."

Belém com seu clima tropical e sua vegetação exuberante, é sem dúvida uma cidade estranha, mas agradável. Com seu porto fluvial, as margens da baía de Guajará, onde atracam navios de grande porte suscitando um comércio intenso de exportação e importação, ocupa entre as cidades do Brasil um lugar de destaque.

Desempenhando um papel decisivo na economia do Pará temos o Mercado Ver-o-Peso, onde são desembarcados milhares de quilos de peixe trazidos do mar ou de águas fluviais. Não só a pesca como uma variedade apreciável de frutas são vendidas neste centro de comércio intenso. Podemos ali apreciar a chegada de embarcações, com suas velas coloridas, transportando camarão e frutas típicas da região, como buriti, manga, taperebá, cupuaçu e o açaí proveniente da ilha de Marajó, do qual é feito uma bebida gostosa que deu origem a um provérbio que se tornou popular no Norte:

"Quem foi ao Pará, parou... bebeu açaí ficou..."

As ruas e avenidas da cidade são ornamentadas por velhas mangueiras que dão à paisagem paraense um aspecto dos mais originais e pitorescos.

E foi neste cenário de uma cidade do Norte que se desenvolveu, no período de 6 a 13 de janeiro, mais um encontro Nacional de Professores Primários. Nesta reunião de classe, em ambiente de confraternização e amizade, foram apresentadas as mais inteligentes sugestões para solução dos problemas angustiantes que atravessa a educação no Brasil. Sentiu o professorado primário do Brasil que sua classe labuta por um ideal, ou seja, o contínuo aperfeiçoamento dos métodos educacionais.

RE PERCORRENDO O

Estiveram presentes ao VI Congresso Nacional de Professores Primários delegações de 10 estados do Brasil. A Mesa Diretora do Congresso estava assim constituída:

Presidente — M.^a Elisa Viegas de Mamedes — Pernambuco
1.^a Vice — Marta Maia Monteiro — Minas Gerais
2.^a Vice — Dr. Evaldo de Oliveira Mello — São Paulo
3.^a Vice — Raydalva Vieira Bitencourt — Bahia
Secretaria Geral — Mair Leal — Guanabara
1.^a Secretaria — Emílio Axeline — Rio Grande do Sul
2.^a Secretaria — Desualina Salles de Faria — Amapá
1.^a Tesoureira — Marina de Siqueira Tavares — Guanabara
2.^a Tesoureira — Celina Dedier de Moraes — Pernambuco

Apresentaram-se com maior número de congressistas Pará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Pernambuco e Território do Amapá.

Fizeram-se presentes também os estados de Minas Gerais — com representantes do PABAEE — Bahia, Paraíba, Guanabara e Goiás.

Das teses apresentadas neste Congresso destacaram-se as do Rio Grande do Sul: "A Validade do Diploma de Normalista no Território Nacional", tese apresentada pela professora Luci Monteiro, presidente do C.P.P.E.; "A Função Social de uma Entidade de Classe", pela diretora do C.P.P.E.; "Colônias de Férias do Rio Grande do Sul", do Professor Henrique Vasilewski; "As Revistas Pedagógicas e a Atualização do Professor", da Equipe de Professores da Revista do Ensino.

Apresentadas e debatidas em várias sessões, as teses despertaram grande interesse dos congressistas, que encontraram, no estudo das mesmas, solução para muitos de seus problemas e, ao mesmo tempo, enriqueceram com suas colaborações as exposições feitas.

A Revista do Ensino projetou-se neste Congresso, tendo D. Maria de Lourdes Gastal, sua diretora, merecido um voto de louvor do plenário, em reconhecimento à excelência desta Revista Pedagógica. Expostos os problemas porque vem atravessando a "Revista", manifestaram os professores o maior interesse na continuidade desse periódico. Na ocasião, foi apresentada e aprovada em sessão plenária a sugestão da Prof.^a Maria Elisa Viegas, então presidente do Congresso, nos seguintes termos:

"Toda professora primária deverá adquirir a Revista do Ensino e seria interessante que o pagamento mensal equivalente a um número da mencionada Revista fosse descontado em folha. Com este rendimento encontraria a Revista do Ensino a solução de vários problemas que motivam seu atraso, o que tanto vem prejudicando a melhor atuação do professor, principalmente o do interior que vê na Revista do Ensino seu único veículo de atualização".

A equipe da Revista do Ensino, colaborando com a Secretaria de Educação, instalou no local em que se realizaram as sessões plenárias uma exposição de painéis, cartazes e material didático, numa demonstração do trabalho que se vem realizando no setor de educação do Rio Grande do Sul.

O Secretário de Educação do Estado do Pará, Dr. Benedito Pádua da Costa, mostrando-se interessado na obra educacional do Rio Grande do Sul — que declarou já conhecer através das páginas da Revista do Ensino — incumbiu à Direção deste órgão de informar ao Secretário de Educação deste Estado de sua visita num futuro próximo, para melhor conhecê-la.

Na mesma ocasião, enviou ao magistério do Rio Grande do Sul um voto de louvor pelo magnífico trabalho que vem realizando, com o justo apoio de autoridades educacionais. Considera o Rio Grande do Sul um

dos estados pioneiros em Educação, visto que vem atuando de maneira marcante em todas as áreas em que se faz presente.

Salientou, também, a valiosa contribuição que a Revista do Ensino oferece ao professor primário, não só do Brasil como do estrangeiro.

Neste VI Congresso, foi o Professor Primário reconhecido pela sua alta missão na sociedade, como elemento preponderante na compreensão entre os homens dentro da comunidade universal. Nesta ocasião, foram apresentadas as conclusões e recomendações, adiante discutidas, após estudos sobre o tema oficial: "INFLUÊNCIA DO PROFESSOR PRIMÁRIO NA COMPRENSÃO INTERNACIONAL", que foi debatido sob quatro aspectos, em comissões especializadas sobre: condições econômicas, condições sociais, condições profissionais e condições técnico-culturais.

Comissões especializadas em:

I — CONDIÇÕES ECONÔMICAS

1 — Considerando que a estabilidade econômica é condição importante para tranquilidade e segurança funcional do professor;

2 — Considerando que o professor primário deve ter rendimentos condignos com a sua dignidade funcional;

3 — Considerando que para todo trabalho igual deve haver remuneração equivalente;

4 — Considerando que nos todos os estados brasileiros possam a carreira de magistério devidamente estruturada;

CONCLUI:

1 — Que as entidades de classe pleiteiem aos poderes competentes

a — que seja vinculado o salário profissional ao salário mínimo e que seja concedido ao professor primário, inicialmente, ao menos dois e meio salários mínimos da região;

b — que seja concedida uma suplementação de verbas para o ensino público primário, a fim de atender esta aspiração salarial;

c — que seja estruturada a carreira do magistério, onde se fizer necessário, tomando por base as vantagens já alcançadas ou pleiteadas por diversos estados.

2 — Recomenda, ainda, que a participação em cursos de aperfeiçoamento seja critério básico para concessão de gratificações especiais aos professores.

II — CONDIÇÕES SOCIAIS

1 — Considerando serem as entidades de classe órgãos dinamizadores da personalidade do homem como ser gregário, possibilitando-lhe através da socialização e solidariedade realizar-se integralmente;

2 — Considerando que o fortalecimento das entidades de classe se processa pela sua ação construtiva e intercomunicação com suas congêneres;

3 — Considerando que é objetivo primordial das entidades de classe afirmar o professor como líder na comunidade;

4 — Considerando que é também dever das entidades magisteriais contribuir e colaborar para a melhoria do meio ambiente;

CONCLUI:

a — que as entidades da classe sejam dinamizadas nos mais diferentes estados e territórios da União, no sentido de realizarem um programa que venha concretizar no plano social as aspirações do magistério primário;

b — que a Confederação dos Professores Primários do Brasil, dentro das suas possibilidades econômicas, faça circular uma revista que reúna informações referentes ao magistério e entidades de classe do território nacional.

III — CONDIÇÕES PROFISSIONAIS

1 — Considerando que a dinâmica social exige cada vez mais a valorização profissional dos indivíduos;

2 — Considerando que o professor como líder da comunidade deve estar amparado em dispositivos legais que lhe assegurem a estabilidade funcional com reflexo na sua ação educativa;

CONCLUI:

a — que se envide esforços para que o ingresso no magistério seja devidamente regulamentado com realização de concursos, respeitada a lei específica de cada unidade federativa;

b — que o diploma de normalista emitido por escolas normais oficiais ou oficializadas seja reconhecido em todo o território nacional;

c — que seja encaminhado, pela Confederação dos Professores Primários do Brasil, aos governos estaduais, uma solicitação no sentido de que, nos Conselhos Estaduais de Educação, haja representação da entidade do professorado primário estadual, para valorização profissional do mestre.

IV — CONDIÇÕES TÉCNICO-CULTURAIS

1 — Considerando que é imperativo da hora presente abolir o tradicional verbalismo, ainda existente em escolas de formação profissional,

para dar ao professor uma formação que o habilite a atender a evolução psico-pedagógica-técnico-científica da atualidade;

2 — Considerando a necessidade de elevação cultural do professor em todo o território nacional;

3 — Considerando que revistas pedagógicas atualizadas são os veículos mais acessíveis e eficazes para divulgação de técnicas de ensino, uma vez que aglomeram uma multiplicidade de aspectos culturais;

4 — Considerando já existir no país a Revista do Ensino, órgão específico de educação, com projeção nacional e internacional;

CONCLUI:

a — que as entidades de classe pleitem junto aos Conselhos Federais e Estaduais de Educação a inclusão nos currículos das Escolas Normais, da cadeira de Sociologia Geral, visando o preparo do mestre para compreensão internacional, bem como ser motivo para estudo em cursos de especialização e treinamento, visando ainda a necessidade de coordenar os professores em classe, para que se coloquem em face da humanidade como líderes;

b — que haja necessidade de possibilitar ao professor cursos de especialização profissional, através da concessão de bolsas de estudos com a devida publicidade e justo critério de seleção, instalação de cursos de treinamento a exemplo do Programa de Assistência Brasileira Americana ao Ensino Elementary (PABAEE) e Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), seminários e encontros nacionais e regionais;

c — que haja amparo e colaboração dos governos, das entidades de classe, do magistério em geral e da comunidade às publicações pedagógicas ao alcance de todos.

RESUMO

O VI CONGRESSO NACIONAL DE PROFESSORES PRIMÁRIOS conclui que o professor primário devidamente valorizado na sua situação econômica, social, cultural e

RE PERCORRENDO O

técnico-profissional irá se firmando cada vez mais na sua posição de relevo, como elemento decisivo na compreensão nacional e internacional.

A professora Lucy Monteiro quando dirigia a palavra a todas as professoras do Brasil, no encerramento do VI Congresso de Professores Primários realizado em Belém do Pará.



Aspecto da Exposição de painéis, cartazes e material didático apresentados pela Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, por ocasião do VI Congresso de Professores Primários em Belém—Pará.

ELEIÇÃO DA NOVA DIRETORIA DO C.P.P.B.

Um dos acontecimentos de maior destaque neste VI Congresso de Professores Primários foi a eleição da nova diretoria do C.P.P.B., sendo escolhida para presidente dessa entidade a professora gaúcha Lucy Monteiro, atualmente na direção do centro de Professores Primários do Rio Grande do Sul.

Registrarmos a presença de uma figura de projeção internacional — foi MRS. SARAH C. CALDWELL, cidadã norte-americana, professora de Biologia na "Kent Junior High School, Akron, Ohio".

Mrs. Sarah foi presidente da Associação Nacional de Educação e é membro do Comitê Executivo da Confederação e Organização Mundial de Professores Primários. *

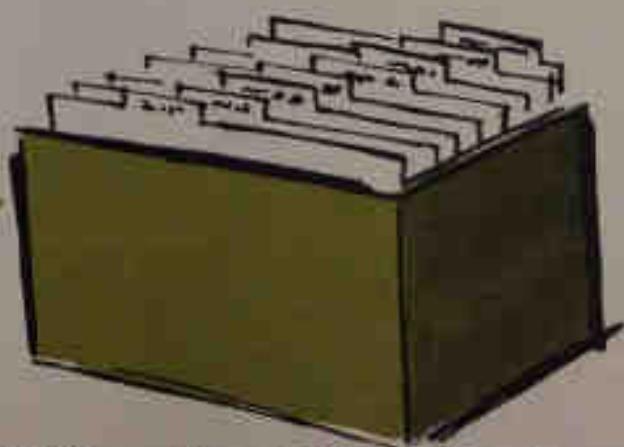
O CANTINHO DA CIÊNCIA

Nosso cantinho — fonte de tantas experiências novas — é modesto. Não vai precisar de material caro nem de localização difícil. Uma mesa, uma prateleira ou até mesmo o peitoril de uma janela — e teremos nosso "canto" arrumado. Ele conterá:

- coleções de: pedras, conchas, sementes, tipos de solo
- raízes
- ninhos de pássaros
- abelhas — borboletas — insetos
- fibras — madeiras — limalha de ferro
- produtos regionais
- bonecos de outras terras
- frutas de cera
- flores
- bússola, lentes, imã, fita métrica
- aquário
- pedaços de couros e peles
- pedaços de metal
- etc., etc....

O "cantinho" deve — por modesto que seja — estar sempre limpinho e arrumado. Estimule seus alumninhos a enriquecê-lo.

Não esqueça que, em suas palestras, as gravuras serão sempre um auxílio. De seu "cantinho", pastas de gravuras — ou uma caixa- arquivo — também tomarão parte. Experimente colar as gravuras em tafetana: elas não se rasgarão com o uso.



Extrato do Boletim da Seção de Educação Pré-Primária — Dep. de Educação Primária
Divisão do Ensino Primário Fundamental — GB.

OBEDIÊNCIA +

Tradução de MALVINA ROSAT • MERCEDES MARCHANT

COMO POSSO ENSINAR MEU FILHO A SER OBEDIENTE?

Esta é uma das perguntas que os pais fazem com maior freqüência sobre a educação de seus filhos. Ninguém espera uma resposta simples e todos os pais sabem que qualquer método, para ser eficiente, deve ser utilizado constantemente, dia após dia.

Tendo isto presente, damos as seguintes sugestões como meios para ensinar seu filho a ser obediente:

1. ACREDITE QUE A CRIANÇA VAI OBEDECER — Quando pedir a seu filho que ele faça alguma coisa, tome a atitude de quem espera que ele vá obedecer. Nunca lhe dê a impressão de que você acha que ele possa comportar-se de forma diferente. Quando se espera cooperação tem-se mais probabilidade de consegui-la.

2. NÃO DÊ MUITAS ORDENS — Dê o mínimo possível de ordens, mas tenha a certeza de que serão cumpridas pela criança. Deve-se ensinar as crianças a obedecer e a auxiliar, mas isto pode ser conseguido sem lhes dar ordens continuamente.

3. PONHA SENTIDO NO QUE MANDA FAZER — Procure sempre ver se a criança fez o que lhe foi pedido. Se pedir que ela faça alguma coisa e não se importar de ver o que foi feito, ela muito breve vai adquirir o hábito de não lhe prestar atenção.

4. MANTENHA AS MESMAS NORMAS GERAIS CONSTANTEMENTE — É muito difícil para uma criança adquirir bons hábitos, quando tem de enfrentar, diariamente, exigências diferentes. Se você é indulgente com seu filho hoje, e amanhã é rígido, ele fica confuso e, como consequência, torna-se mais difícil conduzi-lo.

5. MANTENHA A CALMA — A maneira mais certa de fazer com que uma criança se torne "insegura" e mal-humorada é perder a calma. Ou ela também perde a sua, ou então, aprende com má vontade.

6. TRATE SEU FILHO COM DOÇURA — Não mande seu filho fazer isto ou aquilo; peça-lhe. Com este método você obtém muito mais e auxilia seu filho a aprender o hábito de cooperar. Mandando-o constantemente é provável que ele fique irritado.

7. EVITE SUBORNAR A CRIANÇA — Não "compre" seus filhos para que eles façam o que você lhes pede. Não diga: "Te dou um cruzeiro se fores ao armazém para mim".

Isto não é aconselhável porque as crianças devem aprender que é uma contribuição importante para o bem-estar da família fazer coisas como esta. Lembre-se também que se usar de suborno, a criança logo compreenderá que é um negócio com você.



Também não é bom apelar degrademente para a compaixão da criança, dizendo "Faça isto por mim". Este método, além de sugerir a fraqueza da mãe, a criança logo se cansa dele.

5. DÊ TAREFAS APROPRIADAS À CRIANÇA — Desde pequena deve-se pedir que a criança se encarregue de certas tarefas. Por exemplo, deve-se educá-la a juntar seus brinquedos logo que tenha acabado de brincar. Desta forma, ela desenvolverá o hábito da responsabilidade, o que lhe facilitará a cooperação em tarefas mais importantes quando ficar mais velha.

QUANDO SEU FILHO INCOMODA

Há épocas em que uma criança é turbulenta e muito desobediente. Antes de tomar qualquer iniciativa, os pais devem procurar as causas do problema; talvez alguma coisa fora do comum a tenha perturbado; talvez ela esteja cansada; talvez tenha comido alguma coisa diferente ou tenha um resfriado ainda não declarado. É possível que esteja se sentindo insegura porque seus pais estão dando mais atenção a um irmãozinho.

Se a causa do problema for compreendida, os pais acharão que é mais fácil ter paciência e estarão menos inclinados a agir impulsivamente. A única finalidade de qualquer forma de castigo é influenciar a criança a fazer as coisas bem feitas, e não porque o adulto tenha perdido a calma.

ISOLAMENTO — Pôr a criança de castigo, sózinha em um quarto, é um bom procedimento, se ela persiste numa conduta já desaprovada repetidas vezes. Não há criança que goste de ser excluída do grupo familiar e de ser separada de seus companheiros.

CASTIGOS FÍSICOS — Este método de castigo deve ser usado muito raramente e só em último caso. Se for usado com muita freqüência, a criança, muito pequena para se defender, fica ressentida. Este ressentimento pode vir a desenvolver na criança crueldade para com os outros, quando ficar mais velha. Também poderá fazer com que lhe seja difícil aceitar, mais tarde, a autoridade.

PORQUE É QUE A OBEDIÊNCIA É IMPORTANTE

A finalidade de ensinar a criança a fazer o que se lhe pede não é, certamente, obter, como resultado, o trabalho em si. Por este meio, os pais dão a seus filhos uma educação que os tornará adultos bem ajustados.

Sem dúvida, todos têm de aprender a obedecer porque, durante toda a vida, ordens têm de ser cumpridas. No entanto, obediência cega nunca deve ser exigida de ninguém, crianças ou adultos. Deve haver uma boa razão para cada ordem, a qual pode ser explicada. Quando na infância se aprende a ser obediente pelo bem comum da família é mais fácil que se venha a ser um bom cidadão, pronto a cooperar para o bem-estar total da comunidade.

LEMBRE-SE SEMPRE

Os primeiros anos de vida de seu filho são muito importantes, porque durante esse período estão sendo lançadas as bases para seu futuro bem-estar. Como você quer que ele seja fisicamente saudável, você providencia para que ele tenha o alimento adequado, exercícios, brinquedos e descanso convenientes. Você quer também fazer todo o possível para torná-lo mental e emocionalmente saudável. A boa atitude que, mais tarde, ele terá para enfrentar as dificuldades da vida adulta dependerá grandemente da maneira pela qual você o guiar nos anos pré-escolares. Durante estes anos ele desenvolverá hábitos mentais e corporais que serão grandemente determinados por "sua educação".



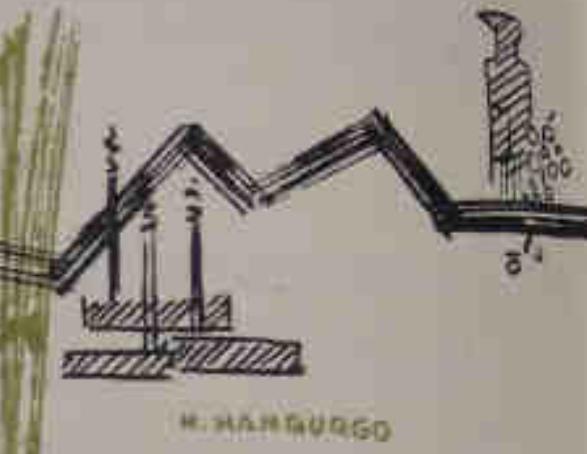
Como a maior parte de seu comportamento é bom, ele deve ser elogiado e estimulado. Mas haverá muitas coisas indesejáveis. Você vai necessitar de paciência e compreensão para desviá-lo deste comportamento, sem fazê-lo sentir que está perdendo seu amor e afecção. Guia-o convenientemente em suas experiências diárias e, ao mesmo tempo, dando-lhe sempre a segurança de seu carinho, você obterá inestimáveis resultados: um jovem de caráter saudável e vida emocional equilibrada.

Nota: Tradução autorizada do original em inglês publicada pelo "Department of National Health and Welfare" Ottawa, Canadá. *

UNIDADE DE TRABALHO



PORTO ALEGRE



CAXIAS DO SUL

Trabalho realizado pelos alunos dos terceiros anos do Curso Profissional de Instituto de Educação "Gen. Flores da Cunha".
Porto Alegre.

Orientação e coordenação geral: LIBA JUTA KNIJNICK

Professoras dos 3.ºs anos: CELESTINA CHITTÓ, MARLENE CORRÊA, IVANY FLORES DE SOUZA, MARY THEREZINHA PAZ BRITO, MARIA APARECIDA GRENDENE.

Professoras de Artes Plásticas: ODETE PUPAL, CLARA MARIA SERRANO, MARIA OLIVEIRA, VERA WULF

Professoras de Teatro: OLGA REVERBEL, CARMEM CÉLIA GUARITA

Dos que foram a Caxias do Sul, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, que forma de locomoção utilizaram?

Quem foi de auto ou ônibus, por onde passou?
Como essa estrada?

Que direção segue esta estrada, saindo de Porto Alegre para Caxias do Sul?

b. Apresentação do mapa do Rio Grande do Sul, colocado horizontalmente e fazendo coincidir o norte do mapa com o lado norte, já verificado em relação à sala de aula.

c. Leitura no mapa, acompanhando a estrada BR-2.

d. Desenho esquemático no caderno.

2. PLANEJAMENTO DA UNIDADE COM OS ALUNOS

ESCLARECIMENTO:

É este um relato de experiência — uma Unidade de Trabalho, executada nos terceiros anos de nossa escola primária.

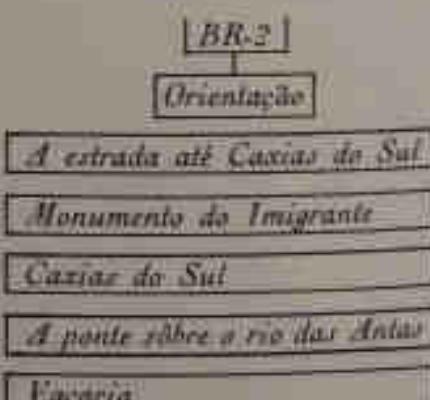
Propositadamente não transcrevemos o planejamento das professoras, seus objetivos e sua previsão de atividades, porque estamos certos de que os colegas sentirão, através desta realidade documentada, o que se pretendia, e as oportunidades que foram oferecidas às crianças para auxiliá-las em seu desenvolvimento. Isto brota do próprio trabalho da criança, que apresentamos aqui. Todo o texto grifado é tirado diretamente, copiado dos cadernos dos alunos, bem como os desenhos.

A ESTRADA BR-2

1. LEVANTAMENTO DE PROBLEMAS COM OS ALUNOS

- Discussão dos seguintes aspectos:
Quem viajou durante as férias de julho?
Para onde?

Estudaremos:



Com este trabalho pretendemos:

- Conhecer a estrada BR-2
- Conhecer o nosso Estado
- Melhorar a escrita
- Melhorar a composição
- Melhorar a leitura

A ESTRADA BR-2

DE PÓRTO ALEGRE A PONTE SOBRE O RIO PELOTAS

Para isso faremos:

Pesquisas

Recortar de gravuras

Tabuleiro de areia

Localização em mapas

Mimicas e pantomimas

Leitura de textos

Trabalho na conceção do dicionário

Trabalho para melhorar a escrita

Desenho e modelagem

b. Desenho no caderno, marcando o Monumento ao Laçador, a estrada e o Monumento do Imigrante.



c. Estudo do texto

Conhecendo o Rio Grande do Sul pela BR-2

A bela estrada que nos leva a conhecer mais o Rio Grande do Sul, vai descontornando, através de montes, colinas e vales, a beleza e a fertilidade das terras gaúchas. Aqui nas proximidades da nossa capital, ao atravessarmos as pontes do rio Gravataí e Sinos, surge o progresso, representado pelas cidades de São Leopoldo e Novo Hamburgo.

Além, começa a subida da serra, toda ela fértil e rica, trabalhada pelo colono incansável. Para frente, atravessamos o belíssimo vale do rio Cai e galgamos a serra onde nossos olhos se encantam com as belezas naturais.

5. DESENVOLVIMENTO

1. A estrada BR-2 até Caxias do Sul:

a. Composição individual após discussão oral.

Início da nossa viagem pela BR-2

A nossa viagem vai ser iniciada no ponto onde está o Monumento ao Laçador. Ali, naquele lugar, é que inicia a BR-2, em Porto Alegre.

A BR-2 é asfaltada, é larga e muito bonita.

Quando vamos viajar, é preciso saber a direção que vamos tomar.

Pela nossa viagem, vamos tomar a direção sul. Por essa viagem, vamos aproveitar bastante, aprendendo coisas novas.

Os lugares que vamos estudar são: a estrada, Caxias do Sul, o rio das Antas e o rio Pelotas, que divide o Grande do Sul de Santa Catarina.

A ESTRADA BR-2

Que maravilha a viagem! Estamos nas terras fecundas da zona colonial. As plantações que sobem as encostas dos montes, os vales profundos, as casinhas brancas...

Quem diria que por estrada, agora asfaltada, passaram, autora, os primeiros imigrantes italianos, vindos para as nossas terras...

Naquele tempo, o cavalo era o único transporte pessoal de que se podia utilizar o colono estabelecido pelos vales dos rios Cai, Taquari e nas escarpadas da Encosta da Serra". Somente o cavalo poderia subir aqueles barrancos, trilhando as picadas, abertas com sacrifício, na mata escura, à beira de precipícios profundos.

Depois apareceu a carroça de quatro rodas, veículo típico das picadas rio-grandenses.

Proseguindo pela BR-2, "qual cinta de prata, enlaçando o cimo dos montes", passamos Nova Petrópolis, Gaiópolis, até Caxias do Sul, a Pérola das Colônias, cujo nome de origem foi Colônia do Campo dos Bugres.

Leritura

Interpretação através do coral falado.

(Retirado do planejamento da professora de teatro)

A viagem —

1) **Mímica:** Preparativos para uma viagem de Pôrto Alegre à fronteira do estado do Rio Grande do Sul.

2) **Mímica:** Os cenários da viagem: pontes, rios, paradas.

3) **Pantomimia:** A rodoviária. (Os alunos utilizam cartazes com os diferentes conteúdos trabalhados)

coral de poesia: (um aluno) Além, começa a subida da serra,

(um aluno) fértil e rica,

(um aluno) trabalhada pelo colono,

(todos) O colono veio de muito longe, veio da Itália, veio da Alemanha.

Pantomimia: A chegada dos colonos.

coral de poesia: (um aluno) Que maravilha nossa viagem!!!

(todos) As plantações sobem as encostas dos montes,

(um aluno) os vales profundos,

(um aluno) as casinhas brancas.

(Os alunos mostram as ilustrações que fizeram sobre essa parte do texto)

coral de poesia: (todos) Naquele

tempo, o cavalo era o único transporte com que o colono contava para andar.

(um aluno) Pelos vales do rio Cai, (um aluno) do rio Taquari.

(um aluno) Pelas escarpas da Encosta da Serra.

música: O som das patas do cavalo, subindo a encosta da serra, ora lento, ora rápido.

coral de poesia: (todos) Depois apareceu a carroça de quatro rodas,

(um aluno) o veículo das picadas rio-grandenses.

música: Imitação do ruído da carroça.

coral de poesia: (todos) Segundo nessa viagem pela BR-2,

Vemos agora uma bela estrada, No lugar do pedregulho e mato Temos a estrada asfaltada, Em vez do cavalo e da carroça Passam velozes, os ônibus, carros e caminhões.

música: Imitação dos ruídos da BR-2 atual.

Estudo do vocabulário e organização do dicionário individual.

Gramática e interpretação escrita.

- Qual é o motivo da nossa viagem pela BR-2?
- Que vão admirando, nossos olhos, durante a viagem?
- Sobre que rios estão as duas primeiras pontes que passamos?
- Desenha uma serra.
- Copia a frase que diz como é a zona colonial.
- Qual era o meio de transporte usado antigamente pelos colonos?
- A que é comparada a BR-2, na subida da serra?
- Faz um desenho sobre o que diz a primeira frase.
- Quantas orações há na frase: "A bela estrada nos leva pela serra verdejante."
- Qual é o verbo? Seu infinitivo.

d. Elaboração do conteúdo do texto através da suposição: "Escreve tudo que sabes sobre essa bela estrada, que é a BR-2."

A BR-2 começa no Monumento ao Lacerda.

Nós passamos por São Leopoldo e São Hamburgo; são as cidades que mais progrediram na indústria do couro.

Esta zona é a zona industrial. O rio que banha São Leopoldo é o rio das Sinos.

Viajando pela BR-2, observamos a beleza e a fertilidade das terras gaúchas.

Antes de chegarmos a Caxias, passamos por Nova Petrópolis e Gaiópolis.

2. Monumento ao imigrante

a. Apresentação de fotografias do Monumento ao Imigrante e observação dirigida às mesmas.

b. Composição individual após o trabalho oral.



O Monumento ao Imigrante está localizado bem na estrada de Caxias. É uma obra de arte.

E grande e tem escadas até cima.

Bem no alto, há um canal com um menino no colo, que é feito de bronze.

Este monumento foi esculturado por Antônio Caringi.

Numa porta da cripta está sc-

criou uma poesia em homenagem ao Imigrante e logo acima está escrito: "A Nossa Bandeira ao Imigrante". Voltando a falar da família, que está apoiada na cripta, digo que o homem representa a força dos imigrantes e a criança, o futuro da nação.

Ser que Caxias foi escolhida para esta beleza, que é o monumento, porque é a "Pérola das Colônias".

- c. Desenho do Monumento.
- d. Estudo do texto:

MONUMENTO AO IMIGRANTE

A entrada da cidade de Caxias do Sul, foi inaugurado o monumento ao Imigrante, obra de escultura de autoria de Antônio Caringi e que assinala o reconhecimento do povo gaúcho ao trabalho do colonizador, que transformou aquela região em fonte de riquezas, donde o estado e o país tiraram grandes parcelas para sua economia.

O monumento, que foi erigido na Pérola das Colônias, representa um casal de pioneiros, cheios de fé e esperança — ela, numa atitude de prece com uma criança no colo que representa o filho brasileiro — prevenindo o futuro, confiante na própria tenacidade.

O grande obelisco simboliza a Fé, e possui três altos-relevos, intitulados: doação das terras, progresso e defesa da Pátria. Tanto o casal de imigrantes, como o obelisco estão colocados sobre uma cripta, que será o Museu da Imigração. A estátua do casal foi executada em bronze.

A pedra característica da região foi aproveitada na realização do conjunto monumental, que serve de centro à Praça do Imigrante, construída na entrada da cidade de Caxias do Sul, ao lado da estrada BR-2.

Leitura.

Desenho e Artes Aplicadas:
Desenho do Monumento ao Imigrante no caderno da unidade e em cartazes.

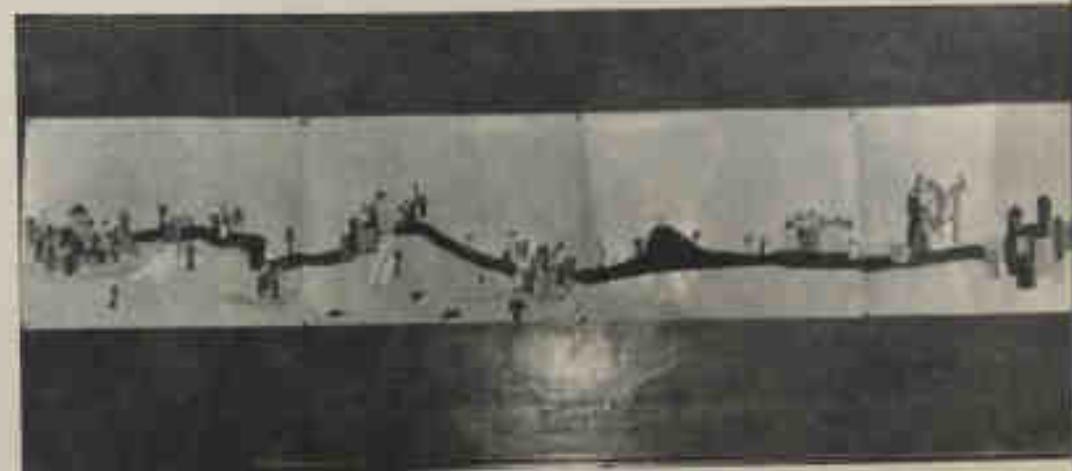
Modelagem em argila do monumento com a legenda.

Ditado para trabalho específico em gramática:

"O Monumento ao Imigrante representa um casal de colonos italianos, encanta a todos visitantes e lembra a grande obra de colonização".



O Monumento do Imigrante, em argila, um dos muitos trabalhos que a Unidade oportunizou no setor das Artes Plásticas.



Friso ilustrativo da estrada BR-2, feito pelas crianças.

A Metalúrgica Eberle também mereceu atenção especial das crianças que, em grupo, a reproduziram em argila, situando-a na cidade de Caxias.



"O povo gaúcho construiu o Monumento ao Imigrante em Caxias do Sul, porque esta cidade é a 'Pérola das Colônias'."

3. Caxias do Sul

a. Apresentação de fotografias de Caxias do Sul e discussão oral.

b. Levantamento das experiências que os alunos possuem em relação a Caxias do Sul.

c. Composição individual escrita:

Caxias do Sul

Hoje, conversamos sobre assuntos sobre Caxias do Sul.

Caxias é muito famosa por causa dos vinhos bons que produz.

E chamada de "Pérola das Colônias" e também é a capital da uva.

O "Eberle" também fica nessa cidade. Esta metalúrgica possui em cima do grande edifício uma casinha pequena, feita de madeira que representa o célebre que fizeram para engrandecer a fábrica.

Além disso, há outras indústrias. A uva nos dá outros produtos como a uinha, suco, etc., e, além de ser uma fruta gostosa, possui várias vitaminas que nos fazem muito bem.

Caxias do Sul é uma cidade muito limpa, porque seu povo é cuidadoso.

Uma das praças de Caxias é a Praça do Imigrante, que possui o maravilhoso e tão fabuloso monumento.

d. Estudo do texto:

CAXIAS DO SUL

Quem viaja pela BR-2, de Porto Alegre em direção norte e chega ao "Monumento ao Imigrante", olhando à esquerda, vê uma linda avenida que é um verdadeiro convite...

É a cidade de Caxias, a "Pérola das Colônias", como todos a chamam, que abre seus braços para receber toda pessoa que, desviando-se da estrada principal, se interessa em visitá-la e saber sua história.

A avenida Júlio de Castilhos leva a uma praça bem cuidada. O visitante senta, olha a seu redor e pensa:

— Que representa essa casinha de madeira sobre este grande edifício, onde se lê "Metalúrgica Eberle"?

Por que conservam essa casinha bem no alto?

Além dessas perguntas, outras surgem para quem, sentado calmo num banco da Praça Rui Barbosa, observa o grande movimento das ruas, sinal do progresso e da vida que palpita na "Pérola das Colônias".

Leitura. Interpretação oral e escrita.

Trabalho em gramática.

Desenho e Artes Aplicadas. Representação do Edifício Eberle em desenho, modelado também em argila, por um grupo de alunos.

Composição escrita: "Que representa essa casinha de madeira sobre este grande edifício onde se lê "Metalúrgica Eberle"?"

A casinha de madeira representa uma lembrança de início da Metalúrgica Eberle, onde se fazem facas, cunhas, espadas, objetos para o altar, cartões, cintilares e muitas coisas mais.

Consercam essa casinha para lembrar o começo da Metalúrgica Eberle, que hoje é uma riqueza de Caxias do Sul.

e. Texto ditado para ser interpretado através de desenho:

Fabricação do vinho

Há muitos anos a uva era amassada com os pés em grandes barricas.

Atualmente há máquinas que fazem este trabalho.

A colheita da uva é feita em grandes cestas. Depois de limpa, é colocada em grandes tanques, sendo esmagada com grandes máquinas, movidas a eletricidade. O suco fica fermentando em grandes vasos; depois é filtrado. Em seguida é engarrafado por meio de máquinas automáticas.

f. Estudo da produção de uva e história do fabrico do vinho através de levantamento de experiências e posterior organização.

Composição coletiva

A uva

A uva é uma fruta de valor para a nossa saúde.

A plantação de uva foi iniciada pelos imigrantes italianos que vieram para cá em 1870, instalando-se perto de Caxias do Sul, que era um mato de terra fértil.

Fundaram as cidades de Caxias do Sul, Santa Gonçalves, Garibaldi, Farroupilha e outras.

A produção da uva e a indústria do vinho são muito importantes para o nosso Estado, porque formam uma riqueza.

Há muitas qualidades de uva: branca, preta, canelada, moscatel e outras.

4. A ponte sobre o Rio das Antas

a. Discussão sobre como eram as pontes primitivas e apresentação da fotografia das duas pontes sobre o rio das Antas, a da BR-2 e a rodoviária Francisco Brochado da Rocha, sobre o rio Taquari.

b. Discussão sobre o vale do rio das Antas, com estudo e localização no mapa.



c. Desenho e Artes Aplicadas — Desenho e comprovação de pontes em recortes e dobraduras.

d. Estudo do seguinte texto:

De Caxias a Vacaria passamos o maravilhoso vale do rio das Antas, sobre o qual se estendem duas belas pontes, uma das quais atravessamos. A segunda, mais aberta, é construída com um só vão. O rio das Antas, depois de banhar os municípios de Flóres da Cunha, Veranópolis, Bento Gonçalves, Guaporé, recebe na altura do novo município de Muçum, o nome de rio Taquari.

Este rio é um dos rios mais bonitos do estado, de águas mansas e verdes, verdes como os altos mimos, cobertos de mato, que nelas se espalam.

Majestosa ponte rodoviária, de sete arcos, que coroa a encosta do rio Taquari, foi recentemente inaugurada.

Outras pontes surgem, mais abertas, como braços a conduzir nossas riquezas, até o rio chegar ao seu destino: juntar suas águas às do rio Jacuí.

Continuando nossa viagem, entramos nos campos de Vacaria, apelidados de Campos de Cima da Serra.

Depois de Vacaria, viajamos até a ponte que atravessa o rio Pelotas, na divisa do Rio Grande do Sul com o estado de Santa Catarina. Este rio, que, depois de receber o Canoas, forma o rio Uruguai, é o ponto final da nossa viagem, tão agradável e proveitosa.

Leitura e interpretação oral.

Trabalho escrito:

— Quando saímos de Caxias do Sul rumo a Vacaria, passamos por um maravilhoso vale. Descreva este vale.

— Que sabes sobre o rio das Antas?

— Descreve a ponte rodoviária, recentemente inaugurada.

— Copia a parte do texto que mais te agradou.

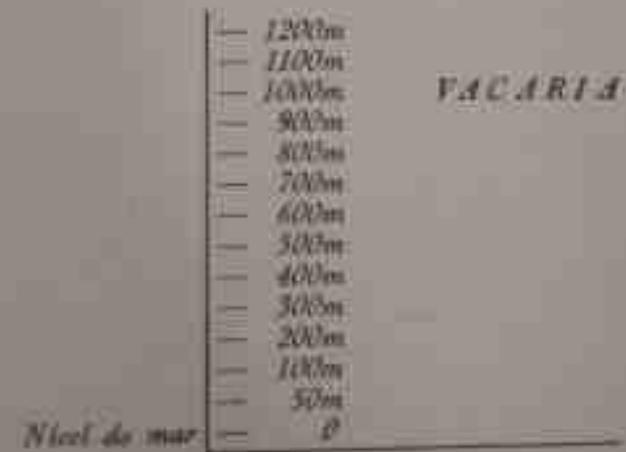
— Onde finaliza nossa viagem?

Trabalho em gramática:

"A BR-2 atravessa pontes, colinas e vales e as paisagens encantam os nossos olhos".

5. Vacaria

a. Gráfico para situar a altitude de Vacaria



b. Localização da estrada no mapa.

c. Apresentação de fotografias da ponte sobre o rio Pelotas.

d. Estudo do texto.

Estudo preparatório do vocabulário:
pastoral, planicie, núcleo, agropecuária, inter-estadual.

A paisagem que temos diante dos olhos, ao atravessar a região de Vacaria, caracteriza bem o tipo de vida que ali se desenvolve. O campo verde, a perder de vista, os "campos de Vacaria", são um convite à vida agrícola e pastoral. Por isto mesmo ali se estabeleceu uma das mais antigas povoações de nosso Estado — a cidade de Vacaria — que conquistou os primeiros habitantes pela beleza e qualidade de seus campos e dos grandes rebanhos que níles viviam.

Pastagens verdes, numa planicie ondulante, chamam o homem ao trabalho com a natureza — com a terra e com o gado. E hoje, há ainda, a estrada que marca o progresso e oferece garantias de fácil comércio.

A cidade, a quase 1000 metros de altitude, é pequena, em seu núcleo, porém extensas propriedades em seus arredores, onde a atividade agropecuária se desenvolve com firmeza, falam da importância da região. Cria-se gado de melhor qualidade e a lavoura do trigo, do milho e da batata inglesa é cada vez mais produtiva.

O município de Vacaria é atravessado pela BR-2 em toda sua extensão, ou seja, até o limite norte do Rio Grande do Sul, onde o rio Pelotas serve de fronteira com o Brasil.



A ESTRADA BR-2

terra natural, sendo cortado pelo Rio Pelotas, através de uma grande ponte interestadual. Este rio Pelotas vai formar, depois, juntamente com o Canoas, o Rio Uruguai, que descreve a grande curva, limite entre nosso Estado e o de Santa Catarina.

Leitura e interpretação.
Trabalho escrito:

- Dê um título a esse texto.
- Qual é a altitude da cidade de Vacaria?
- Qual é a estrada que atravessa o município de Vacaria?
- Como se chama o rio que serve de fronteira natural entre nosso Estado e o de Santa Catarina?
- Que sabes sobre esse rio?
- Desenha o mapa do nosso Estado, localizando a estrada BR-2, de Porto Alegre até o Rio Pelotas, à vista do mapa na parede.

ATIVIDADES DE CULMINAÇÃO

a. Planejamento para o encerramento da Unidade.

Atividade de encerramento da Unidade BR-2

Faremos uma festa em nossa aula para o encerramento da Unidade BR-2.

Consideremos a mãe para assistir.

Faremos assim a festa:

Cada grupo se encarregou de dizer alguma coisa da Unidade. As mães sentarão no lugar do filho e os alunos ficarão ao lado delas. Apresentaremos obra falada, e uma representação do assunto. Quem dirigirá o trabalho será um colega.

A festa vai ser sábado às 10:30 h, na nossa sala de aula. Os alunos vêm de uniforme completo.

b. Convites aos pais para a atividade de encerramento.

- c. Revisão oral do trabalho realizado para apresentação aos pais.
- d. Conclusão do tópico.
- e. Conclusão e revisão dos cadernos da Unidade.
- f. Artes Plásticas. Exposição dos trabalhos.

Tempo gasto na realização: um mês.

AUTO-AVALIAÇÃO

- a. Discussão oral sobre a auto-avaliação.
- b. Trabalho escrito.

Otimiz terminaram a Unidade de Trabalho "A Estrada BR-2".

1. O que sei sobre a BR-2.

— Sei que é uma estrada federal muito boa e importante e nós a estudamos do Monumento ao Lacerda até a ponte sobre o Rio Pelotas. Sei que por ela vamos em direção norte a cidades como Caxias e Vacaria e que ela passa por pontos muito interessantes.

2. Fiz sempre a melhor letra que pude?

— Mais ou menos.

3. Conservei limpo o meu caderno?

— O quanto pude.

4. O que mais me agradou no trabalho?

— Nesta unidade eu gostei de todo o trabalho. Pertei partes das textos. Gostei, porque achou interessante e com elas aprendi várias coisas. Liguei e interpretei. Também gostei por outros motivos.

Que pena que já chegamos ao final dessa unidade! Foi tão prazerosa, apesar de ser imaginária!

5. Tomei parte com interesse nos trabalhos da BR-2?

— Sim.

6. Quais os resultados que tive com esta unidade?

— Conclui melhor o Rio Grande do Sul e melhorrei a letra e a escrita. *

NOTA: As experiências em Ciências e Matemática que a Unidade oportunizou, não estão incluídas nessa apresentação para tornar o trabalho mais extenso.

NEGRINHO DO PASTOREIO

DIA PANDOLFO KETZER

Negrinho menino,
negrinho montado
no pinga alastrão
galopa sózinho,
e vento tão frio
no pampa estendido
que aumenta a magoa
no seu coração.

Negrinho retinto
galopa sózinho
de vela na mão
Não chorou negrinho
que afrou da mangueira
te espera a Madruga
e tem para ti
negrinho menino,
um berço escondido
no seu coração.

A CRIANÇA E A COMPOSIÇÃO

Geralmente as crianças de uma classe qualquer da Escola Primária resistem à ideia de "fazer composição", não gostam de escrever, ou preferem outro tipo de atividade. A professora, então, sente-se bastante desgostosa e procura vencer esta resistência nem sempre de uma maneira correta, como é o caso da repetição constante da atividade, vazia de significado. Não se dá conta que é mal provável, na maioria das vezes, da fato das crianças não possuirem os elementos de que necessitam para escrever, por não serem orientadas corretamente, não serem levadas a pensar e a organizar este pensamento.

A criança que pensa em "composição" como algo difícil e desagradável é aquela que não pode descobrir, ainda, sua capacidade criadora, e que não foi levada a ver que simplesmente o seu "pensar" lhe dá elementos para o "escrever". Lógicamente, o importante será que este pensar seja orientado, e esta será a função da professora que pretende ensinar seus alunos a escrever.

As situações de vida oferecem temas ricos e interessantes para uma composição, desde que a criança reflita sobre eles objetivamente, reconhecendo na simplicidade de seu pensamento um elemento valioso e fundamental de que dispõe. Além disto, a professora tem ao alcance a utilização de gravuras, de textos e muitos outros meios, através dos quais as crianças devem ser levadas a escrever.

O essencial é que, antes de ser apresentada a exigência de uma composição, a criança tenha sido levada a pensar sobre o assunto desta exigência e a reunir este pensamento de uma maneira harmoniosa e adequada.

Mas, vejamos como fazer isto

através de exemplos bastante simples, tomando, primeiramente, as composições de gravuras. As crianças devem ser levadas a trabalhar com elas, tanto fazendo descrições, como inventando estórias.

A professora apresentará a gravura à classe, conduzindo-a, a seguir, a uma observação atenta da mesma, onde a criança deverá destacar todos os elementos da gravura, em sua ordem de importância no contexto. O reconhecimento do ambiente, ações e expressões, dará os elementos de unidade.

Oralmente, após a observação, um aluno (ou vários alunos), destacado pela professora, dirá de sua observação.

Tomando a primeira gravura como exemplo, vejamos as perguntas que a professora poderia fazer num trabalho oral, que deve preceder o escrito:

- Quais as figuras de destaque, ou em primeiro plano?
- Que situação a gravura nos mostra?
- O que faz a senhora que está à direita? E a que está à esquerda?
- Quais os objetos que marcam o ambiente?
- Que título daria a esta gravura? Porquê?
- Enumere tudo o que vê na gravura.

Outras perguntas poderão ser feitas, de acordo com o interesse da professora e da classe.

Depois disto vários alunos serão solicitados a fazer a sua descrição da gravura, já então organizada e contínua. Esta será a etapa em que a professora conduzirá a uma elaboração concreta do pensamento, tocando, burlando a expressão infantil coletivamente, através de sugestões próprias e do grupo.



Agora, então, cada aluno terá a segurança necessária, sentir-se-á dono do assunto através da orientação recebida e poderá fazer uma descrição rica e coerente desta gravura, porque teve seu pensamento organizado, através de um exame oral anterior, onde foram dados, pensados, todos os elementos necessários para isto.

Procedimento análogo terá a professora que deseja que seus alunos criem uma estória para a gravura. Também agora a criança, antes de mais nada, terá apresentada a gravura e irá observá-la em seus elementos e como todo. Será, ainda, levada a relacionar seus elementos e a pensar em suas razões, desde que o que pretendemos não é mais um relato descritivo da cena, mas um contexto que a justifique. E uma mudança bem marcada, que a criança deverá sentir e explicar, é que, agora, irá descrever um fato, situar um acontecimento e não mais fazer uma relação do que vê.

O fator criação entra, aqui, em dose maior, tem mais liberdade. A imaginação infantil, agora, deve trabalhar partindo do material apresentado.

Para que a professora atinja seus objetivos, neste segundo caso, deverá guiar a criança atentamente, através de um trabalho oral definido, rico e intenso. Tomemos a segunda gravura, por exemplo:

A professora iniciará, fazendo, como antegoramente, perguntas sobre os elementos da gravura. Depois, então, continuará:

- O que vê nesta gravura?
- Que situação nos mostra?
- Porque achas que o menino está sorrindo?
- Quando poderia isto ter acontecido?
- Como achas que é a aula deste menino?
- Achas que a professora dele está contente?
- Que título darias a esta gravura?

Depois de vários alunos terem dado suas respostas e justificativas, a professora pedirá que armem sua composição, inventando uma estória ilustrativa para a gravura, que será contada oralmente. Também podemos fazer apenas uma estória coletiva, em que todos participem, e que será colocada no quadro. Nesta fase dár-se-á a elaboração de uma linha de

desenvolvimento, de organização, que ajudará cada um a elaborar seu próprio pensamento.

Agora, dado o exemplo, levada a classe a desenvolver um contexto desejado sobre o assunto, através de pontos de referência, tirados do trabalho oral coletivo, a classe poderá, individualmente, contar a sua estória sobre a gravura, no papel.

Este trabalho todo será repetido tantas vezes quantas forem necessárias, até a aquisição de independência e segurança por parte dos alunos, desenvolvido o hábito de pensar refletidamente determinado ponto.

As composições resultantes de um tal trabalho, preparadas e realizadas após um trabalho oral intenso, onde for levada a pensar e a organizar seu pensamento, serão sempre melhores e mais reais, e levarão uma classe a reconhecer na "composição" uma forma de auto-expressão, comunicação e valorização.

Será, então, um trabalho feito com gosto e sem dificuldades.

Agora, vejamos o aproveitamento de situações de vida da criança, para composição, que também deve ser dirigido e preparado.

Haverá muita diferença na média das composições de uma classe a quem, simplesmente, se peça para escrever sobre o título "Minha Rua" e aquela de uma classe cuja professora, antes de pedir que a classe escrevesse, propôs o seguinte:

"Hoje vamos escrever sobre a rua em que moramos. Pensemos, então, sobre ela e no que tem de mais característico e importante". Passados alguns minutos fará, oralmente, algumas perguntas como, por exemplo:

"Como é tua rua, Luís? Como se chama?"

"Maria, tua rua é movimentada ou não?"

"Há árvores e canteiros em tua rua, Lucia?"

"Em que bairro fica tua rua?"

"Há alguma coisa que marque, que dê uma característica a tua rua?"

"Porque gostas de tua rua, poderias dize-lo?"

Estas questões, entre várias, irão levar o aluno, obrigá-lo quase, a olhar para sua rua, analisando-a. (As perguntas também poderão ser feitas para que a criança observe a sua rua, num determinado dia e, ní-

outro então, verificadas as respostas é feito o trabalho de composição, propriamente dito). Desta análise sairão os elementos para uma composição. Um aluno poderá dizer oralmente seu pensamento, depois vários outros, já de uma maneira organizada. E após todo este trabalho oral com a classe, poderá a professora pedir: "Vamos, agora, escrever sobre "Minha Rua..."

Citamos este exemplo, como ilustração, mas, lógicamente, teremos sempre uma infinitade delas para assunto, ou seja, todas aquelas situações de vida que oferecem, quando bem exploradas, assunto para "composições".

Também os relatórios que uma professora pode pedir para a classe devem ser precedidos deste trabalho oral, até que o aluno conquiste a tarefa. Assim, por exemplo, orientemos a criança a pensar sobre — "Que fiz hoje" — "O meu domingo" — "A visita ao Jardim Zoológico" — "A nossa aula de 2.º feira" — levando-a a organizar uma seqüência e a revelar os fatos mais importantes ocorridos. Isto parece bastante simples, mas não o é para a criança que nunca o fiz. É necessa-

rio que durante um tempo, determinado pela resolução da classe, pelos resultados que oferecer quando dada sózinha, seja realizado este trabalho preparatório. Também, mesmo quando o aluno demonstrar autonomia no escrever, de tempos em tempos vamos voltar a isto, para que se desenvolva a firmeza e a confiança no escrever — para que a criança acostume-se a refletir.

Além deste contexto que envolvemos com uma composição, procurando tornar e orientar o pensamento infantil para que a criança venha a escrever dentro de suas reais possibilidades, estaremos auxiliando-a neste sentido sempre que, e, após a apresentação e leitura de um texto, realizarmos, escrita ou oralmente, um trabalho de interpretação onde a criança, atendendo a questões propostas sobre o mesmo, será levada a apreender o conteúdo real do texto. De sua eficiência nas respostas se depreende a sua eficiência na leitura que é, antes de mais nada, interpretação e significado. Levando a criança a interpretar, nos ajudamos a organizar seu pensamento.

(Continua na pg. 76)



SOJA

SEU PAPEL NA VIDA BRASILEIRA

Dentro de uma apreciação dos produtos, cujo grande aproveitamento os justifica como fonte de riqueza nacional, sugerimos ao professor primário um estudo da soja, uma análise da sua presença como elemento largamente utilizado na alimentação e em vários outros setores da economia e da indústria brasileira.

Encontramos a origem da soja no Oriente, sendo cultivada, desde tempos imemoriais, na China, Mandchúria, Coréia e Japão. Valorizada sua cultura por todo o Extremo Oriente, é considerada hoje alimento de grande valor em inúmeros países. É de fácil aclimatação, pouco exigente quanto ao solo, resistente às secas e aos grandes calores. Terras frias e sujeitas a geadas não são recomendadas, o contrário verificando-se com os terrenos silíco-argilosos, soltos e profundos, onde se desenvolve admiravelmente, produzindo com abundância.

Com a paulatina introdução do vegetal nas lavouras, foi se formando, nos diversos países, uma verdadeira indústria de fabricação de preparados alimentares da soja. Sua importância pode ser comprovada na vida moderna, agrícola ou industrial, com o aumento cada vez maior de seu consumo, já que as sementes da planta se prestam a inúmeras explorações.

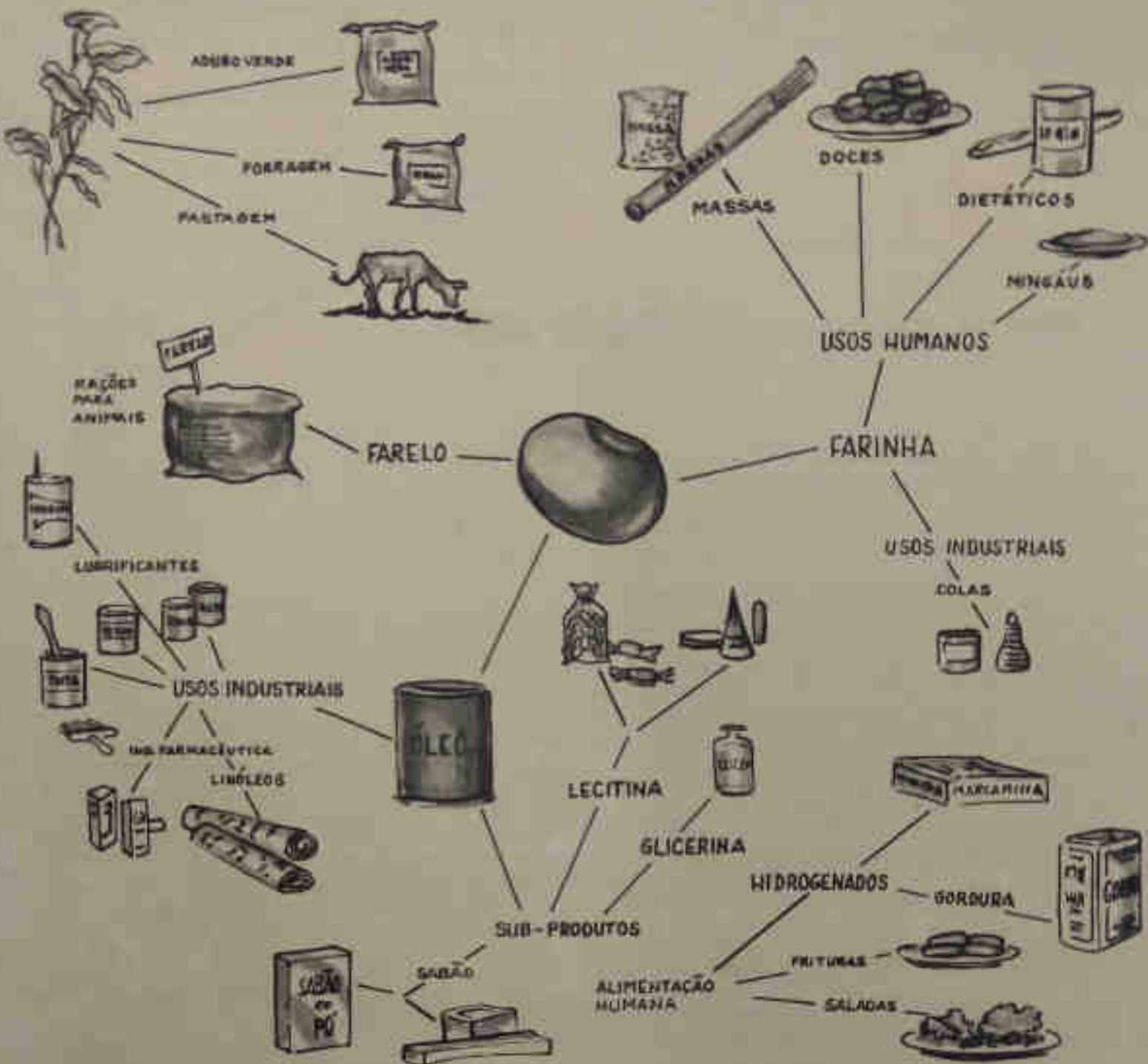
Conhecida a utilidade da soja, iniciou-se também, no Brasil, um movimento que deu origem a vários ensaios culturais, e, atualmente, por resumir substâncias necessárias ao organismo humano, constitui-se em produto altamente atuante na vida nacional.

A planta, trazida para dentro da sala de aula, servirá para maior ilustração. Os alunos aprenderão que é uma planta anual, herbácea, de caule ramoso e pubescente; suas folhas são trifoliadas; possui flores axilares de cor branca, amarela, violácea, conforme a variedade, reunidas sobre um pedúnculo comum, e numerosas vagens hispidas e curtas, contendo cada uma, em média, três sementes. Segundo a variedade, a cor dos grãos é diversa: existem os vermelhos, verdes, brancos, havana, pretos e os diversos tons de amarelo e pardo.

Independente deste aspecto do estudo, indispensável se torna levar a classe ao conhecimento dos produtos derivados da soja que, em última análise, é o que realmente interessa à criança. Assim, ela se tornará não só capaz de distinguir, nos diversos alimentos que ingere ou manuseia, a presença da soja, como também reconhecer sua enorme importância e valor.

A visita a um estabelecimento especializado fornecerá ao professor primário e sua classe maiores elementos de aprendizagem. Esses podem ser aproveitados para confecção de quadros, painéis, etc., que, mostrando a aplicação da soja na indústria e na vida doméstica, darão uma forma mais agradável à aquisição dos novos conhecimentos.

O quadro abaixo serve para indicar, esquematicamente, a utilidade da soja:



Farinha — A farinha de soja é um produto de enorme aplicação. É empregada no uso doméstico para os mais diferentes fins, na padaria industrial como fator de enriquecimento do grão, e em grande número de firmas e laboratórios que a aproveitam sob a forma de sêmola (farinha de granulação maior) para o fabrico de produtos alimentícios e dietéticos.

Farelo — Os farelos de soja têm seu grande campo de aplicação na produção de rações balanceadas

para alimentação animal. As vendas desses farelos cobrem todo o território nacional, havendo um excedente exportado usualmente para o continente europeu.

Óleo — o óleo, como mostra o esquema, pode ser utilizado para fins domésticos e industriais.

A **lecitina** é um produto que, desidratado e refinado, é utilizado no preparo de chocolates, caramelos, produtos medicinais, confitarias em geral, cosméticos, perfumaria, etc. Em seu estado natural serve como

materia prima para o fabrico de sabões de toucador, sabão comum, etc.

O **sabão**, ao qual se adiciona a lecitina bruta e a lixívia de soja (resíduo da refinação de óleo), produz **sabão de uso caseiro**, na clássica forma de barras e também em pó. Da elaboração do **sabão**, extrai-se a **glicerina**, que, bi e tri-distilada é vendida para fins industriais e farmacêuticos.

Nota: Agradecimento especial à colaboração prestada pela SAMIG, através do Sr. J. A. Rezende da Silva. *

Bruno LÚCIA DE LEMOS — Diretor
de Escola Primária — GB

O MUNDO NO SÉCULO XV - DESCOBERTA DA AMÉRICA

PROGRAMA

4.^a série — Noção geral do mundo no século XV — A imprensa, o uso do papel, da bússola e da pólvora como fatores que permitem a surto das grandes navegações. O descobrimento da América: fatos principais.

5.^a série — Cristóvão Colombo e o descobrimento da América.

PROGRAMA DE GEOGRAFIA que pode ser relacionado à matéria.

4.^a série — Conhecimento do mapa-mundi e do planisfério. Divisão do globo terrestre em águas e terras. Os continentes e os grandes oceanos. Círculos da esfera terrestre: equador, trópicos e círculos polares. Zonas da esfera terrestre: clima e condições de vida que as caracterizam. O eixo da Terra; os polos.

5.^a série — Os continentes e as partes do mundo. Países da América e da Europa e respectivas capitais.

Astros: estrelas e planetas. Forma e movimentos da Terra. Eixo e polos. Meridianos e paralelos — o equador. Zonas da esfera terrestre. Pontos cardinais e colaterais. Orientação pelo nascer e pelo pôr do sol, pelo Cruzeiro do Sul e pela bússola. As fases da Lua.

PONTOS DE PARTIDA — Sugestões:

- Coleção de desenhos — das caravelas de Colombo; de tipos característicos da época, com a indumentária própria; de casas, cenas, etc.
- Uma bússola — exercícios de orientação.
- Um pedaço de pergaminho "aparece" na Biblioteca da escola; daí passa-se ao papel às grandes invocações.
- Mapas do século XV.
- Leitura e interpretação de poesias relativas à descoberta da América.
- A anedota do "ovo de Colombo".
- Dramatização espontânea sobre as lutas de Colombo.

RECURSOS MOTIVADOR ESCOLHIDO — Dramatização

DRAMATIZAÇÃO — As peregrinações de Colombo

Os alunos dramatizarão as peregrinações de Colombo, de reino em reino, atrás de auxílio para realizar seu sonho: chegar às Índias pelo oeste. E no caminho descobrir terras.

Um aluno fará o papel de Colombo; outros representarão os reis de Portugal, Inglaterra, França, Espanha.

As palavras de Colombo elicitando navios, bem como as respectivas respostas, serão inventadas pelos alunos, mas de acordo com a verdade histórica. Para esse fim, eles se informarão previamente sobre os diálogos e as cenas que realmente se passaram, procurando ler tudo o que puderem a respeito. Não há necessidade de cenários nem indumentária especial.

Crianças mais adiantadas, ou de mais imaginação, poderão ampliar o trabalho, acrescentando-lhe várias circunstâncias que definam melhor o ambiente. Por ex.:

a) — Colombo impacientemente aguarda numa antecâmara que o chamem.

b) — Um moedor, ou chefe de cerimonial, leva-o à presença do rei, anunciando-o antes.

c) — Os cortesões caçam e riem das ideias loucas de Colombo (esta será uma boa oportunidade de passar em revista a situação do mundo no século XV; conhecimentos sobre a forma da terra, crenças

tes e oceanos, riquezas do Oriente, bússola, pólvora, imprensa, etc., comparando-a com a atualidade).

d) — Colombo, na corte de Espanha, recebe dos reis a promessa dos navios.

e) — Colombo, da "Santa Maria", acons para o povo, que se despede no cais (grupos de meninos reproduzem o som do mar, outros representam a tripulação, inventando gestos e atitudes apropriadas).

ASSOCIAÇÃO — articulação com a matéria

Por que riem de Colombo os cortesões? Quais as grandes e sensacionais novidades da época que faziam rir a alguns, a outros pensar, ou sonhar com loucas empresas aos que tinham a aventura no sangue, como os portuguêses e espanhóis?

EXPLANAÇÃO

Noções gerais do mundo dito civilizado no século XV. A redonda área geográfica. O desenvolvimento das artes e ciências. A expansão cultural. Ideias que prevalecem sobre mares e terras, sobre a Índia e suas fabulosas riquezas. O descobrimento total da existência da América e das civilizações que nela floresciam. As grandes invenções permitindo o surto da navegação. Colombo — um pioneiro.

HÁBITOS E ATITUDES

O exemplo que nos legou Colombo — de tenacidade, de vontade firme a serviço de uma ilha inabitável. Vale de um homem que não desanima diante das dificuldades, da indiferença, da zombaria, e considera cada derrota um novo caminho aberto em outra direção.

Como pode uma criança revelar filhos de vontade? Como pode o professor firmar-lhe esse hábito, sem "pregar moral"?

O trabalho de cada dia — perfeito e terminado. A prioridade da obrigação ("Primeiro a obrigação, depois a diversão").

PESQUISAS

Procurar nos livros de História, e paralelos, informações sobre Colombo e suas peregrinações através das cortes da Europa. Para dar maior veracidade à dramatização, a criança deverá familiarizar-se, através de leituras variadas, com a linguagem da época, modos de vida na corte e entre o povo, de forma que consiga apreender e sentir o ambiente prenhe de "coisas por vir" do século XV.

EXPRESSÃO — associação com o programa de linguagem

- Debates orais sobre as invenções do século XV. Comparação com a época atual.
- Representação das cenas imaginadas para a dramatização.
- Reprodução escrita dos diálogos.
- Interpretação de poesias.
- Descrição da primeira viagem de Colombo.
- Composição — Imaginar uma história sob o título: "Já é tempo de vontade".
- Desenhos — Uma caravela. Colombo. Cesta da despedida no cais. Cesta da chegada a Guiana. Uma bússola. Rosa dos ventos.
- Descrição dos fatos históricos (para o "Nosso Livro de História")
- Relatório das atividades realizadas pela turma: pesquisas, ensaios da dramatização, etc. (para o "Diário de Classe")

SISTEMATIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS

- Exercícios de leitura silenciosa:
 - a — Todos os alunos lerão silenciosamente, na História do Brasil o capítulo que trata do fato histórico em estudo.
 - b — O professor determinará um parágrafo para cada aluno, ou grupo de alunos.
 - c — Cada aluno (ou grupo de alunos) torciará a ler com atenção o seu parágrafo, substituindo depois por uma frase que lhe resume o sentido principal.
 - d — Cada aluno (ou grupo) lerá a frase que escreveu, (ordenadamente, de acordo com o trecho).
 - e — Após a leitura de cada frase os alunos farão a crítica, dizendo se ela corresponde realmente, ou não, ao sentido do parágrafo original.
 - f — Um aluno, oralmente, fará um resumo geral do fato histórico.
- Perguntas sobre o trecho lido que examinam compreensão do assunto. Por ex.: "Qual é o parágrafo desse capítulo que fala sobre as consequências do descobrimento da América?"

— Reprodução, nos cadernos individuais e no "Nosso Livro de História", do fato histórico "em esquema", segundo um roteiro que servirá para todos os fatos a estudar, com ligeiras variantes. Ex.:

- 1 — Nome do fato —
- 2 — Data —
- 3 — Século —
- 4 — Causas —
- 5 — Consequências —
- 6 — Acidentes principais — (por ordem cronológica)
- 7 — Locais relacionados e respectivas ocorrências —
- 8 — Personagens principais e sua atuação nos acontecimentos —
- 9 — Situação do Brasil na época quanto:
 - ao Governo —
 - ao desenvolvimento cultural —
 - à agricultura —
 - à indústria —
 - ao comércio —
 - aos meios de transporte e comunicação —
 - à população —

10 — Vocabulários ou expressões novas aprendidas —

Este trabalho poderá ser feito de acordão com a seguinte orientação:

a — O professor distribui aos grupos o roteiro acima (sómente o roteiro).

b — Cada grupo estuda e debate oralmente, sem nada escrever as questões apresentadas no roteiro, ventilando totalmente o assunto.

c — Cada aluno copia o roteiro em seu caderno de História, escrevendo sózinho as respostas, mas consultando o livro de História se tiver alguma dúvida.

d — Um aluno de boa letra (ou o que fizer a melhor pesquisa, a critério do professor), executa esse trabalho no caderno circular ("Nosso Livro de História").

— Mapas — Planisfério: — colorir o mundo conhecido no século XV, — localizar as ilhas e demais locais descobertos por Colombo nas quatro viagens; — traçar o roteiro das viagens de Colombo.

Esfera terrestre: — círculos e zonas.

DOCUMENTAÇÃO

Tudo que for coligido pelos alunos deverá ser documentado em cadernos próprios, não só para firmar os conhecimentos, como para multiplicar as oportunidades de redigir. Como exercícios de linguagem têm esses trabalhos grande valor, por serem realmente vividos pelas crianças.

Algumas sugestões:

— "Diário de Classe" — em que se registra a seqüência de todos os passos dados para a realização de um trabalho, inclusive instantâneos dos alunos em ação.

— "Nosso Livro de História" — com a narração esquemática dos fatos históricos aprendidos, ilustrados por desenhos dos alunos ou fotografias. Havendo desenhistas na turma, poderia ser-lhe dado o aspecto de história em quadrinhos. (Um título sugestivo: "Nossa História em Quadrinhos").

— "Dicionário" em que devem ser anotados os termos novos aprendidos.

— "Álbum folclórico" — para reprodução de lendas, anedotas, músicas ou qualquer outro material folclórico.

— "Álbum de poesias" — relativas aos fatos estudados.

— "Arquivo de mapas" — com os mapas e cartas geográficas relativos à época estudada.

— "Mimeu" — com os objetos coletados.

VERIFICAÇÃO DE CONHECIMENTOS

LACUNAS

Leia com atenção e depois complete, substituindo os pontos pelas palavras ou expressões necessárias, de acordo com o sentido e a verdade histórica.

— Parecia que o mundo — o pequeno mundo do século XV — estava sacudido por um vendaval, que agitava as idéias nas cabeças dos homens. Por toda a parte se murmurava que talvez a terra não fosse quadrada, nem sustentada por quatro elefantes. E que, no Oriente, havia regiões fabulosas de riquezas, para quem tivesse coragem de enfrentar os monstros do mar Tenebroso. Essas regiões, donde vinham os damascos, as sédas, os perfumes, todos chamavam de

Muitos inventos foram aperfeiçoados por esse tempo, como que empurrando os ambiciosos para grandes aventuras. Substituindo o pergaminho e as pranchetas de barro, o passou a ser feito de trapos. A pólvora foi aplicada às armas. Aquela agulha imantada que, sobre um pedaço de palha ou cortiça, bojava numa vasilha d'água, apontando mais ou menos para o norte, foi transformada num instrumento seguro, a

Mais ainda: Ai por volta de 1400 conseguia-se imprimir um livro em 100 dias. Mas em 1500, com o desenvolvimento importantíssimo dado à tipografia por

, passaram a imprimir-se 100 livros em cada dia.

E dai? dirão vocês. Por que todas essas invenções ajudaram a levar os homens às grandes aventuras?

— Ora... é claro! A bússola veio dar segurança à E a divulgação das idéias e conhecimentos tornou-se muito mais fácil e acessível ao povo com o barateamento e as facilidades das duas invenções: o E naturalmente qualquer navegador ou conquistador se sentiu muito mais seguro e disposto às aventuras levando consigo uma de fogo, detonada pela pólvora.

Sim, essas invenções ajudaram muito. Mas o caso é que os povos pioneiros das grandes navegações, os eram povos valentes, audaciosos e de grande espírito aventureiro. E muita coisa os atraía para o largo mar. Ambos queriam enriquecer com o , ambos queriam expandir-se, descobrir , e espalhar pelos inféis a sua E, principalmente,

ambos queriam chegar às Índias, a legendaria terra daquelas produtos apreciadíssimos na Europa: pimenta de cheiro, cravo, noz moscada, gengibre, conhecidos com o nome de

E começa a corrida pelos mares!

Portugal consegue custear a caminho certo para as Indias. E pouco depois, em 1492, os reis da Espanha e entregam a Cristóvão Colombo as três celebres caravelas

Os marinheiros não acreditavam no visionário, há revolta a bordo, mas nesse mesmo ano de 1492, no dia , Colombo descobre a América, chegando à ilha de Navega para o sul e descreve ainda as ilhas de

— E ai? perguntarão ainda vocês. Acabou-se a história?

— Qual nada! Ai é que a história começou a tornar-se interessante para o Brasil!

— Para o Brasil? Mas o Brasil ainda não tinha sido descoberto!

— E... não tinha não. Mas acontece que, por causa das terras descobertas por Colombo, Portugal e Espanha começaram a discutir, e a discussão está a ponto de transformar-se numa guerra. Ai, o Papa Alexandre VI

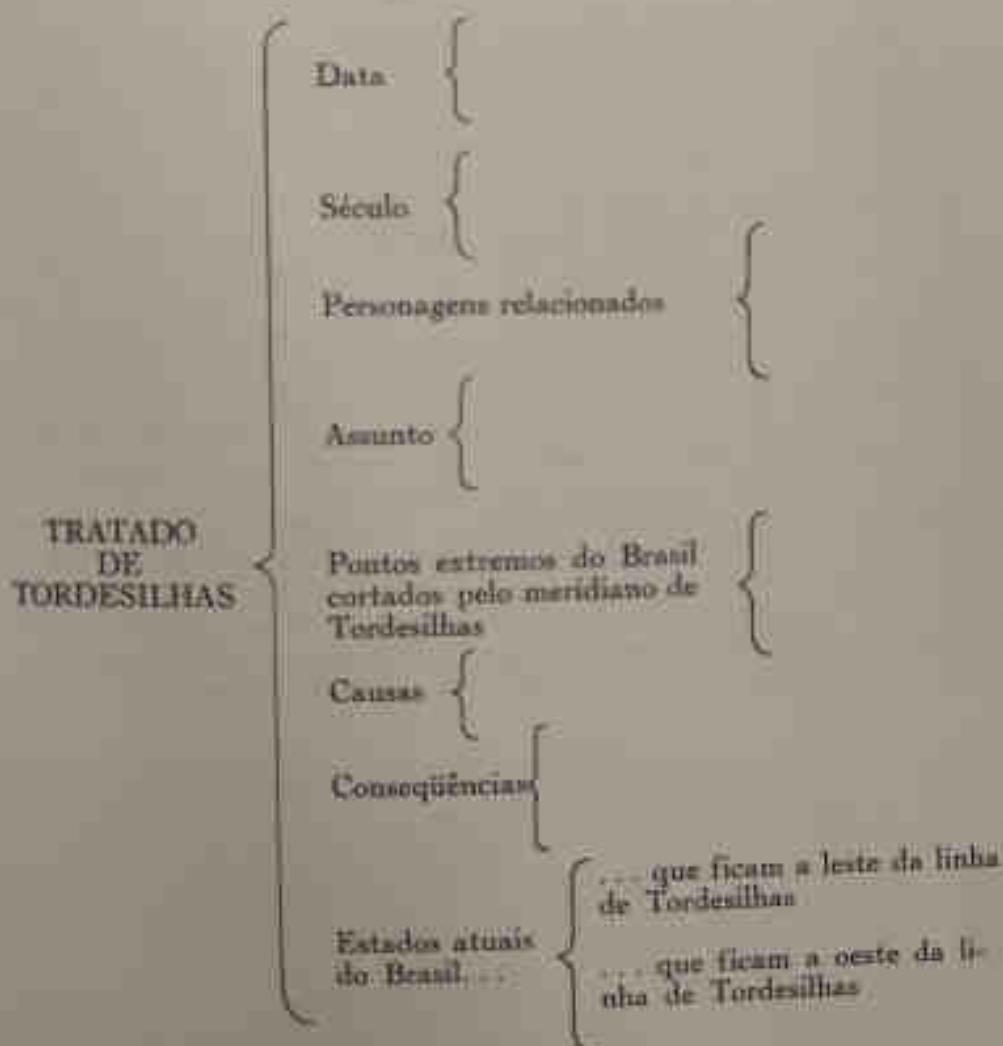
(O resto da história, vocês é que vão contar)

RESPOSTAS:

Indias — papel — bússola — Gutenberg — navegação — papel — imprensa — arna — português — espanhóis — ouro — terras — colégio — especiarias — África — Fernando — Isabel — Santa Maria — Pinta — Nina — 12 de outubro — Guiana — Cuba — Haití — estabeleceu que seria traçada no mapa uma linha (meridiano), que passaria 370 léguas a oeste das ilhas dos Açores e de Cabo Verde; as terras descobertas ao ocidente desta linha pertenceriam à Espanha, e as que ficassem a leste seriam de Portugal. Esse tratado, assinado em 1494, foi chamado de "Tordesilhas." Obs.: a linha referida cortava as terras brasileiras de Belém, no Pará, e Laguna, em Santa Catarina. Todo o território a leste ficou portanto incluído nos domínios português, antes mesmo do Brasil ser descoberto.

QUADRO SINÓTICO

Complete o quadro sinótico, escrevendo à direita das chaves o que se pede à esquerda:



RESPOSTAS:

1494

XV

Alexandre VI, D. João II, Fernando e Isabel.

Distribuição de terras entre Portugal e Espanha.

Belém, no Pará, e Laguna, em Santa Catarina.

Desavença entre Portugal e Espanha, por causa das terras da América, recém-descobertas, a que D. João II se julgava com direito.

Inclusão do Brasil nos domínios portugueses, apesar de ter

sido descoberto primeiro pelos espanhóis.

... Maranhão, Piauí, Ceará, R. G. do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, E. Santo, R. de Janeiro; parte de Pará, Goiás, M. Gerais, S. Paulo, Paraná, particular de Santa Catarina.

... Amazonas, Mato Grosso R. G. do Sul; parte de Pará, Goiás, M. Gerais, S. Paulo, Paraná, Santa Catarina.

BATEIA

Faça o que se pede:

a) — Abra sua História do Brasil no capítulo referente ao "Descobrimento da América".

b) — Procure, nesse capítulo, os parágrafos que se refiram aos seguintes assuntos:

1 — Peregrinação de Colombo, pelas Cortes da Europa, à procura de auxílio.

2 — Motivos que levaram Colombo a sonhar com viagens por mar.

3 — Dificuldades sofridas por Colombo na primeira viagem.

4 — Terras descobertas na primeira viagem.

5 — Consequências das viagens de Colombo.

Respostas: De acordo com o juízo de cada aluno.

c) — Copie abaixo os parágrafos que você encontrou no livro, resumindo-os se puder. (Obs.: numerar-se como está acima, de acordo com os respectivos assuntos).

- 1 —
- 2 —
- 3 —
- 4 —
- 5 —

BIBLIOGRAFIA

Chico da Silva e Outras Histórias (Histórias da Nossa Pátria: História — Vol. I: Viriato Corrêa)

Pequena História do Mundo para Crianças — V. M. Hilfiker — Trad. de Getúlio Rangel

História do Brasil — Emanoel A. Lobo
História do Brasil (Edição do Centenário) — Rui Barbosa

Tropico — Encyclopédia Brasileira 4 vols — (Vol II — Documentário n.º 87);
Livraria Martins Editores — 2.º P.

História do Brasil — 1.º sítio gerais
R. Hadlock Lobo

TRABALHOS DE FÉLTERO



aula. Este boneco é bastante versátil, pois com apenas pequenas mudanças nos acessórios servirá para diferentes personagens.

A execução é relativamente fácil, bastando que se recortem no fôlter, sempre em duas partes iguais, as mãos, cabeça e vestimenta do palhaço. Estas partes devem ser unidas com uma costura à mão ou à máquina, pela linha do contorno. Enchem-se de algodão as mãos e a cabeça; o restante do boneco não leva enchimento, pois, tratando-se de um fantoche, precisamos de espaço livre para introduzir a mão e assim movimentar o palhaço.

Também o tamanho do fantoche deve ser proporcional ao da mão de uma criança ou adulto, dependendo quem dele fará uso.

Os acessórios são feitos de lã (como, por exemplo, os cabelos) retângulos de fôlter e com pinturas ou bordados — como no caso dos olhos e da boca.

Na confecção do costureiro, emprega-se um retângulo de fôlter dobrado ao meio. Num dos lados interiores, aplica-se mais um pedaço de fôlter com enchimento de algodão, para formar a almofadinha dos alfinetes e agulhas. Os lados exteriores do costureiro podem ser decorados com pedacinhos de fôlter, dispostos de maneira a formar uma determinada figura.

Nas fotos, que se seguem, apresentamos algumas etapas da elaboração destes objetos, tanto no desenho e recorte de diferentes peças do palhaço e do costureiro como também da montagem dos mesmos.



DECORAÇÕES COM LACRE



Usando o lacre como material principal, podemos decorar escovas, pentes, espelhos, etc. Esta decoração consiste na aplicação do lacre sobre os objetos, complementando o trabalho com incrustações de pedras, lantejoulas ou mesmo vidrilhos.

Empregam-se como material: lacre em bastões, pedrinhas, lantejoulas, pó dourado, verniz, acetona, fita de veludo ou fita mimosa e, naturalmente, os objetos que se pretende decorar.

Através das fotografias, pode-se ver como este trabalho foi executado em nossa seção experimental.

Sobre a chama de uma lâmparina a álcool, derrete-se o lacre e enquanto este estiver meio pastoso, aplica-se sobre o objeto a ser decorado. Na mesma ocasião, já se fixam as pedras sobre o lacre ainda quente.



Depois de pintado o lacre com tinta dourada (mistura de verniz com pó dourado) limpam-se as pedras com acetona, removendo qualquer tinta que tenha se fixado nas mesmas. Em um ou outro objeto pode-se usar uma fita para dar melhor acabamento. *

Trabalhos confeccionados na Seção de Experiências da Revista do Ensino, por crianças de Escolas desta Capital e sob a orientação das prof.ss Maria Magdalena Lutzenberger e Marilena Merino Favero.

MAMÃEZINHA

Letra e Música de Rafaela R. Portado

Neste
Na es-
mais calmo e ri-
-zinho la prepa-
-rando com a.
-migo, que ale-
-mer a ma lem-

-gria! Os fi-
-brancos, são re-
-linhos a can-
-parec, mão
-tag
-querida.
Mamãe -
-gulos

Hoje é seu dia.
E tra-
-Am - Rio
-de cri-
-anças salvo

navei Mamãe -
-zinha anjo
bom de mamãe
vida!

SEGREDO

Música: Zemette R. M. Vélez

1.º Ato

Letra: Maria Elline

Mamãe-zinha, Mamãe- zinha, Um se- -grê-do vos con-fia, — Dentro de meu cora-
-ção, — Eu mui-to-a-mor pra te dar, — Que no céu na arte- -zinha que-
-grê- do pro te dar, — Nós deus, que faze-va, — elas-nha, de nos se- leva.

PRINCÍPIOS PARA UMA PEDAGOGIA DO CIVISMO

DR. JOÃO RIBEIRO DOS SANTOS

Civismo é essencialmente educação. Tem aspectos de disciplina informativa quando estuda a Constituição do país, o mecanismo da elaboração das leis, as estruturas dos órgãos de governo no nível nacional, estadual e municipal, as agências governamentais ou particulares da sua comunidades, etc. Em tudo mais será uma prática educativa dentro e fora da escola.

Não pode haver Civismo sem formação moral. Já estamos cansados de ver a ostentação do civismo como máscara da absoluta falta de caráter. A antiga Instrução Moral e Cívica ficou desprestigiada quando a mocidade percebeu a irreabilidade dos discursos patrióticos e dos elogios das virtudes.

Na educação cívica, a Escola não pode estar desligada do lar e da igreja. Normalmente o regime será de estreita colaboração. Mas em muitos casos a escola e a igreja terão de compensar a ausência ou a má influência do lar.

Na escola, a educação cívica estará intimamente ligada à Orientação Educacional. Não poderá haver divergências doutrinárias sem graves consequências para os educandos. E utilizará largamente as atividades extracurriculares e extra-escolares para a prática educativa do civismo.

Há o grave risco de a educação cívica, devido à liberdade de cátedra, se tornar a tribuna de propaganda de outras formas de governo e de outras filosofias políticas. Mesmo que os programas fixem o estudo nos temas da democracia e da república, a malícia fará o resto. Ignorar-se há alguma forma legal de defesa. Mas será uma ingenuidade inqualificável ter o lobo ou a raposa como cão de pastor.

A educação cívica deve esclarecer a juventude sobre as vantagens da democracia, da nossa república, da nossa formação cristã, da nossa filosofia política e da nossa política econômica. Deve dar os argumentos para que se defendam dos pregadores de doutrinas contrárias ou subversivas. Eles não tem escrúpulos em politizar a juventude, e será tolice adotarmos uma atitude suicida de neutralidade.

A educação cívica visa sobretudo criar cidadãos ativos e eficientes para a nossa Pátria que zelam pelas nossas tradições de liberdade, e que

transmitem essa herança dos nossos antepassados à próxima geração.

Válidas essas considerações, propomos os seguintes princípios para uma pedagogia do Civismo:

- 1) Ter um objetivo humano — o cidadão ideal para a nação em que vivemos.
- 2) Fazer da educação do caráter a base da educação para a cidadania.
- 3) Dar ênfase ao amor e aos deveres para com a Pátria.
- 4) Promover a formação da consciência cívica pela participação em atividades.
- 5) Proporcionar atenção e orientação individual dentro da educação em grupo.
- 6) Desenvolver um programa contínuo e progressivo da idade escolar à idade adulta.
- 7) Ajudar a integração social.
- 8) Educar para a liderança e a cidadania ativa na democracia. *

JOGOS para dias de chuva

A seleção de jogos que apresentamos a seguir tem por finalidade auxiliar o professor no planejamento das atividades para os dias chuvosos ou muito frios. Cabe ao professor, no entanto, selecionar dentre as sugestões apresentadas aquelas mais adequadas para sua classe, partindo sempre do princípio que a criança só encontra satisfação nos jogos e brincadeiras que ela comprehende e participa ativamente.

ESPANTALHO



Material: Quadro-negro, giz e um cartão grande.

Preparação: As crianças sentadas junto ao quadro, sendo uma sentada para começar.

Desenvolvimento: Ao sinal de início, a criança escolhida vai ao quadro, apanha o giz e tem os seus olhos tapados pelo orientador, por meio do cartão. Cabe-lhe, então, desenhar o contorno de uma cabeça humana e chamar a companheira que quiser, para que ela, também com os olhos tapados da mesma forma, acrescente o pescoço à figura iniciada. Uma terceira fará o tronco, outra uma perna e assim por diante, sentando-se cada qual após escolher a sucessora. O espantalho final é aclamado com palmas.

(Pode-se dividir o quadro ao meio e fazer simultaneamente a brincadeira com dois grupos, ficando uma criança encarregada de tapar os olhos das suas companheiras. Embora não se trate de jogo propriamente, esse passatempo é recebido com muita alegria).

Objetivos específicos: Senso de orientação; alegria em brincadeira tranquila.

LENÇO ENGRACADO

Material: Um lenço fino e leve.

Preparação: Organizam-se dois partidos, ocupando cada qual a metade de uma roda, formada por todos os jogadores. No centro do grupo, fica o orientador de posse do lenço.

Desenvolvimento: Para iniciar, o orientador segura no alto o lenço aberto, avisando que, tão logo o solte, todos devem correr a tirar. Mas, desde o momento em que ele toque no chão, quem tirar será excluído. O processo é repetido várias vezes e, ao cabo de poucos minutos, a vitória é dada ao grupo que menos elementos perdeu.

Objetivos específicos: Satisfação em brincadeira pouco movimentada; autodafinian; noção de jogo de partidos.

JOGO DE ESCONDIDAS IMAGINÁRIO

Formação e desenvolvimento: Todos os jogadores ficam sentados. O designado a se esconder, imaginar-se-á escondido em qualquer parte (dentro do relógio, do rádio, etc.). Perguntará então sucessivamente aos demais: "Onde estou escondido?" Aquela que acertar, esconder-se-á da próxima vez.

O PATO DE MANECA

Desenvolvimento: A professora vai fazendo o desenho à medida que conta a história.

"Um dia, Maneca perdeu seu pato. (Este ponto aqui representa o Maneca). O Maneca mora numa casinha. (Desenhar um círculo em torno do ponto). Perto da casinha há um açude. (Desenhar um grande oval). Um caminho curto vai da casinha ao açude. (Desenhar uma linha, do círculo até o oval). O Maneca segue por ele à procura do pato. Pensava que o pato estava escondido nos arbustos que crescam perto do açude. Foi lá 4 vezes, mas não o encontrou, embora seguisse por 4 caminhos diferentes. (Desenhar 4 linhas que saem do oval). Resolveu, então procurá-lo numa estrada que descia do açude. (Desenhar uma perna). Mas era um beco sem saída. Assim Maneca virou-se para voltar, mas experimentou outro atalho à direita. (Desenhar os pesinhos). Mas não deu resultado. Voltou ao açude. Dali, seguiu por outra estrada. (Desenhar outra perna). Mas estava de novo num beco sem saída. Deu uns passos para trás, pegou um atalho, sem achar nada, à direita, e à esquerda (desenhar os pesinhos). Desapontado, Maneca voltou para casa, seguindo sempre a margem do açude. (Desenhar o pescoço). Chegando em casa, foi até o portão da frente. Abriu-o e pôs-se a passear. (Desenhar uma linha curta que sai da frente da casa de Maneca). E imaginem! Lá estava o pato! Maneca voltou para casa cheio de alegria. (Desenhar outra linha curta que volta para casa). Que tolo fui! diz Maneca. Eu, em vez de olhar para frente para encontrar o pato, fiz a volta de todo o açude. Mas, finalmente, achei o meu pato.

FEITICEIRO

Material: Uma bengalinha de papel para cada grupinho.

Preparação: Pequenas rodas de jogadores, cada qual com o seu "feiticeiro" dentro, a segurar uma bengalinha de papel.

Desenvolvimento: Ao sinal de início, os componentes de cada roda andam lentamente em círculo, enquanto o respectivo feiticeiro tenta tocá-los, com a sua varinha mágica. Para quebrar o feitiço, basta, porém, pôr no chão a mão direita (ou a esquerda, conforme o combinado), imediatamente antes de ser atingido pela varinha. O apanhado troca de lugar com o feiticeiro, recomeçando a brincadeira. Nenhuma criança pode demorar-se com a mão no chão.

Objetivos específicos: Habilidade de se movimentar com rapidez e imprevidência (para o feiticeiro); equilíbrio, a fim de não cair ao abatê-lo depressa (para os demais).

Erro comum: Pôr em terra a outra mão (esquerda ou direita, conforme a regra do jogo).

PALAVRAS INCOMPLETAS

Material: Giz e quadro-negro.

Preparação: As crianças sentadas nos seus lugares, na sala de aula. O mestre prepara uma lista de palavras bem familiares à turma.





Desenvolvimento: Dando a partida, o orientador escreve a inicial e a última letra de uma das palavras da sua lista, pondo entre ambas tantos traçinhos quantas forem as letras intermediárias, que lhe faltam, como por exemplo: C - a. Os três primeiros jogadores a descobrir uma palavra que sirva, como cara, cala ou cama, ganham um ponto cada um. Feito o que nova palavra é posta em concurso. A vitória é de quem atinge maior total, dentro do tempo combinado para o jogo.

Objetivos específicos: Satisfação em brincadeira tranquila; imaginação; rapidez de reação; enriquecimento do vocabulário; fluência verbal.

VENENO

Formação: Alunos em círculo de posse de uma bola, um deles se encontrará do lado de fora.

Desenvolvimento: O aluno de fora, de costas para o círculo, iniciará uma contagem, que não ultrapassará de 10, tendo, inicialmente a turma noção do limite de contagem. Nesse momento, os integrantes do círculo passarão entre si a bola. Ao finalizar a contagem, o aluno de fora volta-se rapidamente para o círculo. O aluno que neste momento estiver com a bola na mão será substituído pelo da contagem.

DANÇA DOS NÚMEROS

Preparação: As crianças sentadas em roda e consecutivamente numeradas.

Desenvolvimento: Para começar, o orientador aponta uma criança, feito o que todos batem duas palmas, o jogador indicado diz duas vezes o seu número (dez, trés, por exemplo), todos estalam duas vezes os dedos e depois aquele mesmo jogador fala duas vezes o número de um companheiro (oito, oito, por exemplo). A brincadeira prossegue no mesmo ritmo, com outras duas palmas, batidas por todos, seguidas do novo número, repetido pelo seu dono (oito, oito), a que se sucedem dois estalinhos com os dedos e outro número, ainda não chamado, escolhido agora pelo jogador número oito.

Quem perde o ritmo, não atende logo ao chamado ou chama números inexistentes na roda, paga uma prenda. O segundo erro leva um jogador à exclusão do jogo, vencendo-o os que nêle ficam por último (ou que não pagam prendas).

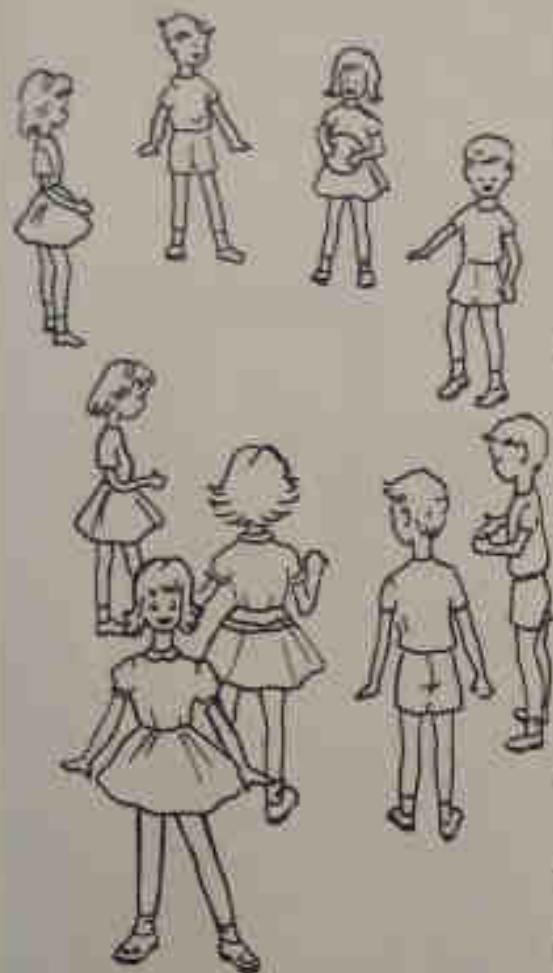
(Antes de começar, convém praticar o ritmo, que é assim: palma, palma, deit, deit (ou outro número), estalinho, estalinho, dez, dez (ou outro número), palma, palma, um, um, estalo, estalo, etc. etc)

Objetivos específicos: Alegria em brincadeira tranquila; senso rítmico; atenção; rapidez de reação; memória auditiva (para não chamar números inexistentes); boa atitude diante da própria exclusão.

ASSOMBRAÇÃO

Preparação: As crianças sentadas em roda, tendo o orientador ao centro.

Desenvolvimento: Para iniciar, o orientador aponta um jogador, pedindo-lhe que pense numa palavra, mas diga apenas a sua inicial. A criança seguinte (vizinha à anterior) deve falar a *segunda letra* de alguma palavra de mais de duas letras, começada pela letra dita antes. A companheira que vem logo depois, nomeará a *terceira letra* de uma palavra começada pelas outras duas letras citadas, mas que possua mais de três letras e assim por diante. Isto porque ninguém quer completar uma pa-



Desenvolvimento: Dando a partida, o orientador escreve a inicial e a última letra de uma das palavras da sua lista, pondo entre ambas tantos traçinhos quantas forem as letras intermediárias, que lhe faltam, como por exemplo: C - - a. Os três primeiros jogadores a descobrir uma palavra que sirva, como cara, calça ou cama, ganham um ponto cada um. Feito o que nova palavra é posta em concurso. A vitória é de quem atinge maior total, dentro de tempo combinado para o jogo.

Objetivos específicos: Satisfação em brincadeira tranquila; imaginação; rapidez de reação; enriquecimento do vocabulário; fluência verbal.

VENENO

Formação: Alunos em círculo de posse de uma bola, um deles se encontrará do lado de fora.

Desenvolvimento: O aluno de fora, de costas para o círculo, iniciará uma contagem, que não ultrapassará de 10, tendo, inicialmente a turma noção do limite de contagem. Nesse momento, os integrantes do círculo passarão entre si a bola. Ao finalizar a contagem, o aluno de fora volta-se rapidamente para o círculo. O aluno que neste momento estiver com a bola na mão será substituído pelo da contagem.

DANÇA DOS NÚMEROS

Preparação: As crianças sentadas em roda e consecutivamente numeradas.

Desenvolvimento: Para começar, o orientador aponta uma criança, feito o que todos batem duas palmas, o jogador indicado diz duas vezes o seu número (*três, três*, por exemplo), todos estalam duas vezes os dedos e depois aquele mesmo jogador fala duas vezes o número de um companheiro (*oito, oito*, por exemplo). A brincadeira prossegue no mesmo ritmo, com outras duas palmas, batidas por todos, seguidas do novo número, repetido pelo seu dono (*oito, oito*), a que se sucedem dois estalinhos com os dedos e outro número, ainda não chamado, escalhido agora pelo jogador número oito.

Quem perde o ritmo, não atende logo ao chamado ou chama número inexistente na roda, paga uma prenda. O segundo erro leva um jogador à exclusão do jogo, vencendo-o os que nêle ficam por último (ou que não pagam prendas).

Antes de começar, convém praticar o ritmo, que é assim: palma, palma, *dois, dois* (ou outro número), estalinho, estalinho, *dez, dez* (ou outro número), palma, palma, *um, um*, estalo, estalo, etc. etc.

Objetivos específicos: Alegria em brincadeira tranquila; senso rítmico; atenção; rapidez de reação; memória auditiva (para não chamar números inexistentes); boa atitude diante da própria exclusão.

ASSOMBRADAÇÃO

Preparação: As crianças sentadas em roda, tendo o orientador no centro.

Desenvolvimento: Para iniciar, o orientador aponta um jogador, pedindo-lhe que pense numa palavra, mas diga apenas a sua inicial. A criança seguinte (vizinha à anterior) deve falar a *segunda letra* de alguma palavra de mais de duas letras, começada pela letra dita antes. A companheira que vem logo depois, nomeará a *terceira letra* de uma palavra começada pelas outras duas letras citadas, mas que possua mais de três letras e assim por diante. Isto porque ninguém quer completar uma pa-

para não errar. Assim, o primeiro jogador pensa em "rádio" e diz: "O segundo lembra-se de "rosa" e fala-a. O segundo imagina "rodeia" e diz-a etc. etc. Quem apresenta uma letra que completa qualquer palavra, mesmo que não seja aquela em que pensou, perde. Se, no nosso exemplo, o segundo jogador houvesse dito i, teria formado a palavra "ri" e perdido. Caso o terceiro apresentasse l, teria perdido, por ter completado a palavra "sol". Cada vez que alguém perde, o orientador aponta outro, para começar nova palavra. Ao primeiro erro, um jogador recebe a letra a. Ao segundo, ganha a l, ao terceiro, a letra m, e ao quarto a. Após quatro erros, então, uma criança transforma-se em alma, não mais podendo participar do jogo. Deve, porém, permanecer no seu lugar, para distrair as outras, procurando fazê-las errar. Outros motivos para receber letras da palavra "alma" são: apresentar palavras de ortografia incorreta; dirigir a palavra a uma "alma"; e acrescentar uma letra sem ter alguma palavra em mente. Quem desconfia que um jogador não conhece um vocabulário com as letras citadas, pode desafiá-lo a mencionar a palavra em que pensou. Caso ele apresente uma palavra correta, quem o interrogou recebe uma letra de "alma". Do contrário, dão-se três letras a quem não soube dar uma resposta satisfatória.

A vitória é dos jogadores que restarem por último em jogo (ou que não tiverem recebido letras de "alma").

Objetivos específicos: Satisfação em brincadeira tranquila; enriquecimento do vocabulário; lealdade; rapidez de reação.

CESTA DE FRUTAS

Formação: As crianças, em círculo, sentadas, cada uma tendo o nome de uma fruta. No centro uma de pé.

Desenvolvimento: A do centro declara: — Vai passando um fruteiro que leva e menciona o nome de duas frutas, bananas e laranjas, por exemplo. As duas crianças que têm o nome dessas frutas trocam de lugar imediatamente, procurando aquela ocupar um dos lugares vagos.

Em vez de dizer o nome de duas frutas, a do centro pode gritar: "a cesta virou"; neste caso todas as crianças mudam de lugar.

ESCLARECER O ASSUNTO

Formação: Jogadores se sentam à vontade, como para conversar.

Desenvolvimento: Dois jogadores, afastados, combinam um assunto sobre o qual conversam depois de voltar ao grupo. Qualquer dos outros dá aparições com o fim de palestrar também. Se atinar com o assunto, conversa com os companheiros; entretanto, se os dois primeiros, depois de qualquer aparte, desconfiam que algum da conversa não conhece o assunto, devem afastar-se e indagar deste qual a sua ideia. Continua na palestra, caso esteja certo.

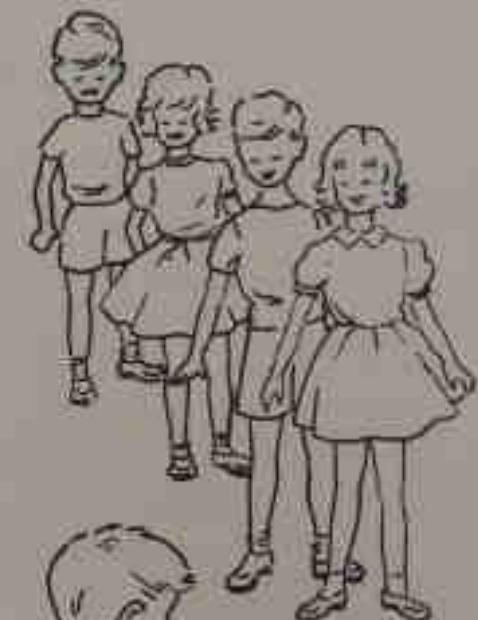
Três invasões impedem ao jogador novo encontro.

Quando todos estiverem conversando, exceto os que forem eliminados, o jogo termina.

VITRINA

Material: Cerca de quinze a vinte objetos diferentes, uma mesa (ou uma bandeja grande) e uma toalha.

Preparação: As crianças em coluna por um, longe do orientador, o qual arruma sobre a mesa, posta no centro da sala, os objetos que escollerá, embrulhando-os logo depois, com a toalha.



Desenvolvimento: Ao final de inicio, os objetos são expostos e a coluna dá duas voltas à volta à mesa, feito o que ela é novamente recoberta com a toalha. Cada jogador sente-se, então, no seu lugar, para escrever o nome de todos os objetos que viu, cabendo a vitória a quem recorda mais nomes. Como é comum aparecerem nas listas muitos inexistentes na mesa, calculam-se os pontos assim: um por objeto certo e menos um por indicação errada.

A medida que o grupo cresce em experiência e habilidade, pode-se aumentar o número de objetos, ou diminuir o tempo da sua observação.

Objetivos específicos: Memória visual; observação; satisfação em brincadeira tranquila.

MÚSICA MÁGICA

Formação: Do grupo de jogadores destaca-se um que se senta.

Desenvolvimento: Os primeiros combinam certa ação que o companheiro deve executar com determinado objeto. Após resolvêrem, chamam-no e cantam uma melodia a fim de guia-lo em sua pesquisa. Geriam a música, fazendo-a forte, piano e pianissimo, conforme os jogadores se acham longe ou próximo do objeto e da ação a realizar. Quando ele pega o objeto, a música se faz ouvir forte, mas suaves insistências se se engana na ação a executar. A realização acertada, os companheiros batem palmas, festejando o jogador vitorioso, que escolhe, então, seu substituto.

CAMINHO DE JERUSALÉM

Preparação: Cadeiras unidas pelos espaldares são dispostas em duas filas, número igual ao de jogadores, menos um. Os jogadores formados em cadeira ficam próximos às cadeiras.

Desenvolvimento: Dado o sinal de inicio, caminham os jogadores, ao som de um piano, contornando as filas de cadeiras. Inesperadamente, a interrupção da música, todos procuram sentar-se, devendo fazê-lo de preferência nas cadeiras voltadas para o lado em que estiverem, sendo permitido, contudo, correr para as cadeiras de lado oposto. Aquela que não conseguir sentar-se, será excluído, retirando-se uma cadeira. Prosseguir o jogo até nova interrupção da música, procedendo-se de modo idêntico. Assim sucessivamente.

Final: Será considerado vitorioso o jogador que conseguir sentar-se na última cadeira.

Observações:

- na falta de um piano, a ordem de "sentar-se" será dada por um apito;
- durante elevado número de jogadores, poderá haver quatro ou cinco cadeiras a menos;
- os jogadores que permanecem parados serão eliminados.

Além das atividades lúdicas, poderá a professora encorajar suas aulas, apresentando pequenas estórias no teatrinho de fantoches, armado na sala de aula.

É bastante interessante, também, que as crianças dramatizem estórias conhecidas como a da Gatinha Bruxa, Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos e outras. Esta dramatização pode ser feita de seguinte modo: à medida que uma criança da classe vai lendo o conto, as outras vão desmatizandoo, ou indica-se quanto tantas crianças quantas foram as personagens da estória. A mesma narração deve ser repetida, para que todos tenham oportunidade de participar.

BIBLIOGRAFIA

- COUVEA, Ruth - *Recreação*. Rio de Janeiro: Agir, 1962. 316p. (Escola e vida, 2).
- JACQUIN, Guy. - *A educação pelo jogo*. Trad. de Tessa de Andrade Pimenta. São Paulo: Flamingo, 1960. 122p. (Psicologia e Educação, 4).
- MEDDEIROS, Ethel Becker - *Jogos para ensino na escola primária*. (Rio de Janeiro): Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1959. XXIII + 769p. (Série: Guia de Estudo, n.º 7).
- MIRANDA, Nicanor - *200 jogos infantis*. São Paulo: Rio do Gládio [1947]. 200p. (Série: Vida e educação).
- RIO GRANDE DO SUL: Secretaria de Educação e Cultura. Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional. *Educação Física*. (plano de trabalho). s. p., 1964.

A MAIOR RÉDE BANCÁRIA GAÚCHA



RIO GRANDE DO SUL
SANTA CATARINA
PARANÁ
SÃO PAULO
MINAS GERAIS
GUANABARA
BRASÍLIA

BANCO DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO SUL S.A.

A IMPORTÂNCIA DA VOZ PARA O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CRM/ODAIR PERUGINI DE CASTRO
da Escola Superior de Educação Física
— RS

Inicialmente devo justificar a escolha deste tema.

A observação tem demonstrado inúmeros casos de professores que, após algum tempo de exercício profissional, apresentam alterações, maiores ou menores, na voz. Particularmente, conheço vários professores de Educação Física, que estão enfrentando sérias dificuldades relativas, principalmente, às cordas vocais.

Este trabalho, que é uma síntese, não pretende esgotar o assunto, mas, simplesmente colocar o problema para que o mesmo seja pensado, equacionado e, talvez, resolvido.

O QUE É A VOZ?

Dispomos de duas linguagens:

- interior ou mental
- exterior ou oral

Esta é a expressão vocal. Por meio dela se traduz a significação da idéia, do verbo interior, anteriormente formado.

A voz é constituída de sons articulados. Estes sons articulados são, talvez, os mais importantes para o ouvido humano.

A grande desvantagem da criança surda e que se manifesta em seu Q. I. — é, provavelmente, sua incapacidade de ouvir o que os outros dizem.

Os sons produzidos pela boca têm existência física, mas seu valor intrínseco se subordina ao sentido. O homem produz sons quando deseja e para a finalidade que tem em vista. O homem usa a voz e também o gesto; palavra e gesto importam no que significam e representam.

A forma exterior não interessa desde que a significação esteja presente.

As palavras são símbolos de pensamento e a voz poderá dar significação a esses símbolos.

Voz — linguagem — pensamento — comunicação — relações humanas — profissão.

Com os elementos acima, poderíamos expressar o homem em sua realidade psicodinâmica.

A voz seria o elemento de primeira grandeza, propulsor desse dinamismo:

- a voz possibilita a linguagem;
- a linguagem expressa o pensamento, leva à comunicação;
- a comunicação propicia as relações humanas;

— todos esses caminhos percorridos levarão à profissão.

falamos
chamamos
acusamos
ensinamos
dominamos
trabalhamos
filosofamos
amamos
oramos

com
a
voz

EXPRESSÃO DA PERSONALIDADE

Sem a voz, seria difícil utilizar o pensamento para chegar até o novo, o desconhecido.

As formas verbais são como veículos de experiências do passado para o presente, prenunciando o futuro.

Pela voz nos atuamos, pois manifestamos desejos, emoções, etc.

O homem se conhece, se realiza, quando sabe usar a voz. O homem chega ao outro e a Deus pela voz.

IMPORTÂNCIA ATUAL DA VOZ

Sabemos que, além da voz, da palavra, há outro, menos comum que podemos expressar o pensamento: posições do corpo, gestos da mão, do braço também servem de sinais. São, porém, formas menos sutis e mais difíceis do que as modificações da respiração para produzir os sons.

Há, ainda, a linguagem escrita. Entretanto, a linguagem inclui maior número de palavras orais do que escritas.

Hoje, pelas implicações do momento, a correspondência e tudo o que se fazia por escrito, agora se resolva pela expressão oral. Ai estão: o telefone, o rádio, o gravador, etc., para auxiliar o homem e diminuir tempo e espaço.

APLICAÇÕES SOCIAIS

Já dissemos que a voz humana é forma de relacionamento. Aparece como uma das primeiras manifestações do homem em sua adaptação ao mundo exterior. Pela voz ele estabelece o contato do seu microcosmo com o macrocosmo. Os contatos sociais exigem correção e clareza da voz, mas, principalmente elegância.

APLICAÇÕES ESTÉTICAS

Quando falamos em elegância da voz, nos embrenhamos no setor estético, do belo. Uma dicção perfeita, aliada aos recursos da mimica, chega a ser uma arte. Seria a eloquência dos antigos oradores gregos, seria comprovação de cultura.

Dizer é uma forma de arte, pois a expressão oral pode ser expressão de beleza.

CÓMO SE PRODUZ A VOZ

O cérebro comanda a voz e torna possível a produção do som, dirigindo a execução de todos os movimentos musculares do mecanismo vocal.

Para que a voz aconteça, possuímos o aparelho vocal: pulmões, laringe (onde nasce o som primitivo, fundamental), faringe, cordas vocais, fossas nasais e boca, formando um todo inseparável.

O estudo do aparelho vocal, em sua anatomia e fisiologia, é coisa fundamental.

Através de complicado mecanismo, que é o processo de fonação, produz-se o som, que apresenta três qualidades:

- 1) Intensidade
- 2) Altura
- 3) Timbre

O estudo deste assunto exige profundidade, é trabalho de muitas horas.

A RESPIRAÇÃO

Sem ar não é possível falar; ausência de ar, representa ausência de som.

E inarredável o valor da respiração e sua importância na produção da corrente sonora.

As movimentações do tórax, dos músculos intercostais, do diafragma não correspondem os diversos tipos de respiração que irão facilitar a voz, produzindo variações na qualidade do som.

— A respiração alta, clavicular, produz suctocação, congestão da cabeça e inflamação da laringe.

— A respiração abdominal, mantendo as costelas imóveis e exagerando os movimentos do diafragma, comprime os órgãos do abdômen, contraí a musculatura do ventre e dos órgãos vocais. Dessa maneira, reduz a ação do aparelho vocal e leva o indivíduo a fechar a emissão de voz.

— A respiração boa, normal e fisiológica deve ser total, ampla, lenta, suave, profunda e silenciosa.

Antes de aprender a falar é indispensável aprender a respirar: o ar deve ser expulso com arte para que a corrente de ar expirado permita a dosagem da corrente sonora.

Consideremos dois momentos:

1) EDUCAÇÃO RESPIRATÓRIA: quando se aprende a respirar de maneira disciplinada, dosada e regular: inspiração — pausa — respiração. É trabalho baseado em exercícios educativos que busca a qualidade.

2) GINÁSTICA RESPIRATÓRIA: consiste em exercitar os músculos da respiração de maneira a conseguirem

ampliar a capacidade respiratória. É trabalho baseado em flexionamentos variados que busca a qualidade.

Como consequência desses dois momentos, teríamos o indivíduo dominando a técnica do ato respiratório, dono absoluto da própria respiração.

NOTA: Embora alguns sistemas de ginástica atentem para a respiração, parece-nos que o objetivo precípua não é a voz.

PROFESSORES: profissionais da voz.

O ensino se faz também pela voz. Ao professor é preciso comunicação pela palavra.

Por isso mesmo o professor está dentro da categoria dos profissionais da voz, juntamente com os advogados, políticos, conferencistas etc.

O professor precisa valer-se da expressão oral, em sua tarefa docente, precisa, pois, ser dono de sua própria voz, saber manejá-la, servir-se convenientemente dela.

Sua expressão vocal deve ser clara, correta, agradável, sua palavra deve ser precisa, significando, com realidade, seu pensamento.

As falhas de dicção podem levar o educador ao insucesso, os alunos à desatenção e a obra educativa ao fracasso. Muitas vezes as qualidades intelectuais de uma personalidade ficam diminuídas devido à maneira errada e mesmo ridícula de sua expressão oral.

A boa emissão da voz facilitará o trabalho do professor; a má articulação, a má respiração representam direções que poderão levar à execução.

Vemos que já que o mecanismo da voz encerra segredos que precisam ser desvendados a fim de que, pela voz, sejamos compreendidos sem esforço.

ONDE APRENDER?

Geralmente o estudo da voz cantada aparece como necessidade. Entretanto, o estudo da voz falada é algo inexistente na prática. Salvo-se os que, elegendo a carreira dramática, recebem lições de dicção.

Poderíamos comprovar que não existe na escola nenhum ensino oficial de voz falada.

A voz deveria ser cultivada desde a infância, nos colégios. A criança deveria ser ensinada a falar como a ler ou escrever. A natureza dota a criança de um instrumento vocal maravilhoso, mas ninguém a ensina a servir-se dele.

Nada se ensina a respeito da voz às pessoas cuja profissão consiste em falar. A esses indivíduos, particularmente, aos professores nada se exige, não se prescreve se ele tem conhecimento da arte de falar.

Nunca aprenderam a respirar, a articular, a dizer, a colocar a voz, adaptando-a às dimensões e à acústica do local das aulas.

Dai o professor ter de procurar recursos particulares ou transformar-se em autodidata, no cultivo da voz.

SITUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Pela natureza e condições de seu trabalho é o professor de educação física um dos profissionais da voz que dela lança mão com mais frequência. Exercendo sua função, geralmente, em locais amplos, abertos, sujeitos às variações climáticas, a voz é para esse professor um recurso sempre ao seu dispor.

Por isso mesmo, necessário se faz, que tenha sua voz situada com bom alcance, boa dicção — enfim, deve possuir boa técnica e higiene vocal.

Dessa forma poderá evitar enfermidades da voz.

Essas enfermidades podem se apresentar sob forma de fadiga vocal, podendo ir até as alterações mais profundas da expressão oral.

Como causas dessas enfermidades poderíamos citar:

- Técnicas respiratória deficiencia;
- Lesões no aparelho vocal;
- Conflitos emocionais (angústia vocal).

O professor de educação física fatigará seu aparelho vocal se fizer uso errado ou abusar dele.

Por quê? Porque estará obrigando o órgão vocal a realizar um grande esforço muscular, uma contração forçada, para obter os sons com intensidade e amplificação exagerada. Estará violando as leis da natureza ao executar um ato que contraria a fisiologia vocal. Nessas condições as cordas vocais já não efetuam a acomodação; a laringe dá sinais de debilidade. O consequente mal estar vocal é a Fadiga Vocal — que deve ser um sinal de alarme.

A EDUCAÇÃO DA VOZ

E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Há um mecanismo vocal, de ordem científica que o futuro professor de educação física deverá conhecer para:

- conservar a saúde da voz;
- economizar esforço, isto é, conseguir, sem cansaço, o máximo rendimento.

O professor de educação física que aprende a educar a vontade, a moral, o espírito, terá também de educar a voz.

Esse professor que treina grande número de músculos — como poderá esquecer os da laringe, das cordas vocais e da respiração?

Eles também exigem trabalho científico e dosado!

Atendida essa necessidade cremos que seria bem menor o número de casos de professores de Educação Física que são obrigados a interromper o seu trabalho ou renunciar à sua profissão. Fato que, sem dúvida, acarreta problemas para o indivíduo, em primeiro lugar, e, posteriormente, para o Estado.

"Devemos desejar uma voz formosa. Embora não dependa de nós possuí-la, depende de nós cultivá-la e fortificá-la". (CICERO). *

MAIS
TEMPO
DE
USO
ELEGANTE

CALÇA **RENNER**

também nos
modelos da

LINHA **RENNER** BRASIL



Elegância e qualidade em cada detalhe:

Vinco firme – acompanha o fio do tecido

Costuras elásticas – não se rompem nem
se distendem

Lavagem com água e sabão (neutro)
– os tecidos não perdem as cores e não
encolhem

CALÇA **RENNER**

mais tempo de uso elegante

Exija a
ETIQUETA
RENNER
garantia
de
qualidade



Educação do homem do campo

(1.º de uma série)

O meio rural ocupa sempre lugar de destaque na estrutura econômica de um país.

Além do valor econômico que representa, o campo atrai pela beleza da paisagem e o sistema de vida característico das determinadas regiões.

Certas comunidades rurais, ou mesmo habitações isoladas, estão instaladas de maneira tal que as condições de vida de seus habitantes podem ser consideradas ideais.

Mas, a realidade brasileira é bem outra, grande parte, quase que a maioria, vive em situações muito aquém das condições de higiene sanitária consideradas aceitáveis, e essa maioria é que deverá receber um cuidado mais carinhoso, mais profundo por parte do educador.

Grande número de professores exerce suas atividades no campo: alguns são originários do próprio meio, enquanto outros deslocam-se das cidades para exercer funções que deverão trazer efeitos benéficos, não só para os alunos que têm sob seus cuidados, como sobre aquela comunidade em que atuam.

Realmente, suas funções não poderão nunca restringir-se ao grupo diretamente sob seus cuidados; a educação de base das famílias com que convivem deverá interessá-los como complementação de um bom trabalho.

E pensando nisto tudo que nos propusemos a publicar estes artigos, visando, com êles, não traçar normas de conduta e de trabalho ao professor, mas contribuir com elementos, de que sabemos, estão carentes, não por falta de entusiasmo e boa vontade, mas pela inexistência de material adequado. O trabalho provavelmente será lento e laborioso, mas, temos certeza, deixará frutos, que serão aliados aos de outros educadores igualmente conscientizados do problema e interessados em sua solução.

Dessa forma, de mãos dadas, unidos, conseguiremos construir algo mais no sentido de engrandecer o Brasil e tornar mais feliz e sadio seu povo, que é o nosso, e que merece de todos um esforço conjunto, visando não sómente o trabalho do professor, como o de todos aqueles que almejam uma vida melhor para si e seus descendentes.

É neste sentido que convidamos médicos, enfermeiros, assistentes sociais, estudantes, clérigos, autoridades civis, enfim, todos os que estejam dispostos a prestar um auxílio valoroso no combate a doenças, crenças, superstições, analfabetismo e ignorância que grassam tanto nas cidades, como, e principalmente, no meio rural, do centro, norte, nordeste e sul do país. Só com o apoio e trabalho de todos, é que conseguiremos vitória neste terreno.

A Campanha pode e deve ser iniciada na escola, junto aos alunos, por meio deles é que chegaremos mais perto das famílias que nos interessam educar.

Cartazes de alerta serão distribuídos pelos corredores e salas de aula, para depois serem espalhados também pelo centro do lugarejo ou vila. Os professores e alunos que não tiverem muita facilidade para o desenho poderão recortar as gravuras e letras a serem usadas, de jornais e revistas, mantendo sempre de reserva gravuras interessantes, que encontrarem e não viram utilidade para o momento, guardando-as em envelopes para serem utilizadas em trabalho posterior. Chamaremos à causa, o comerciante, o farmacêutico, o barbeiro, enfim todos que



Prof.ª VALMIRIA C. PICCININI
Da equipe da RE

maior contato com a população da zona em que atuamos. Os cartazes deverão ter suas ilustrações sugestivas do que propriamente textos, uma vez que devemos levar em conta que muitos adultos ou são analfabetos ou semi-alfabetizados. A linguagem e explicações devem ser simples e acessíveis, os conselhos fáceis de compreender e de pôr em prática.

Os auxílios audiovisuais são de grande valia e utilidade não só nas

salas de aula como também nas reuniões em que se explanarão os assuntos pretendidos.

Quando tivermos que dar uma explicação particularmente longa e difícil, mas destrável, poderemos usar o álbum seriado que possibilita continuidade na apresentação do assunto escolhido.

— Por exemplo: O período de gestação da mãe — os cuidados para com ela e o futuro bebê.



Visite periodicamente o Centro de Saúde



Faça trabalhos leves



Procure ter uma alimentação saudável



Seu lar deve ser calmo e feliz



Oriente-se através de livros especializados



Atenda sómente os conselhos médicos



Procure os cuidados de pessoas competentes

Poderemos contar com a boa vontade do médico, do sacerdote ou pastor (conforme a convicção religiosa de nossos educandos), para

uma colaboração interessada e de valor.

Será interessante criar um "Serviço de Voluntários da Saú-

de" na escola, com os alunos, para depois estendê-lo à comunidade. Dar-lhe-emos título sugestivo e prestígio suficiente para que todos

interessem e colaborem no sentido de criar um ambiente mais sadio e feliz para essa região.

Essas iniciativas terão sempre que ser tomadas pelo professor. Seja por seu trabalho o colocar em contato com grande número de pessoas, seja por atingir um nível intelectual muitas vezes superior ao do meio em que atua, ou por sua posição natural de líder na comunidade, tem ele possibilidade de recrutar para a causa da educação todos os que estão em condições de auxiliar nessa campanha.

Não desconhecemos as dificuldades dos que trabalham junto aos habitantes do campo. Já é difícil conseguir que as crianças freqüentem regularmente as aulas, por ainda, conseguir que os pais atendam às solicitações de freqüência às reuniões que terão, lógicamente, de ser realizadas em horários e local acessíveis a estes últimos. A Igreja em que a comunidade se reúne aos domingos será um ótimo lugar para iniciar a campanha de esclarecimento e orientação da população.

Uma boa forma de atrair os pais será organizando uma festinha na escola, cada um ou dois meses, onde além de se mostrar o adiantamento do aluno e as atividades desenvolvidas durante o período, como parte das atividades do dia será desenvolvida uma palestra acerca do problema sanitário mais premente, da maneira mais acessível e atraente possível. Para dar um toque de festa à reunião, os que poderem contribuirão com salgadinhos ou doces que posteriormente serão servidos aos presentes.

Iniciaremos nossa campanha pela Orientação e Assistência à Futura Mãe, tendo por princípio o empenho de que esta Orientação seja bastante prática e compreensível, e tenha aceitação por parte da mesma.

Nas cidades, geralmente, a gestante procura um médico ou Centro de Saúde que lhe dará orientação durante o período em que se prepara para a vinda de novo ser. Quando tem posses, recebe os cuidados de um especialista particular e tem seu filhinho numa maternidade que assegurará os melhores cuidados para ela e seu bebê.

Tratando-se de pessoas de poucos recursos, procurará os Centros

de Saúde que a atenderão sem despesa nenhum. Chegada a época do nascimento se dirigirá à Santa Casa de Misericórdia ou outro hospital de caridade, onde também receberá os cuidados necessários.

Isto tudo quanto tiver sido educada, tiver aprendido a reconhecer o valor e a necessidade dos cuidados médicos em tais ocasiões.

Infelizmente no meio rural o quadro é muito diferente. Mesmo famílias de algumas posses só chamam o médico (quando a localidade conta com um) em caso desesperador. Comumente, preferem apela para mulheres que se chamam "parteiras", mas que muitas vezes nem rudimentos de enfermagem conhecem.

Durante o período de gravidez não há perigo no trabalho, desde que o serviço não seja excessivo, não exija muito esforço físico, evitando-se com isto quedas ou outros acidentes de consequências graves, principalmente nos últimos meses de gestação.

No caso de não haver possibilidade de chamar o médico, a pessoa que lhe atender o parto deve ser instruída no sentido de estarem os objetos a serem usados bem limpos e desinfetados, as mãos lavadas com água e sabão e passadas no álcool.

HIGIENE DO BEBÊ

Logo que nasce, a criança se apresenta coberta por um sebo que, depois do banho, desaparece. Alguns médicos pretendem que este seja de real valor para o recém-nascido o qual só deve ser banhado em água depois desta gordura desaparecer, o que se dá em 24 horas. Outros pretendem que o banho em água se dê somente depois de cair o cordão umbilical, isto é, no 8.^o ou 9.^o dia. Até então, limpam todo o corpinho do bebê com um óleo suave que não leve amendoim (irrita a pele do bebê).



A criança deve ter a sua própria bacia ou banheira para o banho diário. Quando for usada pela primeira vez, passa-se álcool e queimava-se para desinfetá-la; sendo de borracha, passa-se álcool ou lava-se bem com água e sabão.

Além de uma toalha de tecido macio, precisa-se de um sabonete neutro, um vidro contendo algodão para limpar as orelhinhas e nariz do bebê, óleo para o cabelo e um talco.

A água para o banho deve ter a temperatura (36° a 37°) controlada com o dorso da mão.

Todo o corpo do bebê, assim como a cabeça, devem ser ensaboados delicadamente. Depois de enxaguá-lo, enxugar bem, aplicando talco, principalmente nas dobras da pele. A roupinha deve ser de tecido macio e leve, sem muitas rendas ou bordados que possam irritar a pele da criança.

A cabecinha, se não cuidada devidamente, forma uma crosta que depois é dificilmente retirada. É necessário que logo após lavá-la se passe um óleo neutro na cabeça, penteando depois com uma escovinha macia.

O bebê deve dormir em quarto limpo e arejado, separado dos adultos, mas perto dos pais para que estes possam vigiá-lo no caso de qualquer necessidade.



É preferível que tenha cama ao invés de berço móvel, que além de outros inconvenientes o vicia a ser embalado para que durma ou deixe de chorar.

Em geral, nos ranchos e casas pobres muito pequenas, as crianças dormem com adultos o que se deve evitar ao máximo, principalmente quando houver doentes na casa. As janelas das casas de roça, quase sempre são feitas de tábuas inteiras, sem venezianas; neste caso, devem ficar parcialmente abertas para que o ar entre livremente.

Deve-se evitar também, que a criança ao começar a engatinhar e andar, brinque com objetos que não possam ser lavados, que apresentem pontas perigosas, ou que, sendo muito pequenos, possam ser levados à boca, ou ao nariz e ouvidos.

Todos os objetos de uso da criança devem estar perfeitamente limpos. Nos lugares onde não haja água encanada e purificada, esta deve ser sempre fervida e filtrada.

A mãe deve amamentar a criança até que tenha leite para tanto, pois o contato com o seio materno proporciona à ela maior segurança do amor que lhe é dedicado, e lhe facilitará a ambientação na sociedade futuramente.

Não podendo amamentação do próprio peito, por motivos alheios à sua vontade, leite em pó ou de vaca (sempre fervido anteriormente) são indicados, mas só devem ser usados com autorização médica.

O vestuário, tanto de crianças como de adultos, deve ser usado de acordo com a hora e o clima do lugar onde se vive. Roupas apertadas são incômodas e prejudiciais ao organismo. No verão aconselha-se roupas

claras, leves e poeiras. Aquelas que vivem na zona rural não é necessário recomendá-las a vida ao ar livre. Por gosto ou necessidade ela é uma constante diária.

Encher a boca das crianças com balas e chupetas para que não chorrem deve ser evitado. Quando necessário a chupeta, esta precisa estar bem limpa e pressa por uma corrente, evita-se assim que caia no chão.

Os pés devem estar sempre calcados, mesmo que sejam por chinéis ou tamancos, o que evita que os parasitas existentes no solo penetrem na pele, trazendo consequências graves de que falaremos em capítulo a parte.

Tudo o que indicamos é o mínimo essencial para dar uma boa orientação à futura mãe. O educador que for encarregado de realizar este trabalho e manifestar interesse por um conhecimento maior, poderá realizar pesquisas em livros especializados e, ainda mais, solicitar o material acessível e prático que os órgãos ministeriais do país distribuem gratuitamente.

ALIMENTAÇÃO

A alimentação, a boa alimentação, merece um capítulo à parte, pois seu emprego eficiente é quase desconhecido não só nos meios mais humildes, como nos centros mais adiantados. É verdade que elementos outros concorrem para que a alimentação do brasileiro seja das mais deficientes, mas dentro de nossas poucas possibilidades, podemos conseguir que este mal seja minorado.

Nas regiões colonizadas por estrangeiros, a alimentação é muito mais variada do que no sertão e nordeste, em que o habitante restringe-se quase que só à carne seca, farinha e rapadura. Vegetais e legumes são considerados "para lagarto" e como tais desprezados. Quando o camponês possui criação de galinhas, os ovos, desdito aos altos preços pagos pelo comércio, são vendidos, e poucos os utilizados na alimentação da família.

Dessa maneira, desconhecendo o valor nutritivo de determinados alimentos, deixam de usá-los e esgotam-se e adoecem facilmente, vindo a superlotar os hospitais de caridade, isto quando têm a oportunidade de chegar até um.

Será tarefa do professor salientar o valor da boa alimentação para uma vida mais saudável.

Entre os fatores que favorecem a boa alimentação salientamos:
A conveniência de um breve período de repouso antes das refeições após o trabalho pesado; abre o apetite e melhora a digestão.

Comer muito não quer dizer comer bem, mesmo para quem trabalha bastante. O que interessa é a satisfação do organismo com os de real valor nutritivo.

O cansaço fácil e a indisposição para o trabalho são também causados pelos excessos no comer. Da mesma forma, muito líquido durante as refeições dificulta a digestão. O ideal seria se, ao invés de água, vinho, ou cerveja, tomassem leite.

Se é difícil acostumar, principalmente as crianças, a gostar das verduras e legumes, podemos enfeitar o prato, combinando as cores de cada alimento, o que dará um belo efeito e levará os mais rebeldes a quererem experimentar tais quitutes.

O exagero e abuso de doces, massas, farinhas, bolos e alimentos gordurosos, além de aumentarem o peso, dificultam a digestão e são, muitas vezes, causadores de doenças da nutrição. Se em certas famílias este hábito estiver muito arrraigado, aos poucos pode-se substituir tais alimentos por outros mais saudáveis.



A hora das refeições, seja em família ou só, deve ser calma e alegre. Muito barulho, nervosismo e preocupação, não fazem com que a refeição se torne mais apetitosa. Comer apressadamente não permite que a primeira digestão, que se faz na boca, se concretize. Além disso, mastigando-se bem os alimentos ativa-se a circulação do sangue nas gengivas.

A alimentação deve ser dosada de acordo com a estação do ano. No verão, o organismo precisa de pratos mais leves, nem por isso menos sadios. Os bebês e crianças pequenas merecem então um cuidado e atenção ainda maior da mãe para evitar diarréias, desidratação ou outros problemas que cedo ou tarde podem afligi-la.

Como já foi dito, a melhor alimentação nos primeiros meses de vida é o leite materno, protege o bebê contra infecções e é melhor digerido.

Apesar de ser necessário que a mamarada seja dada de 3 em 3 horas, é desaconselhável permitir que as mães os acordem para amamentá-los à noite. O estômago da criança precisa permanecer vazio para digerir bem os alimentos durante o dia.

Depois do 5.º mês de vida é que se recomenda dar aos bebês colherinhas de caldo de laranja, tomate ou limão, para chegar mais tarde às sopas, papas e mingau. Mas não podemos esquecer que para crianças muito saudáveis e crescidas um regime só de leite até os 6 meses é pouco e um médico poderá determinar que se inclua em sua alimentação os outros elementos muito antes deste período.

Quando a comida é simples, sem muitas conservas, temperos ou gorduras, a criança acima de dois anos pode comer o mesmo que os adultos. Alguns alimentos precisam ser amassados, mas de modo geral será igual aos de toda a família. Apenas as refeições das crianças pequenas serão feitas com intervalos menores.

Muitas vezes é o bom senso que orienta a dona de casa na preparação dos alimentos, mas quando os recursos financeiros e regionais são pequenos, nem isto lhe resta, e contenta-se em preparar o que a hóspita permite alcançar. Desta forma, procuraremos orientar as pessoas no sentido de que se utilizem do que for de mais fácil aquisição, mas que contenha os elementos essenciais para que a família receba o mínimo necessário para uma vida saudável e que lhes proporcione disposição para o trabalho e o estudo.

Por meio de uma dieta especial consegue-se que crianças subnutridas, docinhinhas e facilmente fatigáveis se transformem em séries alegres e ativas.

São três os grupos de alimentos necessários ao desenvolvimento normal: os plásticos — que formam o necessário para o crescimento, desenvolvimento e reconstrução dos tecidos. Os energéticos — que fornecem calor e energia indispensáveis para a manutenção das atividades vitais. Os de proteção do organismo — vitaminas e sais minerais, essenciais à regulação dos mecanismos vitais.

Todos são essenciais e nenhum substitui o outro.

Os alimentos plásticos são os constituidos pela proteína do leite,

carne, ovos, queijos e peixes. As melhores proteinas são as da carne, visceras, peixe, leite, ovos, feijão soja, castanha-do-pará e cereais em grão.

Encontramos ainda algumas proteinas no frigo, feijão, ervilhas e gelatinas.

Se a quantidade de proteinas for inferior ao necessário, a criança será anêmica, fatigável e terá o crescimento retardado.

Se a ingestão for maior que o necessário se dará a conversão das mesmas em energia.

A criança em idade de crescimento produzirá energias através da ingestão de alimentos que contêm os açúcares e as gorduras.

A manteiga e a margarina fornecem quantidades apreciáveis de gordura, assim como o óleo de fígado de bacalhau, reservatório ainda de vitaminas A e D.

Os que servem para proteção do organismo — vitaminas e sais minerais — são encontrados principalmente no leite, nas frutas e nas verduras.

As vitaminas só são necessárias em quantidades mínimas. Estão contidas nos alimentos crus. Destruem-se facilmente pelo calor no ato de cozinhar, por isto deve-se tomar cuidado no seu preparo.

Devemos cozinhar o mínimo possível as verduras e aproveitar a água usada para seu cozimento, no preparo de caldos e sopas.

O suco de laranja deve ser preparado no momento de tomar, para que não percamos a vitamina C que contém.

Se houver a desconfiança de que no regime da criança há insuficiência de vitaminas, será conveniente administrar os preparados de vitamina em alta concentração.

VITAMINAS

As vitaminas tão necessárias, são encontradas em diversos tipos de alimentos, fazendo parte integrante da boa alimentação.

Têm como função:

VITAMINA A — Essencial para o crescimento e conservação dos tecidos moles, principalmente dos olhos e da pele.

Fonte — óleo de fígado de determinados peixes, fígado fresco, gema de ovo, queijo, manteiga, cenouras, repolho, espinafre, alface.

VITAMINA B1 — (Tiamina) — Indispensável ao metabolismo dos hidratos de carbono. Influí no funcionamento do sistema nervoso, estimula o apetite e interveem no crescimento.



Fonte — levedo, carne de porco magra, pão de farinha de trigo, cereais, frutos, nozes, ovos. A vitamina B1 é facilmente destruída pela cozedura, calor, ou rejeitada com a água em que se cozinham os alimentos.

VITAMINA C — Preserva as gengivas e tecidos moles, toma parte no crescimento dos dentes e ossos; protege contra o escorbuto (tendência a hemorragias), causada pela carência desta vitamina.



Fonte — frutas cítricas, caju, manga, couve, agrião, cenoura, tomates, batatas e vagens.

As crianças em período de crescimento devem tomar no mínimo 3 copos de suco de frutas (limão, caju, laranja, tomate) ao dia.

As batatas cozidas ou assadas contêm uma boa quantidade de vitamina C, que só se destrói quando amassada em creme, purê, etc.

VITAMINA D — Estimula o crescimento dos ossos e evita o raquitismo. É encontrada nos mesmos elementos que contêm a vitamina A.

VITAMINA G — Essencial ao crescimento e desenvolvimento, influí no metabolismo dos hidratos de carbono; contribui para o bom estado da pele.



Fonte — fígado, carne magra, leite, gema de ovo, amendoim e verduras.

VITAMINA K — Indispensável à coagulação do sangue após um ferimento.



Fonte — fígado e algumas verduras como: couve, cenouras, tomates, espinafre e couve-flor.

VITAMINA PP — (ou niacina) — Indispensável ao funcionamento dos nervos, pele e tecidos. Evita a pelagra — falta de vitamina que se caracteriza pelo eritema (rubor congestivo da pele) — perturbações digestivas, nervosas e mentais.



Fonte — fígado, carne de porco magra e carne de vaca.

SAIS MINERAIS

Necessários ao crescimento e conservação das células de todo o organismo. As frutas e verduras devem ser parte integrante da alimentação infantil, pois encerram os sais minerais de que a criança necessita.

CÁLCIO — Indispensável ao crescimento dos ossos e à proteção contra o raquitismo.



Fonte — leite, queijo, verduras, ramos de couve, nabo, mostarda. Um litro de leite ao dia fornecerá quase todo cálcio de que necessitamos. Se principalmente as crianças, não o apreciarem ao natural, grande parte poderá ser dado em forma de creme, sopas, refrescos e verduras com creme de leite.

FERRO — Necessário ao sangue, evita o aparecimento da anemia.



Fonte — verduras, e também no fígado, rins, carne de músculos, trigo integral, ostras, feijões. Concentra-se em maior parte no coração e no fígado. De forma mediana nos outros tipos de carnes, trigo e aveia, e em menor escala no espinafre, ostras e passas de uva.

IÓDO — Indispensável ao funcionamento da glândula tireoide que prende a regulação das trocas energéticas do organismo.

A quantidade de iodo que necessita o organismo é mínima. A ausência dele é que origina a "papeira", tão comum em certas regiões do Brasil. O acréscimo de iodo na água e no sal, resolveria o problema.



Fonte — Leite, verduras, peixes e água potável. As melhores são peixes, óleo de fígado de bacalhau, agridril, cebola e sal iodado.

Temos assim a relação completa dos elementos necessários para a nutrição perfeita, mas não será só a **qualidade** dos alimentos que determinará um bom regime alimentar. Outros fatores contribuirão para que tal ocorra, como seja:

- O cuidado no seu preparo.
- A comida deve ser preparada o mais próximo possível da hora em que será servida, para evitar que certas vitaminas se percam pelo excesso de cozimento ou pela prolongada imersão na água em que são lavadas.
- A melhor cozinha é aquela em que se joga fora muito pouco cozinhar.
- As folhas de certos vegetais, como a da ervilha, podem ser usados na preparação de sopas e caldos de grande valor nutritivo.

Damos a seguir um planejamento de refeições, que é claro, pode e deve ser adaptado a cada caso particular, levando-se em conta o meio de vida, estação do ano, possibilidades econômicas da família e tipo de atividades físicas de seus integrantes.

Pela manhã. — Frutas crusas ou cozidas, suco de frutas em pedaços das mesmas. Ex.: laranja.

Cereais com leite, açúcar ou mel. Pão de qualquer espécie ou biscoitos de maizena. 1 copo de leite, óvo quente ou preparado de qualquer outra forma.

As dez horas. — Suco de tomate ou de frutas cítricas.

Almoço. — Carne de qualquer espécie e preparada das mais diversas formas. Recomenda-se fígado-milho de vaca e de carneiro. Batata, arroz ou macarrão, servido com leite, queijo ou massa de tomate. Verduras, os dois tipos, verdes e amarelas. Pão branco ou integral.

Sobremesa — frutas crusas ou cozidas, bolos, doces, pudim, sorvete de vez em quando. 1 copo de leite.

Jantar. — Sopa de verduras substanciais ou papa de aveia. Óvo, se ainda não tiver sido ingerido nas outras refeições. 1 copo de leite. Sanduíches com manteiga, geleia, queijo, ou doce de leite.

Sobremesa — frutas crusas ou cozidas, ou uma sobremesa que contenha leite e ovos.

Se neste intervalo a criança sentir fome, é conveniente que se lhe sirva alimentos que fornecam ao organismo mais vitaminas e sais minerais.

Para encetar esta recomendação aos adultos: a criança normal e saudável sente prazer em comer. Se demonstrar alguma dificuldade ou desinteresse pelos alimentos deve haver algum motivo. Se for simplesmente inapetência, convém que se procure melhorar ainda mais a apresentação dos alimentos. O ambiente em volta deve ser agradável, sem gritos nem reclamações ou ameaças e, principalmente, não devem ser feitos comentários sobre falta de apetite da criança, seja na mesa ou em sua presença, quando em conversa com terceiros.

Os pais que escolhem a hora das refeições para discutir entre si, recriminar-se mutuamente e aos filhos pelas notas baixas que estes apresentaram no último boletim ou os malefícios dos menores que ainda não estudam, não devem estranhar se os mesmos comem pouco, depressa e de maus modos, ansiados por terminar e sair da mesa. Existem assim um ambiente pesado e repleto de hostilidade. Junte-se a isto, o péssimo costume de quererem os pais ouvir os comentários políticos e esportivos do dia, sem permitir a livre expansão dos que desejam conversar sobre outros assuntos mais amenos e menos apaixonantes que fates.

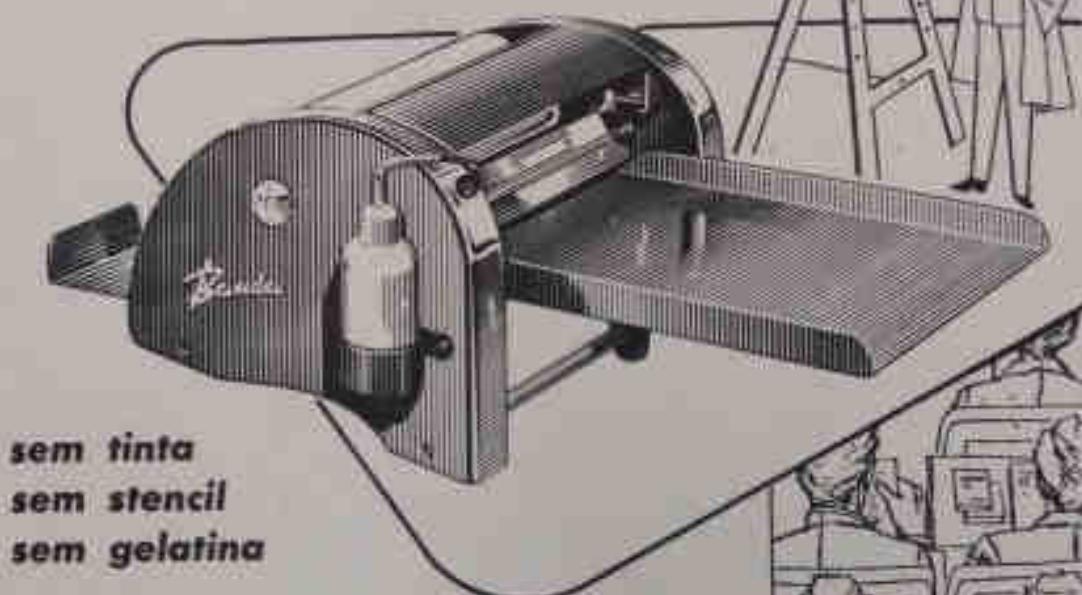
Outro assunto muito comum à mesa — negocios, que mesmo quando correm bem não são adequados a ser tratados durante a refeição, que, insistimos, deve transcorrer num clima alegre e tranquilo, nunca também, quieto e pesado. *

VAMOS FAZER UM JORNAL ESCOLAR!

com o duplicador BANDA

Ensine Melhor[®]

ilustrando suas aulas



sem tinta
sem stencil
sem gelatina

o duplicador BANDA

reproduz textos datilografados, manuscritos ou desenhos do mesmo original até 5 cores numa só operação!

Obtenha maior atenção e aproveitamento dos seus alunos, ilustrando suas aulas com desenhos, mapas etc., reproduzidos com Banda. E multiplique também o seu tempo, imprimindo e distribuindo aos seus alunos os pontos que o Sr. teria que ditar!



Banda pode ser operada por qualquer aluno - à facilidade de mensajaria.

Peça demonstrações sem compromisso à

ORGANIZAÇÃO Ruf S.A.



Rio de Janeiro: Rua Debret, 78 - A - Tel. *33-6777
São Paulo: Rua da Consolação, 41 - Tel. *33-1636
Curitiba: R. João Negrão, 45 - 9/loja - Tel. 4-0322
Belo Horizonte: Av. Afonso Peixoto, 941 - Tel. 3-1992
Porto Alegre: R. das Andradadas, 1234 - 2° - Tel. 5006
Recife: Rua da Concórdia, 382 - 1° - Tel. 4-0511



Premos criamos o "espelho", isto é, a ideia gráfica do jornal, com os lugares dos desenhos, títulos, textos, seções etc.



Os redatores começam a sentir inspiração...



E os desenhistas fazem suas obras-primas...



Em seguida, o jornal vai à oficina: um Duplicador Banda que imprime sem tinta, sem estêncil e sem gelatina. Basta bater a máquina os carbonos e rodar a manivela.



E finalmente trabalhar com o Duplicador Bandeira: a impressora, máquina e supervisora.



E pronto! Está impresso o Jornal para momentos felizes de boa leitura e a revelação de novos talentos no jornalismo escolar.

EXERCÍCIOS E DIVERTIMENTOS

Sua voz é sua
CILDIA GARCIA BASTOS - Desenvolvimento de RE

JOGO DE PALAVRAS

Preencha os quadros dispostos horizontalmente e encontrará, na primeira coluna vertical, o nome que se dá à coleção de livros, dispostos ordenadamente para estudo e consulta.



1. Consoante
2. Dirigir-se
3. Virtude
4. Nô
5. Imagem
6. Ratundo
7. Gigante
8. Feitiço
9. O Cabelo Branco
10. Vocal

SOLUÇÃO:

1. B
2. Ir
3. Bem
4. Laço
5. Idéia
6. Obeso
7. Titã
8. Ebó
9. Câ
10. A

Fonte: Dicionário de Francisco Fernandes

GRANDES FIGURAS DA HISTÓRIA

Numere a 2.ª coluna de acordo com a primeira.

- 1) Nobre chamado **Pacificador**.
- 2) Militar chamado **Marechal de Ferro**.
- 3) Bandeirante conhecido pelo nome de **Caçador de Esmeraldas**.
- 4) Cidadão denominado **Águia de Haia**.
- 5) Brasileiro conhecido pelo nome de **Pai da Aviação**.
- 6) Bandeirante conhecido pelo nome de **Anhanguera**.
- 7) Brasileiro conhecido como **Poeta dos Escravos**.

- (4) Rui Barbosa
- (3) Fernão Dias Paes Leme
- (2) Marechal Floriano Peixoto
- (5) Alberto Santos Dumont
- (1) Luís Alves de Lima e Silva
- (7) Castro Alves
- (1) Casimiro de Abreu
- (6) Bartolomeu Bueno da Silva

SOLUÇÃO:

- 1) Luís Alves de Lima e Silva
- 2) Marechal Floriano Peixoto
- 3) Fernão Dias Paes Leme
- 4) Rui Barbosa
- 5) Santos Dumont
- 6) Bartolomeu Bueno da Silva
- 7) Castro Alves *

NÚMEROS ROMANOS

Preencha os claros com números romanos, observando a definição das palavras.

— P — Árvore da mata virgem (I)

A — E — Saudação (V)

U — BU — Símbolo da hospitalidade (X)

ORGANIZE SEU DICIONÁRIO

Polióglota — pessoa que sabe ou fala muitas línguas.

Discoteca — coleção de discos, dispostos ordenadamente para fins de estudo ou recreação.

Biblioteca — coleção de livros, dispostos ordenadamente para estudo e consulta.

Bibliografia — descrição e conhecimento dos livros. *

REVISTA DO ENSINO

AS REVISTAS PEDAGÓGICAS E A ATUALIZAÇÃO DO PROFESSOR

Tese aprovada no VI Congresso Nacional de Professores Primários, realizado em Belém do Pará, de 6 a 13 de Janeiro do corrente ano.

Responsáveis pelo trabalho:

Supervisão Geral:

Maria de Lourdes Gastal — Diretora da Revista do Ensino.

Equipe de Redatores:

Flavia Maria Rosa
Ercila T. Ambros
Ester Malamut
Maria Aparecida Grendene
Valmiria Piccinini
Maria Beatriz Eymael
Cláudia Strauss
Paulina Vissoky

INTRODUÇÃO

Podemos dizer, de uma maneira geral, que desde os primórdios da civilização o homem preocupou-se em "transmitir" os conhecimentos que ia adquirindo, em seu contato com o universo que o cercava.

A História documenta esta busca constante dos meios que tornassem mais ampla e mais real a comunicação entre os indivíduos e entre os povos, numa troca enriquecedora de compreensão de fatos, de formulação, de organização de idéias. E, nesta fusão de experiências, o homem tinha seu mundo interior ampliado, e ficava com maiores recursos para atingir seu ideais de aprimoramento individual e da comunidade que integrava.

À medida que sua realidade existencial tornava-se mais complexa, o homem reorganizava seus padrões sócio-culturais, sempre apoiado nos mosaicos adquiridos ao passar do tempo. E a necessidade de legar ao outro o contexto de seu passado, levava-o cada vez mais a aproximar-se da formalização do ensino. Das dobras do tempo ia surgindo o Professor.

À tradição oral que passava pelas gerações, juntava-se aquela primeira escrita rudimentar que, evoluindo etapa por etapa, resultou na forma de expressão utilizada em nosso mundo atual.

Este domínio da escrita revolucionou sobremodo a vida do homem, levando-o a pensar mais a respeito de mais coisas, levando-o a estender sua vista a novos horizontes, levando-o a interpretar diferentemente aquelas antigas concepções. Isto o tornava mais próximo de seus semelhantes, influindo ou sendo influenciado de forma marcante em seus padrões de comportamento, em sua valorização daqueles princípios morais que estruturam as sociedades.

Já agora tornava-se evidente a imensa contribuição da Imprensa, convertida cada vez mais, no grande aliado do professor na sistematização do ensino. E surgiram os livros, os folhetos, os jornais, as revistas, com a finalidade básica de divulgar o pensamento do homem.

Penetrando de forma indiscutível em todos os agrupamentos so-

cias, tornavam-se os impressos não só uma constante em nossa vida diária, como também uma necessidade permanente na aproximação e compreensão das diferentes culturas de nossa civilização.

Se atentarmos ao aspecto característico a cada tipo de impresso, acharemos a justa valorização de cada um em sua específica finalidade.

No que se refere ao ensino propriamente dito, constataremos que os cursos para formação de professores são mais uma diretriz aquilo que lhes será necessário no eficiente exercício de suas atividades do que um fim em si mesmo. Isto porque a simples conquista de uma etapa específica não deixará de exigir uma constante e contínua renovação de técnicas de ensino, de princípios pedagógicos — a atua-

lização do professor deverá estar dinamicamente ligada ao progresso técnico-científico e cultural das civilizações.

Não podemos negar, em nossa realidade atual, o fato de que o elevado custo dos livros especializados, bem como a carência de oportunidades no que se refere aos cursos de extensão dificultam sobremodo ao professor esta busca de atualização. Entretanto, a problemática do ensino encontrou uma solução na forma das revistas técnicas-pedagógicas. Muito embora sejam vários os lugares que permitem sem este recurso, vamos encontrar no Brasil revistas de orientação técnico-pedagógica, cujo alcance e valor são comprovados pelo destaque com que se projetam no cenário educacional de toda a América Latina.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Os métodos, processos e técnicas de ensino, sofrendo continuas modificações, exigem do professor constante atualização. Há necessidade de que o professor esteja ao par de tudo aquilo que vai surgindo no campo da educação.

Uma vez concluído o curso de formação de professores, sente o futuro mestre a necessidade de que os estudos feitos e as experiências adquiridas sejam continuamente ampliadas e atualizadas.

Os conhecimentos obtidos durante este período de estudo específicos não são suficientes para resolver os problemas que surgirão em uma vida inteira dedicada ao ensino.

Ao confrontar-se com os problemas de conduta infantil, de relações entre pais e filhos, entre mestres e alunos, os problemas diretamente ligados à aprendizagem, o educador terá necessidade de consultar obras que lhe proporcionem chegar à solução adequada de seus problemas.

Não só o professor lise mar, mas também o aluno de escola normal, tem necessidade de material farto e variado para suas consultas e pesquisas durante o curso.

Todos percebem que é indispensável à educação menos que,

atingindo os mais diversos campos de conhecimento, propiciem um ensino mais atualizado, mais prático e mais interessante.

Entre estes recursos, posto ao alcance do professor interessado em conhecer os mais diversos problemas condicionados ao nível de ensino, interessado em facilitar o trabalho e minorar a fadiga de seus alunos, despertando-lhes maior interesse, situam-se os cursos de especialização, os livros e as revistas de orientação educacional.

O CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO, valioso instrumento de adaptação do professor à realidade educacional, nem sempre está ao seu alcance, em vista das dificuldades decorrentes, seja pela necessidade de ausentar-se de sua classe por tempo determinado, seja por, paralelamente ao trabalho realizado em classe, frequentar às aulas.

ENQUANTO SEJA O LIVRO um material muito útil à atualização do professor, apresenta também algumas deficiências em sua utilização. Entre estas, podemos citar:

- seu elevado custo;
- a dificuldade de tradução de livros em língua estrangeira;
- a pouca duração de seu uso, devido às constantes descobertas

de novas técnicas de ensino, que em curto espaço de tempo o tornam superado, havendo necessidade de que seja adaptado ao progresso contínuo dos métodos didáticos.

— a carência de tempo por parte do professor para encontrar aquilo que busca, devido à complexidade apresentada por um livro em seu contexto.

Queremos aqui ressaltar o valor inegável dos livros que, por sua maior especialização e profundidade, tornam-se insubstituíveis. Isto faz indispensável a uma boa escola a organização de uma biblioteca que possibilite ao educador o manuseio e maior acesso àqueles livros que lhe são necessários.

E A REVISTA ESPECIALIZADA EM EDUCAÇÃO que preenche estas lacunas e vem ao encontro do professor, procurando superar as dificuldades encontradas na aquisição de livros e na frequência dos cursos.

Buscando o professor novos conhecimentos no setor educacional, é possível encontrar nas páginas das publicações periódicas as diretrizes que regem as mais modernas técnicas de ensino.

O conteúdo de uma revista, apresentando grande variedade de assunto em suas diversas seções, torna seu uso rápido e eficiente.

Uma revista especializada neste setor pode, ainda, conter notícias e comentários sobre cursos de atualização, bem como tradução e adaptação de artigos estrangeiros que interessem ao professor. De incalculável valor são também as sugestões de atividades práticas apresentadas ao mestre de maneira clara e convincente.

Estas revistas contam com a possibilidade de oferecer material didático em forma de cartazes e painéis que, por sua variedade de assuntos, vêm ao encontro dos interesses do professor, tornando-se um auxílio valioso e de grande utilidade.

Podemos considerar como mais um ponto favorável as ilustrações que apresentam em revista, o que facilita a leitura e a compreensão dos conteúdos. Estas ilustrações, em verdade, tornam mais atrativas os artigos, oportunizando maior disponibilidade por parte do leitor.

O professor com poucos recursos para ilustrar suas aulas encontra, nas páginas de um periódico

especializado em educação, a respeito para suas necessidades, tornando sempre mais agradável sua tarefa e mantendo sua orientação dentro de atualizadas diretrizes didáticas.

E, ainda material de custo realmente acessível, dentro, portanto, das possibilidades econômicas do magistério em geral.

Assim, podemos constatar que o professor terá, como recurso mais viável para sua atualização e aprimoramento no exercício de sua tarefa educativa, as revistas técnico-pedagógicas.

CONCLUSÃO

E SUGESTÃO

— Se comprovado está que não basta o embasamento de conhecimento adquirido em um Curso de Formação de Professores, sem contudo ressaltar sua legítima importância;

— Se nem sempre é possível ao professor a freqüência aos Cursos de Especialização;

— Se o livro — embora imprescindível na biblioteca da escola — pelas razões apontadas em nossa exposição, não se constitui material de mais fácil alcance do professor;

— Se, da mesma forma, o livro didático não raro é superado em curto espaço de tempo pela descoberta de novas técnicas de ensino;

— Se a atualização do professor faz-se imperiosa, dado às contínuas modificações porque passam estes mesmos métodos e técnicas de ensino;

Conclui-se que a existência de uma revista de educação, especializada em assuntos pedagógicos —

veículo indispensável para esta atualização — é uma exigência na volta do professor que atua com responsabilidade.

Quanto maior amplitude vem alcançando a sociedade humana em todos os setores da nossa cultura, com a mudança diária de seus valores, mais necessário se torna, ao professor, não situar-se à margem, mas dentro das condições desta evolução socio-cultural, dominando os conhecimentos que visam o atendimento satisfatório do educando, qual seja, o desenvolvimento integral de sua personalidade, de que ele — o professor — é um dos principais responsáveis.

Sugerimos, portanto, que o educador — sentindo a necessidade e consciente do valor de uma REVISTA TÉCNICO-PEDAGÓGICA — prestigie as publicações já existentes, utilizando-as e estendendo sua continuidade.*

MÃEZINHA

DO

CORAÇÃO

É a minha terna maezinha
Tão doce e sempre carinhosa;
Presente que o céu me deu.
Jóia rara e preciosa.

GENI CHAVES

Aqui no meu peito guardado,
Com afeto meu profundo,
Eu tenho alguém que eu adoro
Mais que todo neste mundo.

Se estou alegre me sorri...
Se choro fica aborrecida;
Orgulhosa, diz que sou
Pedacinho da sua vida.

De noite quando me deito
Vem contente me embralar
E antes que o sono venha,
Faz-me contrito rezar.

"Pai do Céu tão bondoso,
Maria, Virgem Puríssima,
Dai ao meu lar, aos meus pais
A vossa bênção santíssima!"

Anjo da minha guarda
Faça-me sempre bonzinho
Amigo, do bem da verdade,
Da mamãe e do paizinho"

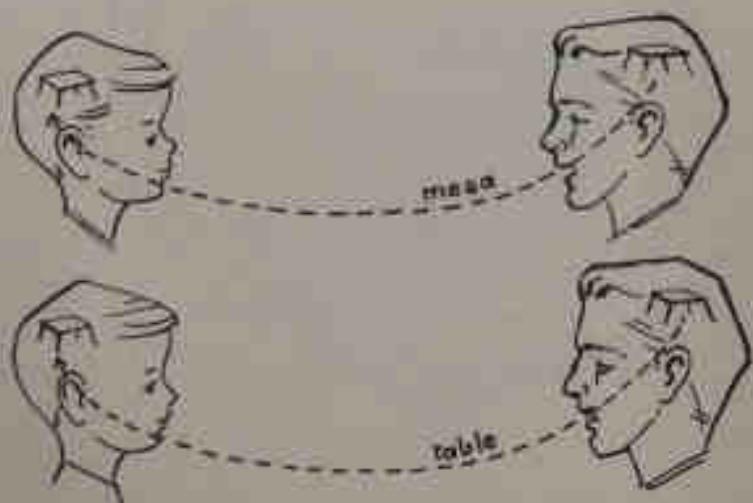
Então eu olho pra ela
Com sublime adoração
Beijo-a feliz e lhe digo:
"MÃEZINHA DO CORAÇÃO!"

A APRENDIZAGEM DE UMA

LÍNGUA ESTRANGEIRA

MERCEDES MARCHANT - Coordenadora do Instituto de Linguística e Aculturação da Divisão de Cultura da SEC - RS.

Em nosso artigo anterior vimos que linguagem é um sistema estruturado de sinais arbitrários que exprimem ideias, possibilitando que se comuniquem entre si os membros de um mesmo grupo social. Vimos, também, que o sinal é convencional, que liga não um nome e uma coisa, mas um conceito e um som. Dizíamos que, quando ouvimos o som mesa, pensamos na mesma coisa que o inglês, quando ouve o som table.



Linguagem e pensamento são inseparáveis. A língua materna é aquela que aprendemos pelo ouvido, transmitida por uma herança social contra a qual nada podemos fazer. A entoação, as palavras e as frases estão unidas ao pensamento; funcionam por associações inconscientes onde tudo se relaciona e se harmoniza em uma unidade. A ela está ligada toda uma vida efetiva; é a língua que ouvimos de nossos pais, irmãos e pessoas chegadas a nós, a que usamos em nossas descobertas infantis, na que descobrimos o amor e o sofrimento. É nosso meio de comunicação mais expressivo; é a que usaremos nos momentos mais significativos de nossa vida, porque traz consigo nossa própria vida. A língua materna não é coisa intelectual, mas sim emoção, sentimento, ação, criação, parte da estrutura da personalidade, inseparável do todo.

A língua estrangeira é aquela que aprendemos por uma necessidade, seja ela qual for, quer estejamos em nosso ou em outro país. Aprendê-la

é adquirir outro sistema de sinais para elaborar e expressar pensamento, é o vir a ser capaz de comunicação usando outras convenções para conceitos conhecidos; é descoberta, abertura, ação, enriquecimento, criação.

Se linguagem e pensamento são inseparáveis, não se concebe que uma pessoa possa aprender uma língua estrangeira memorizando, traduzindo palavras, estudando gramática. Há necessidade de envolvimento emocional através da vivência de situações reais e significativas desde o primeiro momento de contato com a língua, para que haja uma ligação do emocional com a língua, de modo que venha a ser algo acrescido à personalidade. Esta vivência não deve ser desordenada; deve obedecer a um plano para que seja positiva, porque se não o fôr poderá causar um trauma que dificultará ou impedirá a aprendizagem da língua. Não é suficiente, então, que um indivíduo se ponha em contato com um grupo social que não fala sua língua materna, para que aprenda a língua daquele grupo. Ele a aprenderá pela necessidade de comunicação, mas desordenadamente, passando por períodos de frustração, sem integração total, dificilmente sentindo um encantamento, uma emoção, ao ouvir os sons peculiares da língua estrangeira.

Há um condicionamento todo especial na aprendizagem de uma língua estrangeira. É preciso que aquela que a estuda crie laços, raízes, se apodere da língua e a faça sua. Poderá fazê-lo sózinho? Dificilmente. É através do professor, com ele que o fará, porque o professor é o vínculo entre a língua e o aluno e é a partir dele que a língua terá um significado. Tão importante é a figura do professor que merecerá nossa atenção em um artigo à parte.

BIBLIOGRAFIA

- SAUSSURE, Ferdinand de - *Curso de Linguística General*. Editorial Losada SA, Buenos Aires, 1951.
BALLY, Charles - *El Lenguaje y la vida*. Editorial Losada SA, Buenos Aires, 1967.

PRINCÍPIOS GERAIS DO ENSINO ESPECIAL PARA OS MENTALMENTE EXCEPCIONAIS

EDY PINHEIRO ALVES — Diretor
do Setor do Ensino Especial

A 25.ª Conferência Internacional de Instrução Pública, realizada em Genebra, de 6 a 14 de junho de 1960, adotou algumas importantes recomendações que, sob a forma da Recomendação n.º 51, foram dirigidas aos Ministérios Públicos de todos os países.

O espírito que presidiu esta Conferência, convocada pela UNESCO e pelo Bureau International de Educação, foi seguido pelo Setor do Ensino Especial da Guanabara, ao formular seus "Princípios Gerais do Ensino Especial para os mentalmente excepcionais", os quais devem orientar a atividade educativa realizada nas Classes Especiais de AP, organizadas nas nossas escolas públicas primárias.

Esses princípios fundamentais são agora apresentados às educadoras que, em vários pontos do nosso país, cuidam de crianças retardadas.

1.º Atividade própria do aluno, dando-se maior ênfase às atividades motoras e sensoriais do que às atividades intelectuais, pois "o retardado não irá ganhar a vida com a inteligência que possui, suas mãos é que lhe assegurão um lugar na sociedade". A atividade própria refere-se, ainda, ao "agir sózinho, resol-

ver por si" lema dos chamados métodos ativos que servem para todas as crianças, mas têm indicação especial no caso dos deficientes mentais;

a) Ensino individualizado, assegurando-se o ensino individual no quadro coletivo: é através da individualização que poderemos obter certa harmonia no desenvolvimento. O tipo de ensino é dirigido a um grupo de alunos, levando-se em conta as necessidades de cada um;

b) Ensino concreto: pela dificuldade ou mesmo impossibilidade em que ficam os deficientes mentais de acompanhar o raciocínio abstrato, são importantes a educação sensorial e a intuição (ligação entre fatos e objetos) para enriquecer a expressão verbal e fixar as próprias aquisições;

2.º Preparação para a vida de adulto, fazendo-se com que esta seja, tanto quanto possível, idêntica à vida normal;

a) Importância da socialização: ensinamento dos hábitos e atitudes sem os quais a vida em comum seria impossível;

b) Criar o espírito de auxílio mútuo, de camaradagem, para desenvolver o interesse pelo trabalho

em comum e o senso de responsabilidade, com o objetivo de tentar alcançar o estágio de auto-suficiência;

c) A participação em certas atividades escolares e extra-escolares deve ser solicitada;

d) Utilização das atividades lúdicas para levar a criança à organização consciente e consentida. Embora o jogo seja um aspecto elementar da vida infantil, convém lembrar que, muitas vezes, será necessário ensiná-lo aos deficientes mentais;

e) Caráter utilitário do ensino: noções imediatamente aplicáveis à vida prática, visando orientar a criança, sem desperdício, rumo à possibilidade de ganhar a vida;

f) Interesse pelas lições da vida prática que proporcionam um conjunto de conhecimentos úteis à vida prática;

g) Importância das sessões de trabalhos manuais, associados à educação motora. Ocupa-las, desde o inicio, lugar primordial na educação especial e poderão servir de base a uma verdadeira iniciação profissional;

h) É de grande valor a logop-

(Continua na pág. 75)



Higiene

Prof.ª VALMIRIA PICCININI - Da equipe da RE

É no lar que os membros da família passam grande parte do dia e a noite, e não resta dúvida que o conforto que seus membros encontram nôle é que determina um ambiente de maior alegria e felicidade. É muito difícil que, na falta do mínimo essencial, esta família possa enfrentar cada novo dia com alegria e boa disposição.

No decurso de seu trabalho, o professor tem oportunidade de entrar em contato com a família de seus alunos, ou de através destes, ter uma ideia da situação familiar dos mesmos.

Nestas ocasiões, ele constata que alguma, apesar de pobres, vivem em casas modestas mas higiênicas e confortáveis, em que as necessidades básicas essenciais de cada um são convenientemente atendidas. Por outro lado, conhece famílias em que este mínimo essencial não é encontrado, seja por ignorância de seus membros ou por absoluta incapacidade destes conseguirem uma solução para seus problemas.

Como exemplo, podemos citar o do repouso, tão importante para que se enfrente cada novo dia de trabalho. Em certas famílias, este repouso é feito em esteiras, rãdes, ou amontonando-se todos numa cama grande, abertos com crianças e até bebês.

Ora, tal situação merece que se procure resolver. É verdade que não se pode proporcionar maiores recursos financeiros a todos que se encontram em tais condições. Mas muito se pode conseguir com boa vontade e entusiasmo.

Como?

Com material comum e a preço acessível estas pessoas podem, sob uma boa orientação, fazer seus móveis e colchão sem muitas dificuldades e, assim, todos os componentes de uma família poderão ter um bom colchão e cama, limpos e confortáveis.

Para começar o trabalho, é necessário que se tenha à disposição todo o material.

Primeiramente, vamos saber o tamanho do colchão a ser confecionado.

Tipos	Tamanho	Larg. do pano	Metragem
Bebê	80 x 60	90 cm	2 m
Solteiro	1,80 x 70	90 cm	4 m
Solteiro	1,80 x 90	1,40 cm	5,80 m
Casal	1,90 x 1,40	90 cm	7,80 m
Casal	1,90 x 1,40	1,40 cm	5 m

COLCHÃO DE PALHA DE MILHO

MATERIAL:

Fazenda forte de boa qualidade e

lavável

Palha de milho desfiada

Linha

Barbante e agulha de acolchoar

EQUIPAMENTO:

Rasgador de palha

Tesoura

Máquina de costura (na falta desta, as costuras podem todas ser feitas à mão)

Cabo de vassoura ou sarro.



Lof

PREPARE DA PALHA

Em primeiro lugar prepara-se a palha, rasgando-a bem, com um pedaço de madeira e pregos nas pontas, o mais fino possível, separando a parte dura.

Posteriormente, passa-se em água fervente para amaciar e retirar as telhas, deixando, então, que seque à sombra.

CONFECÇÃO DO COLCHÃO

De inicio, mede-se o comprimento da cama, multiplicando por 2 e deixando mais 20 centímetros em todas as extremidades do colchão. Depois, a largura da cama, deixando mais 20 centímetros para as costuras e altura do colchão.

A seguir, dobra-se a fazenda no sentido do comprimento, de forma que fique pelo lado de fora o excesso do tecido (fig. 1).

Passa-se, então, ao redor, uma costura de dois centímetros, deixando a abertura para encher. A abertura nunca deve ficar nas pontas do colchão, mas sim, como mostra a gravura (fig. 2).

Nas extremidades, coloca-se uma costura sobre a outra. Medindo a altura do colchão, marca-se em diagonal e dá-se uma costura (fig. 3).

Vira-se o tecido de maneira que as costuras fiquem então pelo lado de dentro (fig. 4).

Começa-se a encher o colchão, empurrando a palha com o sarrado, cuidando para que os cantos fiquem bem cheios, e com o mesmo sarrado faz-se bem o colchão, a fim de socar a palha. Quando esta estiver bem distribuída por todo o colchão, fecha-se o local da abertura, tornando a haver para emparelhar a parte costurada à mão.

Vamos agora ao acolchoamento, que deverá ser feito com bastante



cuidado para que o colchão fique com uma bonita aparência.

Marca-se a linha que vai de um canto ao outro. Mede-se 5 centímetros para cima e 5 centímetros para baixo desta linha, marcando depois, com giz colorido ou alinhavos,

Dá-se inicio ao acolchoamento, que deve ser feito com barbante forte, seguindo os alinhavos marcados, do meio para as extremidades (fig. 5).

Faremos então, as rodilhadas para o acolchoamento central, contando-as da mesma faísca do colchão, com 6 cm de diâmetro (fig. 6).

Passa-se um alinhavo em torno do círculo, puxa-se a linha, franzindo. Aproximando, formando um botão (fig. 6).

Colocam-se os botões no colchão, numa certa ordem, com equi-

dade de acolchoar e barbante. Amarram-se bem todos para que fiquem fixos. O número de botões varia de acordo com o tamanho do colchão (fig. 7).

E, com goma despessa, prende um colchão bem e direito (fig. 8).

No caso de cama de casal não pode dispensar de prender para o colchão maior + varas verdes, de aço ou fôrma, entre bambando ou arco, depois de bem lavado e em bom estado.

Não temendo palha, o enchimento pode ser feito de massa vegetal, fibra seca, milho, sorgo, papé, pimenta, etc. Para que o colchão fique mais resistente é necessário basterlo.

Para que o colchão não se torne o que acontecerá se fizer no chão, vamos confeccionar um estrado, que

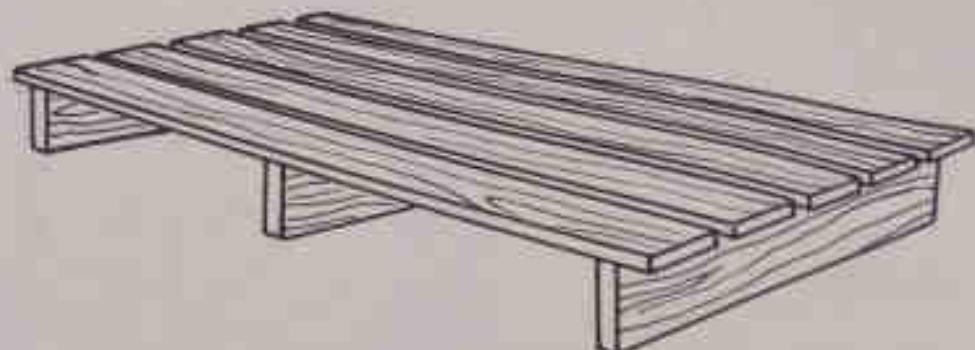
poderá não ter o molejamento de uma cama, mas que preencherá, devidamente, suas finalidades.

ESTRADO

MATERIAL:

- 3 caibros de madeira da mesma espessura e comprimento
- sarras de madeira
- pregos
- martelete.

Pregue-se a madeira, de acordo com a distribuição indicada pela gravura. O tamanho do estrado será um pouco maior que o do colchão, a fim de que este não caia fora.



O Brasil é tido como um país de clima temperado, mas temos que levar em conta sua extensão, o que torna possível temperaturas as mais variadas. Se no Norte a temperatura é quase sempre a mesma, no Sul, em algumas regiões, o clima castiga com temperaturas muito baixas, o que

torna necessário aos seus habitantes protegerem-se durante a noite, quando o frio se torna mais rigoroso.

Ora, nem todos podem comprar cobertores e acolchoados, vale aqui lembrar nossos avós que possuíam uma pequena manufatura doméstica

que atendia às necessidades de toda a família. Acolchoados eram confeccionados com estírico numa época em que nem se cogitava compra-los prontos. E porque não podemos nós continuar com este costume, quando as posses não permitem que sejam adquiridos nas lojas?

ACOLCHOADO

MATERIAL:

- 4 sacos vazios
- Linha
- Tiras de jornal

Costuram-se os sacos formando um só.

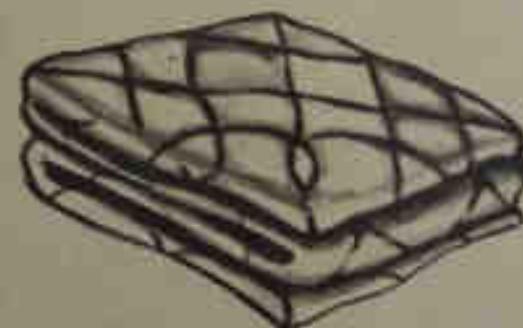
Enche-se com as tiras de jornal e fecha-se o pedaço por onde se colocará o enchimento que poderá ser de retalhos bem picadinhos, lã de ovelha desfiada, chumaço, etc.

melhor com chitão estampado ou outra fazenda forte. A metragem deverá ser tomada do tamanho da cama, da seguinte forma: comprimento igual à da cama, e a largura da mesma, mais 50 centímetros.

Costura-se pelo avesso, deixando aberto um pedaço por onde se colocará o enchimento que poderá ser de retalhos bem picadinhos, lã de ovelha desfiada, chumaço, etc.

O enchimento será distribuído uniformemente com a linha, para que permaneça assim, mesmo depois de bastante usado.

Pode-se fazer um acolchoado



TRAVESSEIRO

MATERIAL:

- 1 saco de sal (de 5 kg)
- pálha ou milhão
- linha e agulha.

Lava-se bem o saco, enche-se com a pálha e fecha-se.

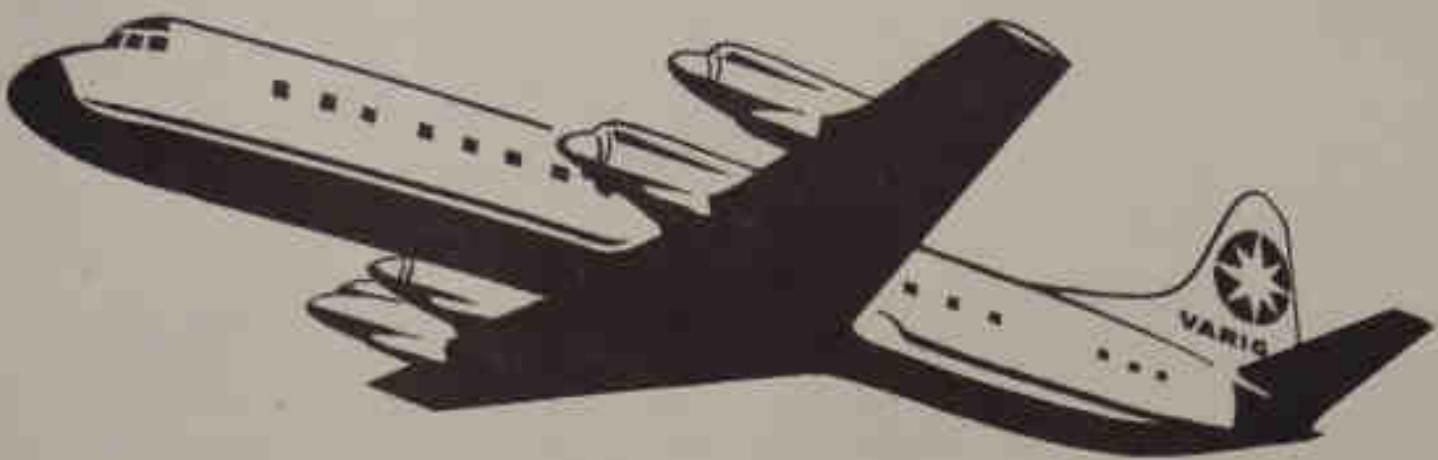
Havendo possibilidade, e principalmente quando confeccionado para bebês, é preferível que se utilize outro material. Ao invés do saquinho de sal, algodão grosso.

O enchimento pode ser de lã, penas de galinha, de pato ou ganso.

neste caso as penas devem estar bem lavadas e arcejadas, pois quando mal cuidadas deixam mau cheiro. Costura-se bem a abertura pela qual se colocou o enchimento, a fim de que o mesmo não saia. Pode-se fazer também um fôrro que quando sujo possa ser retirado e lavado. Por cima disto segundo, então, é que irá a fronha. *



Baseado em sugestões recolhidas em folhetos da ACARPA (Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná) e na Revista do Ensino de maio de 1963, págs. 44 e 45.



JATO-HÉLICE

ELECTRA II

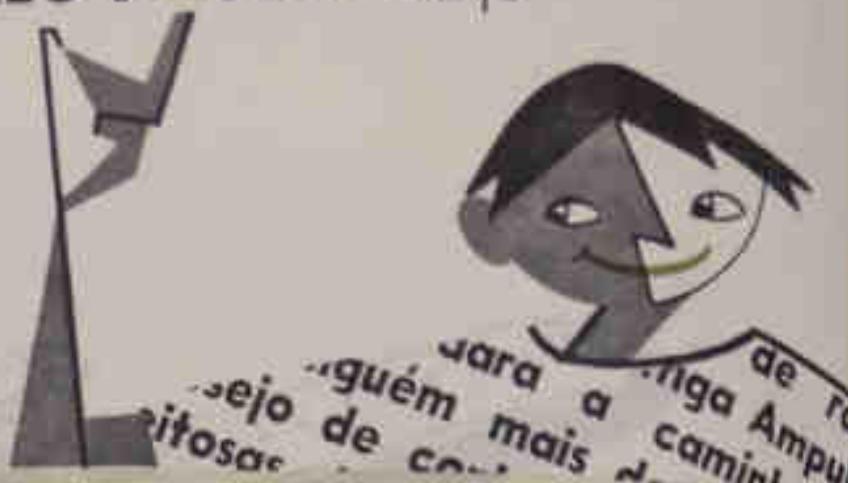
— tão rápido e silencioso como os jatos
custa 20% menos



VARIG

Cantinho das novidades

Organizado pelos profs. FLÁVIA MARIA ROSA e MARIA APARECIDA GRENDENE — Da equipe da RE



CALENDÁRIO COMEMORATIVO

No desenvolvimento dos trabalhos em Estudos Sociais, nas classes do Curso Primário, tem o professor de lançar mão de variados recursos que favoreçam o interesse dos alunos nesse estudo.

Um recurso bastante significativo é a organização de um **Calendário Comemorativo** em classe. Constará este calendário de um mapa do Brasil, com várias aberturas, cada uma representando uma data a ser lembrada. Estas "janelinhas" serão abertas sómente em seus respectivos dias. Todas as vezes que uma for aberta, os alunos farão trabalhos sobre a data, podendo a classe organizar um álbum das comemorações realizadas durante o ano.

Este calendário em muito auxiliará o trabalho do professor, possibilitando à criança a fixação de datas importantes.

CONFECÇÃO DO CALENDÁRIO

Nunca recortado em cartolina ou papel para cartaz serão feitas tantas janelinhas quantas forem as datas que se deseja lembrar. Cola-se esse mapa a outro, de igual tamanho, que servirá de fundo.

Relacionadas as datas a serem comemoradas durante o ano, essas serão assinaladas em cada janelinha que conterá uma ilustração alusiva, feita pelas próprias crianças.

Prof. DALILA SILVEIRA DE AZEVEDO — RS

A professora poderá adaptar esse calendário às condições e adiantamento de sua classe, podendo realizá-lo sobre um painel de madeira ou "eucatex", substituindo o mapa por uma figura geométrica (quadrado, retângulo, triângulo, por exemplo) e ligando cada data — por meio de fios de lã ou linha — a desenhos,

gravuras, retratos, biografias, fichas explicativas, etc., conforme as possibilidades da comemoração em estudo.

Naturalmente, poderão surgir entre os alunos novas e interessantes ideias que enriquecerão sobremaneira esse trabalho, tornando-o mais atraente e funcional.



A — Além da importância da semente como etapa necessária ao desenvolvimento da planta e do conhecimento de sua estrutura propriamente dita, um aspecto de grande interesse neste estudo é a sua presença em nossa vida diária, na alimentação — cereais, frutas, etc. — o que oportuniza uma série de relacionamentos com outros assuntos também importantes.

Assim, por exemplo, numa classe poderá ser desenvolvida uma excelente Campanha para a melhor alimentação do mês, através do trabalho com as sementes utilizadas com este fim. Começando pelo exame de nossas refeições, encontraremos como base de alguns elementos sementes como o trigo, o milho, o arroz, a aveia e o centeio. Teremos aqui material farto para iniciar um estudo bastante profundo destas sementes e suas aplicações.

O cartaz que apresentamos abaixo é um dos tipos que poderá resultar de tal estudo. Conforme a direção dada ao trabalho, poderemos confeccionar também um cartaz onde apareçam as frutas de que consumemos a semente.



B — Outra possibilidade oferecida por este trabalho será a de exame da procedência das sementes que entram em nossa alimentação, situando-as no local de origem do mapa do Estado — o que pode ser ampliado ao país, conforme o contexto da classe. As informações necessárias seriam recolhidas nos postos de venda, ou no órgão oficial competente e localizados num mapa.

O resultado do trabalho seria, mais ou menos, o que apresentamos neste esquema de cartaz — um mapa do Estado onde estão colocados os nomes e a localização das cidades maiores produtoras de cada semente, ligadas, através de linhas, aos cartões que as identifiquem. (Conforme o Estado será o mapa e cada cidade deverá estar com seu respectivo nome).



C — Como as sementes viajam é outro ângulo pelo qual podemos ir ao assunto, analisando a presença de plantas idênticas em lugares diversos e o reflorestamento natural de determinadas áreas. Da observação e pesquisa surgirão as respostas, que deverão ser enumeradas e ilustradas

num cartaz, onde apareçam as diversas maneiras como as sementes se deslocam, ou seja, através de pessoas de animais — pássaros e esquilos, principalmente — do vento, da água, da própria planta que deixa cair suas sementes no terreno, etc.



LIVROS RECEBIDOS

Na impossibilidade de comentarmos todas as obras recebidas por nossa Biblioteca, publicamos esta relação, renovando os agradecimentos às pessoas que as enviaram.

Do Ministério da Educação e Cultura:

Os 6 volumes da coleção *Biblioteca da Professora Brasileira*.

- 1) *Línguagem na escola primária*
- 2) *Matemática na escola primária*
- 3) *Estudos sociais na escola primária*
- 4) *Ciências na escola primária*
- 5) *Jogos na escola primária*
- 6) *Música na escola primária*

O volume *Aves* da Encyclopédia Infantil Brasileira.

Do Consulado dos Estados Unidos da América do Norte:

Uma casa na floresta e *Uma casa na campina* de Laura Ingalls Wilder, tradução e adaptação de Constantino Paleólogo.

Da coleção *Encyclopédia Juvenil* os volumes:

O átomo de Ira Freeman, tradução de Gisele B. Laub.

O Corpo Humano de Bernard Glemsen, tradução de P. A. do Nascimento Silva.

As estrelas de Anne T. White, tradução de Ronaldo S. de Biasi. *Expedições científicas* de Raymond Holden, tradução de Luis Fernandes.

Dos autores:

Exercícios de Línguagem (gramática funcional) de Edith Guimarães Lima, Maria Guimarães Ribeiro e Giselda Guimarães Gómez, para 2.º e 3.º anos primários.

Manual do Cidadão de Coriolano F. Vieira.

Cabeceira, se você tem alguma dificuldade quanto à orientação de seu filho, procure juntar o REVISTA DO ENSINO — endereço "Problemas do Pai e Filhos" — Avenida Borges de Medeiros, 1224, 12.º andar, Porto Alegre, RS. Nesse objetivo não é resolver seu problema (é que, certo impossível), mas indicar-lhe meios para que cada pessoa se solucione.



PROBLEMA DE PAIS FILHOS SAÚDE MENTAL

Prof. GENERICE VIEIRA

É para a leitora LRM que resumimos este artigo da "National Association for Mental Health" — Que fazer para ser feliz? — publicado pela revista americana "Parents' Magazine", em seu número de janeiro.

Muita gente associa a ideia de saúde mental à de doença mental, como se a saúde fosse apenas a ausência da doença. No entanto saúde mental é muito mais, pois trata de tudo isso que ambicionamos para nós mesmos e para os que amamos, enfim, para todas as pessoas, embora não lhe demos tal nome. Não é a saúde mental que estamos nos referindo, ao falar de alegria, serenidade, esperança, colaboração? Acaso não é a saúde mental que devemos nosso modo tranquilo e lucido de enfrentar as difi-

culdades de cada dia, em casa, no trabalho, na condução, nos divertimentos, com amigos e também com desconhecidos? Não é a saúde mental que nos permite identificar nossos verdadeiros sentimentos e tomar consciência da realidade dos fatos, tais quais são, para harmonizar ansiosos, interesses, aptidões pessoais, etc. segundo as possibilidades do momento? Não é essa mesma saúde que determina nosso modo de sentir a nós próprios, aos outros e ao nosso tempo?

Convém lembrar, porém, que

não existe nítida fronteira entre saúde mental e doença mental, do mesmo modo que não há um nível ou padrão único de saúde mental, isto é, uma situação ideal comum a todas as pessoas, o tempo todo; há diferença de graus tanto de uma pessoa para outra como na mesma pessoa em diferentes momentos ou situações. É evidente, também que o fato de sabermos o que é saúde mental, não é, por si só, suficiente para tornarmos sadios; serve, porém, para alertar-nos, capacitando-nos a melhor observar e compreender a vida em nós e ao nosso redor. Procurar conhecer a si mesmo ainda é o melhor meio de entender os outros e de viver harmoniosamente com eles e conosco próprios. Outra coisa que nunca é demais repetir: os pais mentalmente saudáveis têm maiores possibilidades de manter e de comunicar segurança emocional aos filhos, assegurando-lhes condições para um futuro tranquilo e feliz.

Eis algumas características de saúde mental, considerando a pessoa em relação a si própria, aos outros e à vida:

— Sentir-se bem consigo mesma: não se escravizar às próprias emoções quaisquer que elas sejam — medo, raiva, culpa, inveja, amor; enfrentar as contrariedades da vida como circunstâncias normais, comuns a todos; encontrar satisfação nos prazeres simples da vida de cada dia; ser tolerante consigo mesma e com os outros, podendo aceitar suas falhas a ponto de tirá-las; respeitar a si mesma e dar aos seus méritos e habilidades o justo aplauso, sem valorização nem menoscábio.

— Sentir-se bem junto das outras pessoas e sentir-se estimada por elas; amar e considerar os interesses dos outros, mantendo relações de amizade satisfatórias e duradouras; ser receptiva, pronta para gostar e confiar nos outros e esperar que gostem e confiem nela; respeitar as reuniões e peculiaridades de cada um, não hostilizando a ninguém nem permitindo que a hostilizem; ser capaz de sentir-se parte de um grupo e de participar da responsabilidade de outros.

— Saber enfrentar as exigências da vida; encarar seus problemas sem perder tempo com lamentações e fazer alguma coisa para atenuá-los.

(Continua na pág. 76)



LITERATURA INFANTIL

(Crianças de 7 a 9 anos)

LENYRA CAMARGO FRACCAROLI
Chefe da Divisão de Bibliotecas Infanto-Juvenis

ACCORNERO, VITTORIO. Tomaz [tradução de Angela Franco. São Paulo] Ipê [1946] 66 p. ilus. 22 cm.

Aventuras de um cão que foi adotado por uma família de gatos.

ALMEIDA, IVAN ENGLER DE. 1914— O telefone do João de barro. 2.ª edição. São Paulo, Brasil, [s.d.] 52 p. ilus. 17 cm. [Histórias do burrinho feliz, v. 19].

Com o ninho instalado nos fios do telefone, um João de barro podia ouvir a conversa dos caçadores e avisar os bichos da floresta que se escondessem em dia da caçada.

ALMEIDA, IVAN ENGLER DE. 1914— O tesouro de Joaquim, 2.ª edição São Paulo, Brasil, [s.d.] 30 p. ilus. 17 cm. [Histórias do burrinho feliz, v. 20].

Joaquim com suas economias compra uma galinha, põe muitos ovos para chocar e, assim, começo uma criação para ajudar seus pais.

ALVES, CIRO. Hei de pegar um índio. 2.ª edição. São Paulo, Brasil, [s.d.] 50 p. ilus. 21 cm.

Aventuras de dois irmãos à procura de um índio.

AMARAL, MARIA LUCIA. Perereca. São Paulo, Brasil, [s.d.] 46 p. ilus. 21 cm.

Uma jovem possuía uma coleção de bonecos e foi traída pelo boneco predileto. Seguem-se outras histórias.

ANDERSEN, HANS CHRISTIAN. 1805-1875. O patinho feio e outras histórias bonitas [por] Andersen. 2.ª edição. São Paulo, Brasil, [s.d.] 62 p. ilus. 26 cm.

Desventuras de um suposto patinho cuja feirinha é a causa dos maus tratos que recebe de todos. Por fim transforma-se em belíssimo cisne.

ANDERSEN, HANS CHRISTIAN. 1805-1875. O pequeno músico ambulante. A cidade feliz Florisbelo [por] Andersen; tradução e adaptação de Edmundo Döppenschmitt. [ilustrações de Oswaldo Stormi. São Paulo] Melhoramentos, [1957] 47 p. ilus. 16 cm. [Biblioteca infantil, v. 99].

Contos de fadas.

ANDERSEN, HANS CHRISTIAN. 1805-1875. Pequenita [por] H. Chr. Andersen; ilustrações de Renate Eggars. [São Paulo] Melhoramentos [1955] 27 p. ilus. 20 cm [Ouro, v.8].

Aventuras de Polegarzinha, uma menina do tamanho de um dedo polegar.

ANDERSEN, HANS CHRISTIAN. 1805-1875. A sereiazinha e outras histórias bonitas [por] Andersen; tradução de Virginia Lefèvre. 2.ª edição. São Paulo, Brasil, [s.d.] 77 p. ilus. 26 cm.

História da sereiazinha que ia ao castelo e acabou conhecendo o príncipe. Seguem-se outras histórias de fadas.

ANDERSEN, HANS CHRISTIAN. 1805-1875. O soldadinho de chumbo e outras histórias bonitas [por] Andersen; [ilustrações de Thamav] 2.ª edição. São Paulo, Brasil, [s.d.] 75 p. ilus. 26 cm.

As aventuras e o heroísmo de um soldadinho de chumbo. Seguem-se outras histórias de fadas.

ARAUJO, CHILORIS ARRUDA DE. O jacaré-egoísta. São Paulo, Brasil, [s.d.] 51 p. ilus. 17 cm. [Histórias do burrinho feliz, v. 8].

Um jacaré egoísta não deixou que os patinhos tomassem banho na lagoa. Por isso, o sol castigou-o secando toda a água deixando-o no meio da lama.

ARROYO, LEONARDO. 1918. adapt. Os cães encantados; adaptação... 7.ª edição. São Paulo, Paulicéia [1955] 69 p. ilus. 22 cm. [Coleção encantada, v. 13].

História de seis príncipes transformados em cães, pelo poder maléfico de uma fada.

ARROYO, LEONARDO. 1918. adapt. O soldadinho de chumbo; adaptação e revisão [de] Leonardo Arroyo e Fernão de Magalhães... 5.ª edição. São Paulo, Paulicéia, 1955. 74 p. ilus. 21 cm. [Coleção encantada, v. 10].

As aventuras e o heroísmo de um soldadinho de chumbo e outras histórias.

ARROYO, LEONARDO. 1918. adapt. As valentias de Julião, o alfaiate; adaptação de Leonardo Arroyo. 6.ª edição. São Paulo, Paulicéia [1955] 74 p. ilus. 22 cm. [Coleção encantada, v. 14].

História de um alfaiate que se tornou famoso por ter matado sete moscas de um só golpe.

AUCLAIR, MARCELLE. A grande alegria atuando às crianças; apresentação de monsenhor Leovigildo França; tradução de Lucia Villela. Rio de Janeiro, Flamboyant [1955] 124 p. ilus. 17 cm.

Os ensinamentos de Jesus, para crianças.
BERNARDINI, A. Ave Maria; ilustrações de G. Gondolfo. [São Paulo, Paulinas, 1950] 15 p. ilus. 25 cm.

Easina, com explicações claras e simples, a "Ave Maria". Ilustrações sugestivas a círcos.

BERNARDINI, A. Padre Nossa; ilustrações de F. Basso. [São Paulo, Paulinas, 1950] 26 p. ilus. 20 cm.

O "Padre Nossa", explicado e ilustrado a círcos.

BRANDÃO, LUZIA MACHADO. Fernandinho; história de um menino de um ano; ilustrações de Fábio Horta. São Paulo, Brasil, [s.d.] 46 p. ilus. 21 cm.

Um dia na vida de um garoto de um ano.

BRANDÃO, LUZIA MACHADO. O grilinho brincalhão... ilustrações de Fábio Horta. São Paulo, Brasil, [s.d.] 46 p. ilus. 21 cm.

As peraltagens de um grilinho, povoam o sono de Mariaminha.

BRANDÃO, LUZIA MACHADO. Rosy Ron; história de um gatinho fujão; ilustrações de Fábio Horta. São Paulo, Brasil, [s.d.] 38 p. ilus. 21 cm.

CAMPBELL, BARBARA. Zuzá, a cordeirinha [por] Cam [pseud.] tradução de Eva Klaus; ilustrações do autor. [São Paulo]. Melhoramentos [1956] 315 p. ilus. 24 cm.

Aventuras de uma cordeirinha que se torna grande cantora graças a um poder mágico.

CARDOSO, MOURA. Pirolito no país das abelhas [por] Moura Cardoso. S. L. p. [Guaira] [s.d.] 79 p. ilus. 24 cm.

Dom Pirolito, o menino amigo e admirador do trabalho das abelhas.

CARVALHO, HEBE DE. O macaco, amigo da onça; adaptação. 2.ª edição. São Paulo, Brasil, [s.d.] 30 p. ilus. 17x12 cm. [Histórias do burrinho feliz, n.º 15].

Gracias a sua astúcia, o macaco consegue livrar-se da temida onça.

COLEÇÃO As jóias dos contos de fadas. Rio de Janeiro, Vecchi, [s.d.] 22v. ilus. 21 cm.

Conteúdo:

- v. 1 - A Gata Borracheira.
- v. 2 - Aladino e a lâmpada maravilhosa.
- v. 3 - Os 13 irmãozinhos e o ogro.
- v. 4 - O gato de botas.
- v. 5 - Ali Babá e os quarenta ladrões.
- v. 6 - Aleardo e a maçã de ouro.
- v. 7 - Branca de Neve.
- v. 8 - A bela adormecida no bosque.
- v. 9 - As aventuras do senhor Bicudo.
- v. 10 - O fuzil mágico.
- v. 11 - Exploradores da floresta.
- v. 12 - A princesa Raio de Sol.
- v. 13 - Passeio à fazenda.
- v. 14 - Nino e Rita.
- v. 15 - O barão de Münchhausen.
- v. 16 - Horas alegres.
- v. 17 - Os animais músicos.
- v. 18 - Pinocchio.
- v. 19 - Dom Quixote de La Mancha.
- v. 20 - Mimoso, o amigo dos ratos.
- v. 21 - Mimoso, coração de ouro.

Série de contos de fadas e animais.

COLEÇÃO incomiquinha; adaptação do tradicio-

nal, por Jollo Seteno; desenhos de Cesar Abbott. Pôrto, Majora, [s.d.] 30v. ilus. 11 cm.

Conteúdo:

- v. 1 - As três moçinhas de ouro.
- v. 2 - As caras trocadas.
- v. 3 - O rapaz do cavalinho branco.
- v. 4 - O peixinho encantado.
- v. 5 - As três irmãs e o coelho.
- v. 6 - A menina e o coelhinho branco.
- v. 7 - As três mentiras da avózinha.
- v. 8 - O príncipe com orelhas de burro.
- v. 9 - A menina e a figueira.
- v. 10 - A noiva do príncipe sérin.
- v. 11 - O príncipe do mar.
- v. 12 - A menina dos cabelos de ouro.
- v. 13 - Os três vestidos.
- v. 14 - Os três irmãos e os três pretos.
- v. 15 - João Adivinhão.
- v. 16 - O tesouro do ceguinho.
- v. 17 - A riqueza e a fortuna.
- v. 18 - O menino grão de milho.
- v. 19 - O porquinho laufino.
- v. 20 - O sapateiro e o brilhante.
- v. 21 - A menina muda.
- v. 22 - Canta, surrao.
- v. 23 - O rapaz do anel.
- v. 24 - O rei e os sabichões.
- v. 25 - Os sete encantados.
- v. 26 - O velho Querecas.
- v. 27 - Os meninos abandonados.
- v. 28 - Os dez anõezinhos.
- v. 29 - Os dois corcundinhos.
- v. 30 - Maria da Silva.

Série de contos fantásticos e de animais.

COLEÇÃO periquito. [Pôrto] Majora, [s.d.] 12v. ilus. 12 cm.

- v. 1 - A lenda do cão caçador.
- v. 2 - A velha da ribeirinha.
- v. 3 - O cavalo do aventureiro.
- v. 4 - O castigo do raposso.
- v. 5 - A cova das 4 feras.
- v. 6 - O presente do ermitão.
- v. 7 - O cordeirinho do inocentinho.
- v. 8 - Os três felizardos.
- v. 9 - O casaco encantado.
- v. 10 - O fato novo do Sultão Tolentino.
- v. 11 - O lobo e o cachorrinho.
- v. 12 - A ingratidão do malfeitor.

COURTOIS, GASTON. São João Bosco [pelo] padre Gaston Courtois. Ilustrações de Robert Rigot; tradução de Marina Teles de Menezes. Rio de Janeiro, Agir, 1954. 41p. ilus. 27 cm.

COVEY, LOUIS (LENSKI), 1893-. O carrinho de bombeiros [por] Louis Lenski; ilustrações da autora; tradução de Germano G. Thomsen. [São Paulo] Melhoramentos [1957] 48p. ilus. 16 cm.

Aventuras de Pitoco, o pequeno bombeiro.

COVEY, LOUIS (LENSKI), 1893-. O trenzinho [por] Louis Lenski; ilustrações da autora; tradução de Germano G. Thomsen. [São Paulo] Melhoramentos [1954] 46p. ilus. 17 cm.

Como funciona o trenzinho de Pitoco.

CUVILLIER, M. Ameço de guerra na mata; textos e desenhos de M. Cuvillier; tradução de Lúcia J. Villela. Rio de Janeiro, Flamboyant, [s.d.] 20 p. ilus. 21 cm. [Álbums fleurette — Aventuras de Sílvio e Silvinha, v. 4].

Aventuras de dois meninos entre os animais na mata virgem. História em quadrinhos.

CUVILLIER, M. As aventuras de Sílvio e Silvinha na ilha dos coqueiros; textos e desenhos de M. Cuvillier; tradução de Lúcia J. Villela. Rio de Janeiro, Flamboyant, [s.d.] 20 p. ilus. 21 cm. [Álbums fleurette — Aventuras de Sílvio e Silvinha, v. 1].

História em quadrinhos.

CUVILLIER, M. As aventuras de Sílvio e Silvinha na mata virgem; textos e desenhos de M. Cuvillier; tradução de Lúcia J. Villela. Rio de Janeiro, Flamboyant, [s.d.] 20 p. ilus. 21 cm. [Álbums fleurette — Aventuras de Sílvio e Silvinha, v. 2].

História em quadrinhos.

CUVILLIER, M. Encontro com as feras; textos e ilustrações de M. Cuvillier; tradução de Lúcia J. Villela. Rio de Janeiro, Flamboyant [s.d.] 20 p. ilus. 21 cm. [Álbums fleurette — Aventuras de Sílvio e Silvinha, v. 3].

Aventuras de dois meninos entre animais ferozes, contadas em quadrinhos.

DAL, ROGER. No mundo encantado do arco-íris... ilustrações de Guy Gérard Noé [tradução de Genésio Pereira Filho. São Paulo] Melhoramentos [1957] 31 p. ilus. 31 cm. [Mundo dos animais, v. 5].

Aventuras de Muso, um lindo cãozinho, no mundo encantado do arco-íris.

DEMETRIOS, VIRGINIA (LEE BURTON) 1900. A casinha [por] Virginia Lee Burton; ilustrações da autora. [São Paulo] Melhoramentos [1957] 40 p. ilus. 24 cm.

História de uma casinha que a civilização tornou feia e antiquada.

DISNEY, WALTER E. 1901. A arca de Noé [contado por Annie North Bedford pseud. adaptado por Campbell Grant; ilustrado pelo Walt Disney Studio] tradução de Maria Thereza Cunha de Giacomo. [São Paulo] Melhoramentos [1956] 29 p. ilus. 20 cm. [Ouro, v. 16].

História da arca de Noé, contada às crianças.

DISNEY, WALTER E. 1901. Aventuras do sapo Toad, por Walter Disney. São Paulo, Melhoramentos, 1952, 16 p. ilus. 32 cm.

As aventuras de Toad, um sapo diferente dos demais.

DISNEY, WALTER E. 1901. Os sete anões encontraram seu lar; ilustrações do estúdio de Walt Disney [tradução de Maria Thereza Cunha de Giacomo. São Paulo] Melhoramentos [1957] 25 p. ilus. 20 cm. [ouro, v. 26].

Graças à ajuda dos animais da floresta, os sete anões da história de Branca de Neve encontraram sua Linda casinha.

DISNEY, WALTER E. 1901. ilus. Lady [história de Ward Green] adaptação de Allan Hubbard e Gene Wolf; tradução de Maria Theresa Cunha de Giacomo [ilustração de Walt Disney. [São Paulo] Melhoramentos [1956] 27 p. ilus. 17 cm. [Primavera, v. 4].

História de uma cachorrinha grilhão.

DONAHEY, WILLIAM. 1883. Os anõesinhos; tradução de Mário Donato e Marcos Rei; ilustrações do autor. 3.ª edição. [São Paulo] Melhoramentos [1954] 62 p. ilus. 24 cm.

No mundo dos homens do tamanho de um palito de fósforo, bastava uma gotinha de chuva para encharcá-los.

DONAHEY, WILLIAM. Os virinhos dos anõesinhos; tradução de Roberto Guimaraes Loter; ilustrações do autor. [São Paulo] Melhoramentos [1957] 76 p. ilus. 24 cm.

História dos anõesinhos e dos animais, seus companheiros.

DÖPPENSCHMITT, EDMUNDO. adapt. O carro do sol e outras lendas; adaptação de Edmundo Döppenschmitt... [ilustrações de Oswaldo Stern. São Paulo] Melhoramentos [1954] 45 p. ilus. 16 cm. [Biblioteca infantil, v. 95].

A lenda do filho de Apolo, Faetonte, que foi castigado pela sua presunção.

FARIA, WILSON AUGUSTO DE. 1927. O boi azul [ilustrações de Icaro]. São Paulo Brasil, [s.d.] 46 p. ilus. 21 cm.

Belinha, graças à ajuda de um misterioso boi azul, encontra sua verdadeira mãe.

FERRANDIZ, JUAN. O sinaleiro Romão no país dos brinquedos; texto e desenhos de Juan Ferrandiz. [S.l.p.] Vilcar, 1957. 16 p. ilus. 35 cm.

Romão ensina como os pedestres devem se comportar. Ilustrado com o sinaleiro colorido e recortado. Romão tem um apito de latão.

FERREIRA, MIGUEL ANGELO BARROS. 1907. A maravilhosa história de José [por] Barros Ferreira; ilustrações de Renata Eggers. 4.ª edição. [São Paulo] Melhoramentos [1955] 47 p. ilus. 16 cm. [Biblioteca infantil, v. 71].

História de José do Egito.

FLEURY, LUIZ GONZAGA DE CAMARGO. 1891. O cícone ourado [por] Luiz Gonzaga Fleury; ilustrações de Arnaldo Pacheco, 2.ª edição. [São Paulo] Melhoramentos [1955] 47 p. ilus. 16 cm. [Biblioteca infantil, v. 90].

História do príncipezinho Edgar, que foi transformado em cícone.

FLEURY, LUIZ GONZAGA DE CAMARGO. 1891. A princesinha coração de pérola [por] Luiz Gonzaga Fleury; ilustrações de Fernando Dias da Silva. 3.ª edição. [São Paulo] Melhoramentos [1955] 47 p. ilus. 16 cm. [Biblioteca infantil, v. 91].

Fanice, a princesinha, e a bondade da fada Pindorama.

FLEURY, RENATO SENECA DE SÁ. 1895. Comadr onça... [por] Renato Seneca Fleury; ilustrações de Oswaldo Stern. São Paulo, Melhoramentos [1954] 46 p. ilus. 16 cm. [Biblioteca infantil, v. 95].

Contos do folclore nacional.

FLEURY, RENATO SENECA DE SÁ. 1895. História do corcundinha [por] Renato Seneca Fleury; ilustrações de Waldemar Amorim. São Paulo, Melhoramentos [1952] 47 p. ilus. 16 cm. [Biblioteca infantil, v. 86].

Contos de fadas.

FLEURY, RENATO SENECA DE SÁ. 1895. O menino do bosque... [por] Renato Seneca Fleury; ilustrações de Paraguassu. São Paulo, Melhoramentos

... p. ilus. 16 cm. [Biblioteca infantil, v. 78]. Contado, o menino que foi abandonado na floresta por seus cinco irmãos desalmados.

FLEURY, RENATO SENECA DE SÁ. 1895. O príncipe dos pés pequenos... [por] Renato Seneca Fleury. [Ilustrações de Hélio Vaz. São Paulo] Melhoramentos [1955] 47 p. ilus. 16 cm. [Biblioteca infantil, v. 82].

História de um príncipezinho, que nasceu com os pés muito pequenos, num país onde o grau de sabedoria media-se pelo tamanho dos pés.

FLEURY, RENATO SENECA DE SÁ. 1895. Os príncipes gêmeos: Pedrinho e o cacho de bananas... [por] Renato Seneca Fleury. [Ilustrações de Oswaldo Storni. São Paulo] Melhoramentos [1955] 47 p. ilus. 16 cm. [Biblioteca infantil, v. 3].

Sendo gêmeos, dois príncipes tiveram que passar por uma dura prova de inteligência e coragem, para saber quem seria o sucessor do rei.

FONSECA, YVONNE JEAN (SILBERSEID) DA. 1911. Joaquim no país das sobremesas; ilustrações de Louis Specker. [São Paulo] Melhoramentos [1955] 25 p. ilus. 20 cm. [Ouro, v. 7].

Um menino que não gostava de cenouras, depois de seu sonho, comeu-as com gosto.

FONTES, OFÉLIA DE (AVELAR BARROS) 1902. Esopo, o contador de histórias... [por] Ofélia e Narbal Fontes. [Ilustrações de Oswaldo Storni. São Paulo] Melhoramentos [1957] 46 p. ilus. 16 cm. [Biblioteca infantil, v. 96] Esopo e suas histórias.

FONTES, OFÉLIA DE (AVELAR BARROS) 1902. O leão obediente; o bom gigante... [por] Ofélia e Narbal Fontes. [Ilustrações de Waldemar Amarante. São Paulo] Melhoramentos [1955] 46 p. ilus. 16 cm. [Biblioteca infantil, v. 6].

O leão primeiro obedeceu, para depois mandar.

FONTES, OFÉLIA DE (AVELAR BARROS) 1902. Novas histórias de Esopo... [por] Ofélia e Narbal Fontes. [Ilustrações de Oswaldo Storni. São Paulo] Melhoramentos [1957] 47 p. ilus. 17 cm. [Biblioteca infantil, v. 97].

Passagens da vida do célebre fabulista.

FONTES, OFÉLIA DE (AVELAR BARROS) 1902. O italiano de vidro... [por] Ofélia e Narbal Fontes. [São Paulo] Melhoramentos [1957] 47 p. ilus. 16 cm. [Biblioteca infantil, v. 98].

Quando ainda quase ninguém conhecia o uso das lentes, um garoto consegue livrar-se de índios selvagens apresentando-lhes um par de óculos.

GIACOMO, MARIA THEREZA CUNHA DE. Bita, o carneirinho sujo; ilustrações de Darcy Penteado. [São Paulo] Melhoramentos [1955] 28 p. ilus. 21 cm. [Ouro, v. 5].

Bita era um carneirinho tão sujo que o sr. Mauro imaginou que fosse um simples burrinho.

GIACOMO, MARIA THEREZA CUNHA DE. O burrinho verde; ilustrações de Hilda Bennett. [São Paulo] Melhoramentos [1955] 28 p. ilus. 17 cm. [Primavera, v. 34].

O burrinho verde era triste por ser de corte, mas terminou vangloriando-se disso.

GOMES, LUIZ PEIXOTO (FILHO). Histórias de Vovô Sargento. ... ilustrações de Oscar Belfort. Rio de Janeiro, Livro vermelho dos telefones, 1955, 55 p. 27 cm. [Coleção para crianças, v. 3].

Histórias de fadas contadas por um velho que era conhecido pela criúncada do bairro como vovô Sargento.

GONÇALVES, LIVIA PENNA. Shandí [por] Maraly [pseud.] ilustrações de H. Bennett. [São Paulo] Melhoramentos [1956] 27 p. ilus. 20 cm. [Ouro, v. 10].

Shandí, a princesinha, empreende perigosa aventura a fim de encontrar a ave do paraíso, cujo canto tiraria seu pai da permanente tristeza em que vivia.

GONÇALVEZ, MAXIMIANO AUGUSTO. Galinha Nana; ilustrações e capa de Maria da Conceição. Rio de Janeiro, Livro vermelho dos telefones, 1955, 31 p. ilus. 27 cm. [Coleção para crianças, v. 1].

A vida da galinha Nana e seus pintinhos, contada em versos.

GORI, JOSÉ ROMANO. 1909. Os granfinhos da roça [por] Romano. [São Paulo, Paulinas] [s.d.] 85 p. ilus. 17 cm.

Os apuros de Núncio e Tano, dois irmãos gêmeos, velhos, carecas, magros e de óculos.

GRIMM, JAKOB KARL. 1785-1865. Branca de Neve e outras histórias bonitas [pelos irmãos] Grimm. 2.ª edição. São Paulo Brasil, [s.d.] 75 p. ilus. 25 cm.

Cinco histórias de fantauas e encantamento, sendo a primeira já célebre história da Branca de Neve.

GRIMM, JAKOB LUDWIG KARL. 1785-1865. Cobre-te mesa [pelos irmãos] Grimm. [São Paulo] Brasil, [s.d.] 151 p. ilus. 21 cm.

Um alfaiate expulsa seus três filhos, pelas intrigas de uma cabrinha que falava. Ilustrações animadas.

GRIMM, JAKOB LUDWIG KARL. 1785-1865. A criada dos gansos [pelos] irmãos Grimm; ilustrações de Barbara Schubert; tradução de Anne Elise. [São Paulo] Melhoramentos [1957] 51 p. ilus. 20 cm. [Ouro, v. 22].

História de uma criada que se faz passar por princesa para casar-se com um príncipe.

GRIMM, JAKOB LUDWIG KARL. 1785-1865. João de Ferro [pelos] irmãos Grimm; ilustrações de Renate Eggens. [São Paulo] Melhoramentos [1956] 27 p. ilus. 20 cm. [Ouro, v. 24].

Aventuras de um príncipezinho roubado por João de Ferro, um selvagem encantado.

GRIMM, JAKOB LUDWIG KARL. 1785-1865. Joaquim e Maria e outras histórias [pelos] irmãos Grimm; tradução de Rachel Beltrão do Valle. 2.ª edição. São Paulo, Brasil, [s.d.] 91 p. ilus. 26 cm.

A conhecida história de dois meninos que caíram prisioneiros da velha que morava numa casa feita de doces.

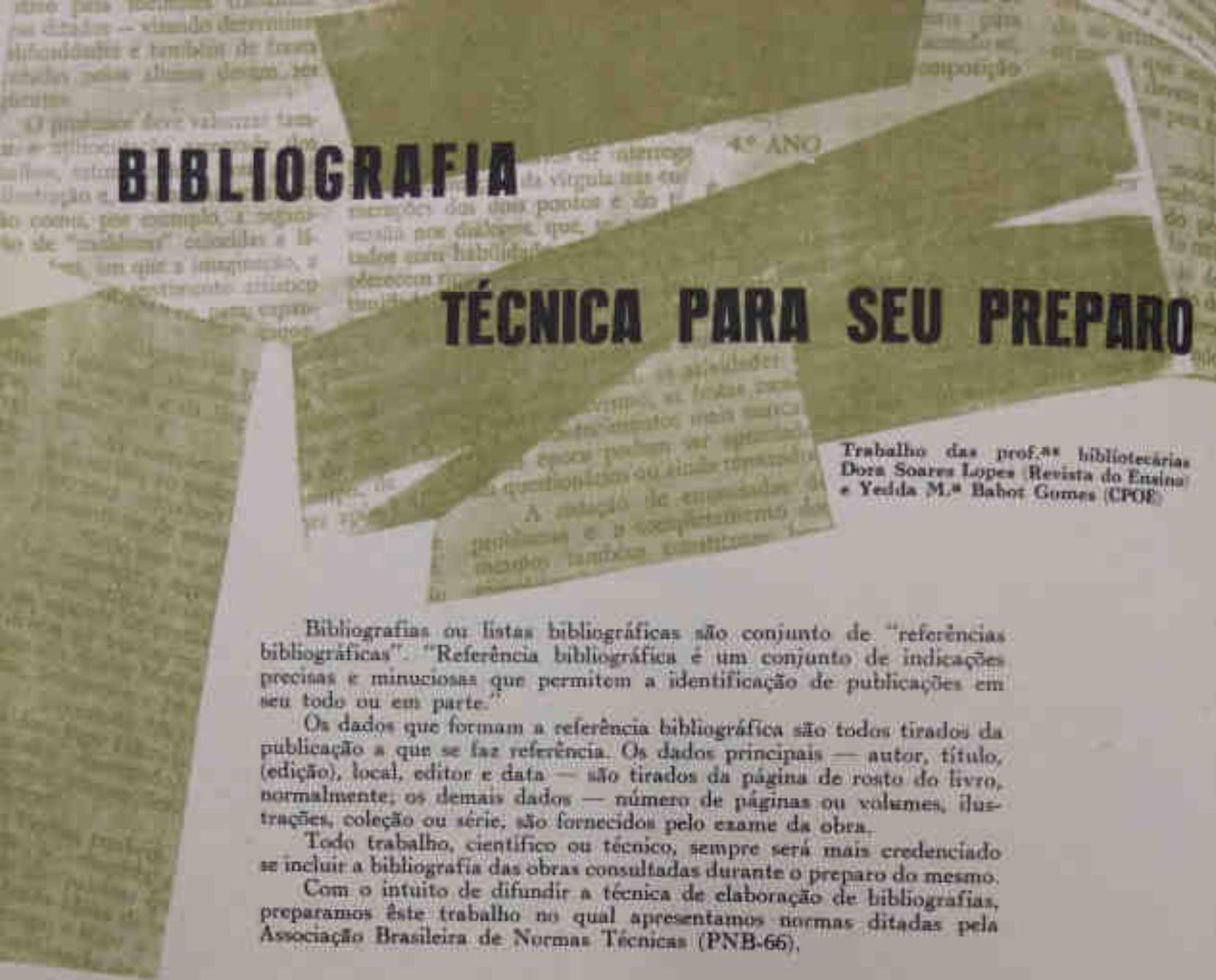
GRIMM, JAKOB LUDWIG KARL. 1785-1865. O lobo e os sete cabritinhos [pelos] irmãos Grimm; ilustrações de Herbert Leupin. [São Paulo] Melhoramentos [1955] 12 p. ilus. 24 cm. [Histórias maravilhosas].

Os sete cabritinhos que foram comidos pelo lobo na ausência da mãe.

GRIMM, JAKOB LUDWIG KARL. 1785-1865. A mulher do pescador [pelos] irmãos Grimm; tradução de E. Döppenschmitt; ilustrações de Paulo Amaral. [São Paulo] Melhoramentos [1955] 27 p. ilus. 20 cm. [Ouro, v. 14].

História da mulher de um pescador, cuja vaidade a tornou infeliz. *

(Continua no próximo número).



Trabalho das prof.ªs bibliotecárias
Dora Soares Lopes Revista do Ensino
e Yesida M. Babot Gomes (CPOE)

Bibliografias ou listas bibliográficas são conjunto de "referências bibliográficas". "Referência bibliográfica é um conjunto de indicações precisas e minuciosas que permitem a identificação de publicações em seu todo ou em parte."

Os dados que formam a referência bibliográfica são todos tirados da publicação a que se faz referência. Os dados principais — autor, título, (edição), local, editor e data — são tirados da página de rosto do livro, normalmente; os demais dados — número de páginas ou volumes, ilustrações, coleção ou série, são fornecidos pelo exame da obra.

Todo trabalho, científico ou técnico, sempre será mais credenciado se incluir a bibliografia das obras consultadas durante o preparo do mesmo.

Com o intuito de difundir a técnica de elaboração de bibliografias, preparamos este trabalho no qual apresentamos normas ditadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (PNB-66).

Em listas bibliográficas, as referências devem ser ordenadas alfabeticamente e numeradas em ordem crescente. O número correlativo se escreve antes do nome do autor, seguido de ponto. A dois espaços se comece a escrever o nome do autor. Ex.:

1. BORGES, Pedro

2. CUNHA, J. E.

Os elementos principais da referência bibliográfica — nome do autor, título da obra, notas tipográficas (impressão), notas bibliográficas — devem ser separados entre si por um ponto, seguidos de dois espaços. Entretanto, como já vem sendo usado, pode-se separar o nome do autor por um hifen.

1 — LIVROS (folhetos, etc. considerados no todo)

i. Autor. Dá-se entrada pelo sobrenome, em maiúsculas, figurando depois o(s) prenome(s) ou outros elementos secundários do nome, separados por vírgula. Ex.:

ALMEIDA, Napoleão Mendes de

a) **Dois autores.** Mencionam-se ambos, sempre o sobrenome antecedido o prenome, ligados por "&". Ex.:

DIAS, Antônio Castano & COSME, Luis

b) **Mais de dois autores.** Menciona-se o primeiro, seguido de "et alii". Ex.:

RACHOU, René Guimarães et alii.

c) **Editor intelectual ou compilador de obra coletiva,** não se tratando de periódico ou publicação seriada, é considerada como autor. Usa-se, então, após o nome, e separada por vírgula, a abreviatura ed. Ex.:

AZEVEDO, Fernando de, ed.

d) Se uma obra for publicada sob pseudônimo, este deve ser adotado na referência. Se o nome verdadeiro é muito conhecido, sera indicado, entre colchetes, depois do pseudônimo. Ex.:

BLAKE, Nicasius, pseud. [Lewis, Cecil Day]

e) **Entidades como autor.** Re-

o nome da entidade em
município, seguido do nome da ci-
dade em que se localiza, separado
por vírgula. Ex.:
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE NORMAS TÉCNICAS,
Rio de Janeiro.

Quando a entidade é órgão ou
órgão administrativa de país, esta-
do, município, etc., seu nome deve
ser precedido pelo respectivo nome
geográfico, na forma tradicional
tipográfica. Ex.:

BRASIL — Ministério da Edu-
cação e Cultura.

Quando a entidade coletiva é
superior ao órgão central, suprime-
se a organização intermediária. Ex.:
BRASIL — Instituto Nacional
do Livro.

e não.
BRASIL — Ministério da Edu-
cação e Cultura. Instituto
Nacional do Livro.

3) **Obras anônimas.** A refe-
rência bibliográfica de uma obra
anônima é feita pelo título. Ao dar
entrada por título, a primeira pala-
vra desse título (que não seja um
artigo) se escreve com letra maiú-
scula. Ex.:

A PREVIDÊNCIA social no
Brasil

The GOLDEN book of animals

Nota. Quando o autor for re-
presentado por algum sinal, por
exemplo... (reticência) ou * (aste-
nus), a obra é considerada anônima.

4) Ao referenciar mais de um
trabalho do mesmo autor, sucessi-
vemente, o nome do autor, a partir
da segunda referência, deve ser sub-
stituído por um travessão simples.
Ex.:

FREIRE, Gilberto — Casa
grande e senzala...
— Sobrados e mocam-
bos...

Usa-se travessão simples, tam-
bém, substituindo o título, quando
se faz referência a várias edições de
uma obra, sucessivamente. Ex.:

FREIRE, Gilberto — Sobrados e mocambos...
— ... 2^a ed.

Recomenda-se manter a pon-
tuação adequada, quando se faz uso
de travessão.

2) **Título.** A dois espaços do
nomes do autor, ou separado dele por
um hifen, se reproduz o título tal
como figura na obra ou trabalho re-
ferenciado, transliterado se nec-
essário, e posto em destaque, tipogra-
ficamente, pelo uso de tipo itálico

ou grifo (nos trabalhos datilografados
será sublinhado). Ex.:

TRIGUEIROS, F. dos Santos
Museus; sua importân-
cia na educação do povo.

ou
TRIGUEIROS, F. dos Santos
Museus; sua importân-
cia na educação do povo.

A segunda linha e as seguintes,
de uma referência bibliográfica, de-
vem escrever-se a dois espaços da
letra inicial do sobrenome do autor.
(Exemplo anterior).

a) Subtítulo que contém infor-
mação essencial deve ser transcrito,
sendo separado do título por ponto
e vírgula. (Exemplo anterior). Se
não contiver informação importan-
te, pode ser suprimido.

b) Se for necessário traduzir o
título de um documento, a tradução
deve aparecer após o título, entre
colchetes. Ex.:

JONES, Gwin O. — Van
atoom tot heelal [os áto-
mes e o universo].

c) **Obras traduzidas.** Nas
obras traduzidas indicar-se-a o títu-
lo original, quando for mencionado
no documento (ex. 1); quando não
for mencionado, indica-se, em nota,
o idioma original do texto (ex. 2), a
não ser que esta indicação já apare-
ça na mesma referência bibliográ-
fica (ex. 3). Exemplos:

1) **AGG, Thomas Radford** —
Construção de estradas e pavimentações
[Constructions of roads and pavements]. Trad. e
adapt. por Paulo Michelles de Miranda. Rio
de Janeiro, Livro Técnico, 1957. 519p., ilust.

2) **HEMINGWAY, Ernest** —
Por quem os sinos do-
braram. Trad. de Monteiro Lobato. São Paulo,
Ed. Nacional (1956) 417p.
(Original inglês)

3) **ANDERSON, J. W.** —
Manual du prospec-
teur; guide pour la
recherche des gîtes mi-
neraux et métallifères,
traduit de l'anglais,
d'après la 8^a édition
par Joseph Rosset.

3) **Edição.** Após o título, sepa-
rada por um ponto, se indica a edi-
ção (caso não se trate de 1^a edição).
O número e a palavra edição devem
ser abreviados de acordo com a lin-
guagem em que é escrita a obra. Ex.:

FERRAZ, Wanda — A biblioteca. 5^a ed.

JOHNSON, M. F. COOK, D.
F. — Manual of cataloging and
classification for small school
and public libraries. 4th. ed.

4. Notas tipográficas.

Os elementos das notas tipo-
gráficas — local de publicação, edito-
r, data — devem ser separados
por vírgula e encerrados por ponto.
Indicam-se a dois espaços do título,
ou da edição. Ex.:

FERRAZ, Wanda — A biblioteca. 5^a ed. Rio de Janeiro,
Liv. Freitas Bastos, 1957.

a) **Local de publicação.** O
nome do local (cidade) deve ser indi-
cado tal como figura na publicação
referenciada. Quando se trata de no-
mes homônimos de cidade, acres-
centa-se o nome dos respectivos
países ou estados. Ex.:

Cambridge, Mass.
Cambridge, Ing.

Quando há mais de uma cidade,
indica-se a da casa matriz do editor
(quando houver dúvida, a primeira
citada).

Quando não se encontra o nome
do local na folha de rosto do livro,
mas se encontra em outra parte da
obra, indica-se na referência entre
colchetes. Ex.:

BORGES, Pedro — A realiza-
ção alimentar brasileira.
(Rio de Janeiro)

O uso de colchetes dispensa ví-
rgula ou ponto (exceto após abrevia-
tura).

Sendo impossível determinar o
local, indica-se: [s.l.] isto é, abrevia-
tura de sem local, entre colchetes.

b) **Editor comercial.** O nome
do editor deve ser transcrito tal
como figura na publicação referen-
ciada. Os prenomes e outros elemen-
tos que designam a natureza ju-
ídica ou comercial do nome devem
ser abreviados ou eliminados. Ex.:

J. Olympio (e não: Livraria
José Olympio Editora)

Liv. Kosmos (e não: Livraria
Kosmos Editora)

Ed. das Américas (e não: Edi-
tória das Américas)

Quando, além do editor comer-
cial, há um órgão respon-
sável ou distribuidor, indi-
cam-se ambos. Ex.:

Salvador, Univ. da Bahia, Liv.
Progresso
Rio de Janeiro, Sul América
Cap., Dist. Liv. São José

Quando o editor não aparece na

fólio de rosto da publicação, mas se encontra em outro local, indica-se na referência entre colchetes. Quando não há indicação alguma de editor, indica-se [s. ed.] isto é, abreviatura de sem editor, entre colchetes.

c) Data. O ano de publicação é sempre indicado em algarismos árabicos, sem espaçamento, sem ponto. Ex.:

1960 e não 1.960 ou 1.960

Quando não se encontra a data na folha de rosto, mas em outro lugar, menciona-se na referência entre colchetes. Ex.: [1960]. Não havendo nenhuma indicação de data, indica-se [s.d.] isto é, abreviatura de sem data, entre colchetes.

Quando não se encontra dado algum para as notas tipográficas em qualquer parte do livro, indica-se [s.n.t.], isto é, abreviatura de sem notas tipográficas.

Nos trabalhos datilografados, como as máquinas geralmente não trazem o sinal de colchetes, é uso substituí-lo por traços verticais.

5. Notas bibliográficas. Os elementos das notas bibliográficas devem ser separados entre si por vírgulas.

a) Número de páginas ou volumes. Indica-se o número de páginas, quando a publicação só tem um volume. Quando a publicação tem mais de um volume, indica-se o número de volumes. Abrevia-se página por p. e volume por v., e indicam-se esses elementos a dois espaços da data. Ex.:

1957. 260p.

1960. 5 v.

Quando numa obra aparecem páginas numeradas em algarismos romanos, se contiverem matéria importante, serão registradas. Ex.:

CXXI — 120p.

b) Ilustrações. As ilustrações de qualquer natureza são indicadas pela abreviatura ilust. a um espaço das páginas ou volumes, separado por vírgula.

560p., ilust.

4v., ilust.

6. Notas complementares

A série ou coleção de que uma obra é parte deve ser indicada depois das notas bibliográficas e entre parênteses. Ex.:

BORGES, Pedro — A realidade alimentar brasileira — [Rio de Janeiro] Serviço de documentação do M.A.I.C. [1957] 136p. (Coleção Lindolfo Collor)

II — REFERÊNCIA À PARTE OU CAPÍTULO DE UMA OBRA (livros, folhetos, etc.)

Ao citar parte de uma obra, indicam-se o autor e o título da parte a que se quer fazer referência, segundo as normas usuais. A dois espaços escreve-se a palavra In seguida de dois pontos e, após, indicam-se autor, título e notas tipográficas do livro que contém a parte referenciada, com a pontuação usual. Separado por dois espaços indicam-se as páginas que contêm a parte referenciada. Quando o autor da parte é o mesmo da obra em que está contida, para evitar repetição, seu nome será substituído por um trecho que precederá o título. Ex.:

CAMPOS, Humberto de — "O Sonâmbulo". In: Oliveira, Carolina R.R. Livro de leituras escolhidas. São Paulo, Graf. Biblos, 1951. p.45.

COUTINHO, Afonso — "Simbolismo, impressionismo, modernismo". In: — Introdução à literatura no Brasil...

Recomenda-se destacar, escrevendo entre aspas, os títulos de capítulo ou parte de obras.

III — PERIÓDICOS

(revistas, jornais, etc.)

No caso de publicações periódicas ou seriadas referenciadas no todo, dê-se entrada pelo título do periódico, todo em maiúsculas, seguido dos seguintes dados: a) local de publicação; b) editor (entidade responsável se não consta do título) e/ou editor comercial (se não for o mesmo); c) ano do 1.º volume, e se a publicação cessou, também do último; d) periodicidade. Ex.:

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1944 — Trimestral.

BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1954 — Trimestral.

REVISTA MINEIRA DO ENSINO, Belo Horizonte, Edições Ensino, 1959-1960

Ao fazer referência a artigos publicados em periódicos (revistas, jornais, etc.) o procedimento é semelhante ao da citação de parte de uma

obra: entrar pelo nome do autor, seguido do título de acordo com as regras usuais. Após, indicar, em destaque, o nome do periódico que contém o artigo referenciado, seu local de publicação, número da volume (ou ano), número do fascículo, página inicial e final do artigo, data. Para jornais, não se indica número de volume ou fascículo, podendo citar após a data, número ou título de caderno, suplemento ou seção, página.

Nas referências bibliográficas de artigos de periódicos, a indicação de volume, fascículo e página é feita diretamente pelos números, substituindo-se as abreviaturas v., e p. pelas seguintes indicações:

número do volume em destaque;

número do fascículo entre parênteses;

número de páginas precedido por dois pontos; exemplo:

a) artigo de periódico:

BONILLA, Frank. — A educação e o desenvolvimento político no Brasil.

Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, 38 (8): 45-75, out. dez., 1962.

b) artigo de jornal:

ECHENIQUE, Sylvio da Cunha. — Como música de rumba em bochecho de verão. Correio do Povo, Porto Alegre, 15 set. supl. cur.º

IV — EXEMPLOS DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Obras com um só autor:
SALEM, Nasira — Literatura infantil. São Paulo, Mestre Jou [1959] 256p.

2. Obras com dois autores:
MARINHO, Heloisa & LUIZ, Isabel M. — Vamos representar? Rio de Janeiro, Agir, 1953. 136p.

3. Obras com mais de dois autores:
LIMA, Edith Guimarães et alii - Exercícios de linguagem (gramática funcional). Porto Alegre, Liv. Selbach, [s.d.] 94p., ilust.

4. Obras em que uma entidade é autor:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, Rio de Janeiro — Normalização da documentação no

- Brasil. Rio de Janeiro. IBRD. 1960. 104p.
- 5 Quando a entidade é órgão ou agência administrativa do país, atuando no município:
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Serviço de documentação — Organograma do ensino no Brasil. Rio de Janeiro, 1960. 20p.
- 6 Quando a entidade coletiva é sujeito ao órgão central:
- RIO GRANDE DO SUL. Centro de Pesquisas e Orientação Educacional — Sugestões de atividades a serem desenvolvidas na escola primária. [S.l.] 1956. 97p.
- 7 Obras anônimas:
- A PREVIDÊNCIA social no Brasil. [s.l.] Léo [s.d.] 35p.
- 8 Obras com subtítulos:
- STOTT, C. A. — School libraries; a short manual. Cambridge, University Press, 1947. 143p.
- 9 Obras traduzidas:
- INGLES, May — Ensinando o uso do livro e bibliotecas; manual para professores e bibliotecários. Trad. de Sylvio do Valle Amaral. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1952. 188p. [original inglês].
- HEMINGWAY, Ernest — Por quem os sinos dobraram. Trad. do original inglês por Monteiro Lobato. São Paulo, Ed. Nacional [1956] 417p.
- 10 Datas em mais obras do mesmo autor e com mais de uma edição:
- AZEVEDO, Fernando de — A

- cidade e o campo na civilização industrial e outros estudos. [São Paulo] Melhoramento [s.d.] 269p.
- A cultura brasileira; introdução ao estudo da cultura no Brasil. São Paulo, Nacional [s.d.] 529p.
- 2.ª ed.
10. Obras que pertencem a uma série ou coleção:
- LABBENS, Jean — A sociologia religiosa. Trad. do francês de José Aleixo Delagnello. [Rio de Janeiro] Flamboyant, 1925. 127p. (Coleção Sei e Creio)
11. Citação de um capítulo de uma obra:
- BELLO, Roy de Ayres — "O sistema escolar". In: — Princípios e normas de administração escolar. — Porto Alegre, Globo. [1956] p.59-58.
12. Citação de um capítulo de um livro de vários autores:
- RANGANATHAN, S. R. — "Colon classification". In: Shera, Jesse H. Bibliographical organization. Chicago, University of Chicago Press, 1951. p.94-105.
13. Citação de uma coleção de revistas:
- REVISTA DO ENSINO. Porto Alegre, Secretaria de Educação e Cultura, 1951. — Mensal.
14. Citação de artigo de revista com autor próprio:
- CABRAL, Eddy F. — Divisão

- de Ciências Sociais. Revista do Ensino, Porto Alegre, 10(76), 77-85, mai. 1962.
15. Citação de artigo de revista não assinado, com entrada pelo título:

EXPERIENCIAS en las bibliotecas infantiles. Biblioteca-nuria, Barcelona, 5, oct.-dic. 1946, p.514-517.

16. Citação de artigos de jornal:
- HONORIO, Hilário — Fólia com tópicos. Fólia da Tarde, Porto Alegre, 18 de set. 1963.

17. Citação de separatas:
- RIO GRANDE DO SUL. Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem — Bandeiras, armas e flâmulas do DAER e do Estado do R. G. do Sul, 1956, p.1-18. Separata do Boletim do DAER, Porto Alegre, 18 (69) set/out. 1955.

Nota: Separata é a reimpressão de parte de uma obra com as mesmas características da obra original, conservando a mesma paginação.

BIBLIOGRAFIA.

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Rio de Janeiro. Referencias bibliográficas. In: — Normalização da documentação no Brasil. Rio de Janeiro, IBRD, 1960. p. 88-98.
- UNION PANAMERICANA. Washington. Normas elementales a seguir en la preparación de bibliografías o listas de libros u otras publicaciones. Washington, OEA, 1960. 9 p. Cuadernos bibliotecológicos, n. 2. *

PRINCÍPIOS GERAIS

(Conclusão da pág. 59)

da (operação da palavra) como meio de reeducação dos retardados.

3.º O método de ensino especialmente será sempre eclético, no entanto, mais do que qualquer outra, deverá ser funcional e concreto, recorrendo-se aos métodos que estimulam as funções mentais para as atividades que requeriam inteligência prática e facilitem a aquisição de noções básicas;

4.º Para as idades mentais inferiores e para os retardados desenhados muito cedo, os métodos de educação sensorial são fundamentais

(Descobrões e Montessori) sem excessivo pragmatismo;

b) Para as idades mentais mais elevadas, a observação sistemática (tipo Decroly) e a observação prática são as mais indicadas:

— lição das coisas
— exercícios de associação no tempo (iniciação à história)
— exercícios de associação no espaço (iniciação à geografia)
— exercícios de medida (iniciação ao cálculo)

c) Os elementos deverão ser divididos em função de idade mental;

grupando-se por séries de dificuldades crescentes;

d) A distribuição das matérias a serem ensinadas levará em conta a necessidade de executar cada coisa por sua vez e por tempo prolongado. Não se deve recorrer a exercícios de recapitulação e de repetição, destinados a fixar a aquisição de mecanismos de base e de conhecimentos à altura dos retardados;

e) Na organização de programas de trabalho pedagógico não é aplicável o programa do ensino primário comum, mas não podemos perder de vista que, para haver adaptação social, é preciso recorrer à leitura, à escrita, ao cálculo e aos processos de expressão. *

PROBLEMAS DE...

(Continuação da pág. 67)

ou resolvê-los; enriquecer seu meio ambiente, quando possível, e harmonizar-se com ele, quando necessário; planejar o que pretende fazer e não temer o futuro; saber usar suas capacidades naturais e acolher novas ideias e experiências; fixar para si mesma metas realistas e pensar e decidir por conta própria; dedicar-se aquilo que faz e encontrar satisfação ao fazê-lo.

Se atentarmos atentos a essas características de saúde mental e esforçarmo-nos para conquistá-las, garantiremos para nós próprios e para nossos filhos uma maneira mais gratificadora e mais feliz de viver e de fazer os outros felizes. *

LABORATÓRIO DE...

(Continuação da pág. 8)

mesmo, este espírito renovador, em todas suas iniciativas. Na Escola

Primária é propício a utilização dos materiais para as crianças trabalharem, pesquisarem, descobrirem. Grupos de alunos vêm ao Laboratório — crianças que estão com certas deficiências — como se vai a uma clínica, fazer trabalhos que possam suprir as suas deficiências. Além disto, o Laboratório tem se feito presente no Estado e no País através de cursos, palestras e, principalmente, através da bibliografia e modelos de materiais. As pesquisas no campo de matemática que ele tem proporcionado são inúmeras e, entre elas, temos: — "O estágio que atravessamos em matemática. Processos que a criança da nossa Escola Primária utiliza quanto às operações fundamentais. Levantamento das experiências que as crianças trazem de sua vida." Nestes pontos, o Laboratório tem feito um trabalho sem precedentes, de uma importância bem definida, extraordinária, levando-o a tornar-se um pioneiro no Rio Grande do Sul, e talvez, no Brasil. *

A CRIANÇA E A...

(Continuação da pág. 25)

Há ainda os textos. Um texto oferece diversas oportunidades para que a criança seja levada a escrever. Assim, por exemplo, dando opiniões sobre uma parte, ou sobre o todo e justificando-a julgando seu conteúdo, ou completando-o de maneira que tenha unidade, harmonia e adequação.

Isto tudo será práticamente preparado e, depois, escrito. Sempre, em primeiro lugar, vamos pensar sobre a criança nas condições que está e nas que pode alcançar — vamos pensá-la em termos de possibilidades e procurar os meios que as converterão em realidade. E a professora encontrará, na base disto, a necessidade não de fazer a criança escrever, mas de fazê-la pensar e pensar corretamente. A professora que tem em mente que ensinar a escrever é, antes de tudo, ensinar a pensar, conseguirá ensinar a escrever. *

ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS...

(Continuação da pág. 3)

grafia, o qual esclarece quanto a ser ou não o rio Tocantins afluente do Amazonas.

"Tocantins: não independente"

O fato de o Tocantins desembocar na Região do chamado "delta-estuário" do Amazonas — se bem que no largo braço de água que separa, ao sul, a ilha de Marajó do continente, tradicional e imprecisamente conhecido por "rio Pará" — tem levado alguns estudiosos da hidrografia sul-americana a afirmar que aquele grande curso d'água do Planalto Brasileiro é afluente do Amazonas.

Se atentarmos, porém, para a drenagem atual desta região extremo-oriental da Amazônia, constatamos a redondíssima influência que o rio Amazonas tem na alimentação do "rio Pará", cujas águas provêm, principalmente, dos rios que nêle desembocam, e, notadamente, do Tocantins, pois, a contribuição hidráulica do Amazonas — que ali vem ter através dos inúmeros "furos" que separam, a oeste, a ilha de Marajó do continente — é mínima, comparada com o imenso volume d'água ali despejado pelo Tocantins, Anapu, Pacajá e Jacundá.

Se outrora, no início da formação da ilha de Marajó, ou seja, nos princípios da era quaternária, o rio Amazonas bifurcava-se em seu grande estuário ao encontrar esta ilha em crescimento, possuindo dois canais, largos e profundos (um ao norte e outro ao Sul), tal não se observa hoje em dia. Isto porque o

entulhamento progressivo do pequeno mediterrâneo de águas doces outrora existente entre a primitiva costa oeste da ilha de Marajó e o continente veio a dar a "região dos furos", que assim barrou a saída sul do Amazonas, fazendo com que este rio passasse a lançar no Atlântico as suas volumosas águas, sómente pelo seu antigo canal do Norte.

Tudo indica que o Tocantins sempre teve o seu estuário próprio (ao qual vinham fer as águas do Amazonas, que defluiam pelo seu extinto canal do Sul), estuário que lançado na direção geral SW-NE percorreria a borda oriental da grande fossa de Marajó. Assim, o Amazonas teria sido, por um de seus braços terminais afluente do Tocantins.

A influência ou não do Tocantins ao Amazonas ainda suscita controvérsias entre aqueles que não examinaram o "problema" do ponto de vista geomorfológico. No capítulo II do presente volume o geógrafo Antônio T. Guerra, apresenta as razões geológicas e geomorfológicas que esclarecem definitivamente esta questão. Há mais de um decénio já escrevia o prof. Matias Rodo, afirmando com a sua incontestável autoridade de eminente geólogo: "outra questão que muito tem feito gatar tinta e papel é a de ser ou não o Tocantins afluente do Amazonas: nunca foi nem é; em qualquer das épocas passadas teve sempre comunicação livre com o oceano, como hoje em dia tem". (Grifo nosso). *

Mitho dourado

Música de Antônio Gondim

Letra de Pierre Loti

2/4

0 mitho an-se- the E' galo que dâ Eu

ri-nha For-ne-ce hras e pão Palme-nha e ca-g.

T.ª voz 2.ª voz

qui-nha o qui-nha Mitho den- - rá-do Eu Ca-

ra E' pro-va- na mitho ná

2.ª voz

ná... E' pro-va- na mitho ná

The musical score consists of four staves of music for two voices. The first staff starts with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. The lyrics are: "0 mitho an-se- the E' galo que dâ Eu". The second staff continues with the same key and time signature, adding "ri-nha For-ne-ce hras e pão Palme-nha e ca-g.". The third staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 3/4 time signature, with lyrics "qui-nha o qui-nha Mitho den- - rá-do Eu Ca-". The fourth staff concludes with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature, with lyrics "ra E' pro-va- na mitho ná". The vocal parts are labeled "T.ª voz" (1st voice) and "2.ª voz" (2nd voice). The score is set against a background of stylized green leaves and vines.

Paulo Caneãen a
Benedicto Caneãen a

REVISTA DO
ENSINO

PREÇO PARA TODO BRASIL

Assinatura anual - R\$ 6.000,00

Assinatura trimestral - R\$ 1.700,00

Assinatura bimestral - R\$ 700,00

Assinatura mensal - R\$ 300,00

REVISTA DO

ENSINO

Editora Peço de Minas Ltda.

14-1000

Foto: Dreyer - P&E 0000

1988

Retire a importância da sua assinatura por cheque bancário

BNL BNL
BNL BNL
BNL BNL
BNL BNL

